

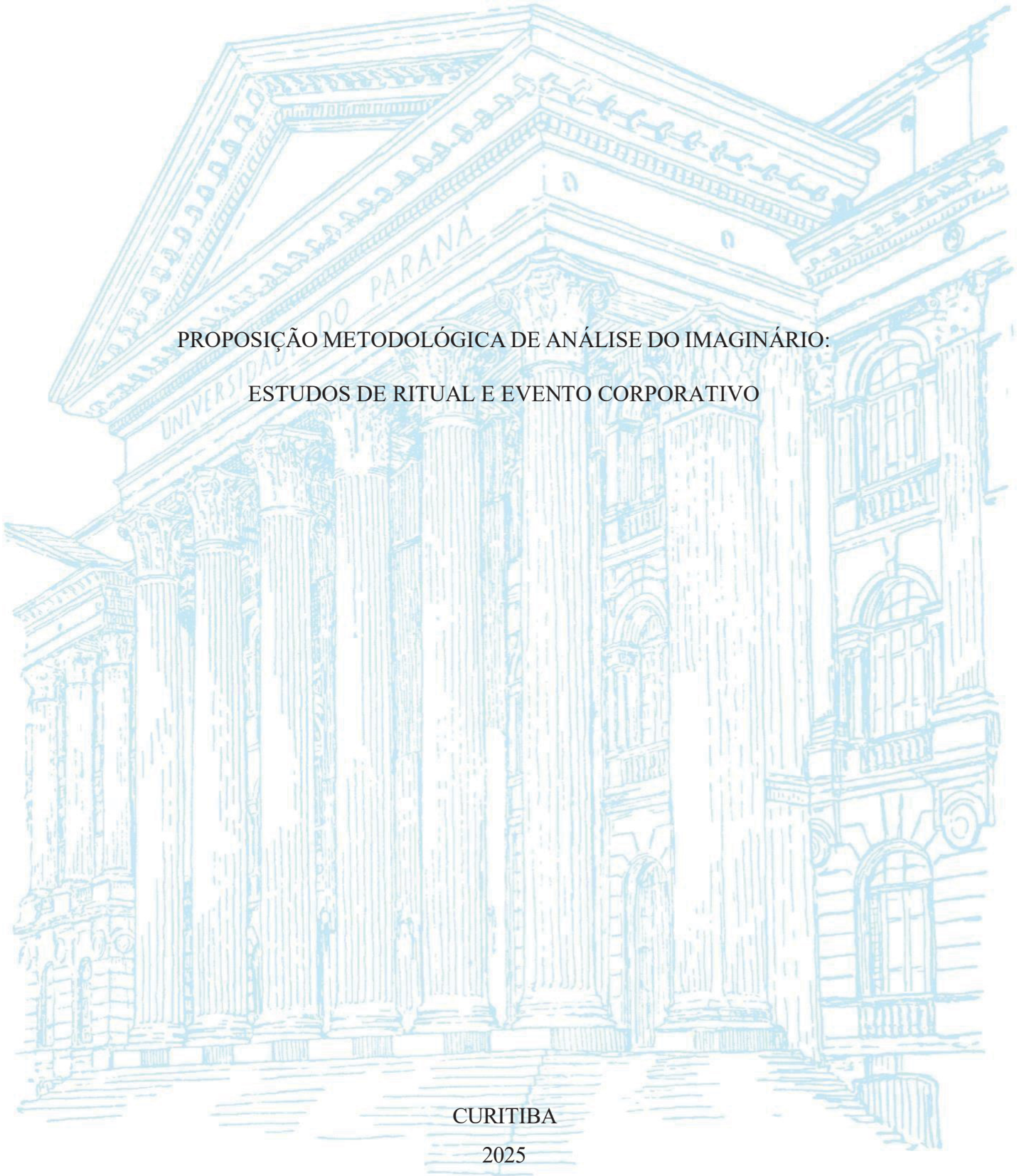
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINE DE FRANÇA UNIGA

PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA DE ANÁLISE DO IMAGINÁRIO:
ESTUDOS DE RITUAL E EVENTO CORPORATIVO

CURITIBA

2025



CAROLINE DE FRANÇA UNIGA

PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA DE ANÁLISE DO IMAGINÁRIO:

ESTUDOS DE RITUAL E EVENTO CORPORATIVO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, no Setor de Artes, Comunicação e Design, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Hertz Wendell de Camargo

CURITIBA

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN - CABRAL

- U58 Uniga, Caroline de França
Proposição metodológica de análise do imaginário: estudos de ritual e evento corporativo. / Caroline de França Uniga. – 2025.
1 recurso online : PDF
- Orientador: Prof. Dr. Hertz Wendell de Camargo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação.
Inclui referências.
1. Comunicação. 2. Imaginário. 3. Eventos. 4. Ritual. I. Camargo, Hertz Wendell de. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Artes Comunicação e Design. Programa de Pós-graduação em Comunicação. III. Título.

CDD: 070.4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **CAROLINE DE FRANÇA UNIGA**, intitulada: **PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA DE ANÁLISE DO IMAGINÁRIO: ESTUDOS DE RITUAL E EVENTO CORPORATIVO**, sob orientação do Prof. Dr. HERTEZ WENDEL DE CAMARGO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica

27/02/2025 00:03:11.0

HERTEZ WENDEL DE CAMARGO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

26/02/2025 18:30:52.0

CRISELLI MARIA MONTIPÓ

Avaliador Interno Pós-Doc (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

28/02/2025 10:09:12.0

MARIO ABEL BRESSAN JUNIOR

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA)

RESUMO

Esta dissertação objetiva uma proposição de metodologia de análise do imaginário em eventos corporativos por meio da Teoria da Complexidade e das cinco versões de imaginário. Focou-se nos eventos corporativos devido ao papel que desempenham no desenvolvimento de negócios, na capacitação de profissionais e na promoção de inovação. Os eventos corporativos são momentos estratégicos que reúnem empresas, colaboradores, clientes e parceiros para compartilhar conhecimento, fortalecer redes de relacionamento e apresentar as mais recentes tendências e tecnologias do mercado. Esses eventos podem variar desde congressos, seminários, feiras, até lançamentos e workshops, sempre com o objetivo de criar oportunidades para expansão de mercado e troca de experiências. Em decorrência dessa relevância, esta dissertação visa propor ferramentas para auxiliarem no desenvolvimento do evento corporativo como uma experiência e no impacto gerado no público quanto a vivência no evento, utilizando-se, para tanto, de uma análise metodológica de renomados autores do imaginário com foco analítico das cinco versões de imaginário. Desta maneira, analisou-se que o processo ritualístico que precede o ato de consumo em si, na participação de um evento corporativo, determina o relacionamento do consumidor com a marca sem estampar um rito, mas valorizando uma perspectiva ritual do cotidiano. Para proceder esta análise, foi realizado estudo de rituais e análise de pensadores relevantes do imaginário, sendo: Michel Maffesoli, Juremir Machado da Silva, Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Henry Corbin. O entendimento dessas vertentes do imaginário possibilitou a interpretação das cinco versões de imaginário juntamente com a Teoria da Complexidade de Edgar Morin. A pergunta da dissertação se concentrou em como uma proposta metodológica do imaginário poderia ser utilizada em eventos corporativos. O resultado se apresentou por meio de uma metodologia fundamenta no Sistema de Ampulheta que se concentrou em preservar o ambiente social onde o evento corporativo é realizado, abordando elementos que interagem para este acontecimento como a entropia gerada pelas experiências vividas no ambiente social, bem como, no momento presente do evento, realizando o exercício da pesquisa utilizando-se das versões de imaginário de Maffesoli e Silva como guias para a instrumentalização da interpretação desta experiência e, por fim; a neguentropia que se dá ao fim da participação do evento, que foi demonstrada nesta pesquisa pelo excedente de significação - que é a última versão de imaginário apresentada por Silva.

Palavras-chave: imaginário; eventos; ritual.

ABSTRACT

This dissertation aims to propose a methodology for analyzing imagery in corporate events through Complexity Theory and the five versions of imagery. It focused on corporate events due to the role they play in business development, training professionals and promoting innovation. Corporate events are strategic moments that bring together companies, employees, customers and partners to share knowledge, strengthen relationship networks and present the latest market trends and technologies. These events can range from congresses, seminars, fairs, to launches and workshops, always with the aim of creating opportunities for market expansion and exchange of experiences. As a result of this relevance, this dissertation aims to propose tools to assist in the development of the corporate event as an experience and the impact generated on the public regarding the experience of the event, using, for this purpose, a methodological analysis of renowned authors of the imaginary with an analytical focus on the five versions of imaginary. In this way, it was analyzed that the ritualistic process that precedes the act of consumption itself, when participating in a corporate event, determines the consumer's relationship with the brand without establishing a rite, but valuing a ritual perspective of everyday life. To carry out this analysis, a study of rituals and analysis of relevant thinkers of the imaginary was carried out, including: Michel Maffesoli, Juremir Machado da Silva, Gaston Bachelard, Gilbert Durand and Henry Corbin. Understanding these aspects of the imaginary made it possible to interpret the five versions of imaginary together with Edgar Morin's Complexity Theory. The dissertation question focused on how an imaginary methodological proposal could be used in corporate events. The result was presented through a methodology based on the Hourglass System that focused on preserving the social environment where the corporate event is held, addressing elements that interact with this event such as the entropy generated by the experiences lived in the social environment, as well as, in the present moment of the event, carrying out the research exercise using Maffesoli and Silva's imaginary versions as guides for the instrumentation of the interpretation of this experience and, finally; the negentropy that occurs at the end of participation in the event, which was demonstrated in this research by the surplus of meaning - which is the last version of imagery presented by Silva.

Keywords: imaginary; events; ritual.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

QUADRO 1 - Pesquisa de estado da arte	13
QUADRO 2 - Evolução das teorias do imaginário	29
FIGURA 1 - Ampulheta como sistema metodológico.....	54
FIGURA 2 - Explicação descritiva da Ampulheta como sistema metodológico	55
FIGURA 3 - Cenografia do evento	77
FIGURA 4 - Cenografia do evento	78
FIGURA 5 - <i>Key visual</i> do evento	80
FIGURA 6 - Viatura elétrica da Guarda Municipal de Curitiba em exposição no evento	83
FIGURA 7 - Robô que reage à presença humana	83
FIGURA 8 - Equipe de trabalho de um estande expositor, com destaque para o uso do crachá do evento em todos os participantes	86

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	ABORDAGEM SISTÊMICA DO IMAGINÁRIO.....	18
2.1	GASTON BACHELARD	19
2.2	HENRY CORBIN	20
2.3	GILBERT DURAND	21
2.4	EDGAR MORIN	22
2.5	MICHEL MAFFESOLI	24
2.6	JUREMIR MACHADO DA SILVA	26
2.7	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	27
3	VERSÕES DE IMAGINÁRIO.....	30
3.1	IMAGINÁRIO COMO AMBIENTE OU ATMOSFERA.....	31
3.2	IMAGINÁRIO COMO FICÇÃO COMPARTILHADA	33
3.3	IMAGINÁRIO COMO FANTÁSTICO DO COTIDIANO	35
3.4	IMAGINÁRIO COMO MEMÓRIA AFETIVA	37
3.5	IMAGINÁRIO COMO EXCEDENTE DE SIGNIFICAÇÃO.....	30
4.	EVENTO CORPORATIVO E RITUALIZAÇÃO.....	42
5.	APLICAÇÃO METODOLÓGICA DAS VERSÕES DE IMAGINÁRIO	49
5.1	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	49
5.2	APLICAÇÃO METODOLÓGICA	53
5.2.1	<i>LIMITAÇÃO DO AMBIENTE SOCIAL (EVENTO).....</i>	<i>55</i>
5.2.2	<i>EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO MOMENTO PRESENTE (ENTROPIA). 59</i>	
5.2.3	<i>APLICAÇÃO DAS QUATRO VERSÕES DE IMAGINÁRIO (EXERCÍCIO DA PESQUISA</i>	<i>62</i>
5.2.3.1	<i>Ambiente: O espaço como organizador de experiências</i>	<i>63</i>
5.2.3.2	<i>Ficção compartilhada: As narrativas coletivas que criam coesão</i>	<i>64</i>

5.2.3.3	<i>Fantástico do cotidiano: A imaginação como forma de organização da realidade</i>	64
5.2.3.4	<i>Memória afetiva: A construção do passado e o sentido das experiências</i>	65
5.2.3.5	<i>Conclusão da aplicação das quatro versões de imaginário</i>	66
5.2.4	EXCEDENTE DE SIGNIFICAÇÃO (NEGUENTROPIA)	67
5.2.4.1	<i>Excedente de significação</i>	68
5.2.4.2	<i>Neguentropia</i>	70
5.2.4.3	<i>Relação entre excedente de significação e neguentropia</i>	70
6.	ESTUDO DE CASO	72
6.1	FIRA BARCELONA E O SMART CITY EXPO CURITIBA	74
6.2	SMART CITY EXPO CURITIBA 2022	76
6.3	ANÁLISE DOCUMENTAL DO EVENTO	76
6.4	VERSÃO: IMAGINÁRIO COMO AMBIENTE OU ATMOSFERA	76
6.5	VERSÃO: IMAGINÁRIO COMO FICÇÃO COMPARTILHADA	79
6.6	VERSÃO: IMAGINÁRIO COMO FANTÁSTICO DO COTIDIANO	82
6.7	VERSÃO: IMAGINÁRIO COMO MEMÓRIA AFETIVA	85
6.8	VERSÃO: EXCEDENTE DE SIGNIFICAÇÃO	87
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
8.	REFERÊNCIAS	96

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em sociedade, nos relacionando e convivendo com pessoas em nossos ambientes de trabalho, de estudo, na nossa família e em relacionamentos amorosos. Valorizamos, principalmente, a convivência com as pessoas que escolhemos compartilhar nossos sentimentos e vivências – nossos amigos. E mesmo tendo níveis de convivência distintos com cada pessoa do nosso círculo diário, nos relacionamos com todos. O colega de trabalho que senta ao lado no escritório, no início, foi um completo estranho, mas com a convivência diária se torna um amigo, uma relação construída com afinidades e respeito. Os parentes que você não escolhe e que podem ser estimados ou não. O filho que você ama antes mesmo de ver pela primeira vez é outro tipo de relação e de sentimento, o amor brota e aumenta progressivamente com a convivência. “[...] Vale considerar a sincronia ou a sinergia das forças que agem na vida social. Redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade” (Maffesoli, 2018, p. 147). Vivemos em comunidades, podemos não falar o mesmo idioma, às vezes, podemos não conseguir nos comunicar verbalmente, mas as imagens e as expressões faciais nos entregam e nos desvelam.

Na realidade, expressões e imagens entregam muito mais, são a transferência dos nossos pensamentos, impressões orientadas sociologicamente dos nossos sentimentos. (Malrieu, 1996). Em comum, todos são seres humanos, compõem nossa sociedade e convivem, apesar de cada um ter os seus próprios pensamentos. “A sociedade e a individualidade surgem-nos, assim, como duas realidades simultaneamente complementares e antagonistas” (Morin, 1973, p. 38). Convivemos sendo singulares e coletivos, individuais e sociais, imprimimos sentido em nossas convivências e nas imagens do nosso cotidiano, o que inclui também produzir imagens. “Se a imagem é representação, imaginar significa representar alguma coisa por meio de várias linguagens. [...] A comunicação significa, acima de tudo, o partilhamento de imagens circulantes na cultura” (Camargo, 2013, p. 30). Essa produção de imagens é o próprio significado de imaginação que tem a base de suas características composta pelas aptidões do pensamento que “precedem e excedem os dados sensoriais e, evidentemente, a partir de índices sensíveis, o espírito pode conceber o que escapa aos sentidos. [...] Prisioneiro de uma cultura, o espírito só pode libertar-se com ajuda da cultura” (Morin, 2011, p. 113-114).

Dessa maneira, desde o nascimento, o ser humano é envolvido pelo seu entorno social e cultural. Seu conhecimento é estruturado sob essas influências, sendo banhado

por memória biológica e memória cultural, para fundamentar seu próprio conhecimento, estruturar seus pensamentos e povoar sua imaginação. Esse é o *imprinting* cultural citado por Morin (2011) em sua obra Método 4, pertencente a publicação de sua coletânea Métodos, fixando o comportamento e as crenças na nossa sociedade, demonstrando a maneira como a cultura age no nosso cérebro e, da mesma forma, em sentido de mão dupla, como o nosso cérebro - comportamento age na cultura. Somos o que o *imprinting* cultural nos permite, nos delinea. Somos o que podemos ou conseguimos ser no meio em que vivemos. Morin (2011) explica que o *imprinting* cultural está presente em nós a partir do nosso nascimento, sendo fixado irreversivelmente em nosso cérebro durante as mais novas idades, moldando individualmente o conhecimento espiritual e social por meio das condições que nos cercam. Para facilitar e ilustrar nosso entendimento quanto ao *imprinting*, Morin (2011) cita o exemplo do passarinho que, ao sair do ovo, passa a seguir o primeiro ser vivo ao seu alcance, como se fosse sua mãe. É impossível visualizar diferentemente do que se mostra na realidade, é impresso na consciência do ser a normalização dos meios sociais e culturais do seu entorno.

A partir do *imprinting* cultural apresentado por Morin (1973 e 2011), esta dissertação se apóia, em uma análise da imaginação noológica, que é também contextualizada por Morin (2011) como a biosfera do pensamento, a área onde a humanidade e os deuses se encontram, o local onde o pensamento existe por si só, sem nenhum esforço, é natural e acontece sem que se tenha consciência do pensar. “A noosfera emerge, como uma realidade objetiva, dispondo de relativa autonomia e povoada por entidades que denominaremos seres do espírito” (Morin, 2011, p. 141). A relevância do contexto cultural e da biosfera se dá neste trabalho devido a necessidade de ambientar o tempo do pensamento, o valor da imaginação e a recursividade de que toda a comunicação é pautada no nosso inconsciente, originalmente estruturado pelo *imprinting* e pela noosfera dentro desta análise.

Neste cenário faz-se uma análise por meio do resgate das teorias do imaginário ao longo da segunda metade do século XX e início do século XXI, citando autores relevantes a este tema. Dentre eles, os principais autores que compõem o quadro teórico, além de Morin (1973, 2008, 2011, 2015 e 2018), são: Bachelard (1993, 2018 e 2019), Durand (1995, 2012 e 2017), Corbin (2023), Maffesoli (1984, 2001, 2011, 2018 e 2021) e Juremir Machado da Silva (2017, 2020, 2021 e 2024). Este último autor apresentou o artigo Cinco Versões de Imaginário na Revista Memorare (2020, p. 08-14), posteriormente publicado

no livro intitulado *Aura e Imaginário* (2021, p. 23-32), com a proposta da hipótese de condensação do imaginário em “cinco possibilidades de definição ou de aproximação do termo imaginário: ambiente; ficção compartilhada socialmente, fantástico do cotidiano; excedente de significação e memória afetiva” (Silva, 2020b, p. 08).

É devido a essa hipótese de condensação do imaginário nessas recentes cinco versões e no aconselhamento do autor que convida ao final do artigo: “Cada pesquisador pode testar essas noções em trabalhos de campo” (Silva, 2020, p. 13), que se estrutura a pergunta desta dissertação: Como uma proposta metodológica do imaginário pode ser utilizada em eventos corporativos?

Com foco na proposta metodológica de análise do imaginário é fundamental destacar o autor Érick Felinto (2022 e 2024) que estuda o imaginário, e publicou recentemente artigos referentes a importância de se desenvolver metodologias capazes de articular imaginação e ambiência, devido a relevância do imaginário e da atmosfera nos estudos de comunicação. “[...] Não menos estranho e especulativo é situar o imaginário no centro da maquinaria social, determinando a 'racionalidade' de nossas escolhas e revelando a medida de ficção que ajuda a constituir a realidade” (Felinto, 2024, p. 25).

Referente ao que se sabe acerca de uma possível metodologia de pesquisa do imaginário, destacam-se três autores: Juremir Machado da Silva (2020 e 2021), Ana Taís Martins Portanova Barros (2010 e 2018) e Malena Contrera (2017 e 2018). Relevante destacar o artigo ‘Estudos do Imaginário: a iniciação como método’, das autoras Contrera e Barros: “O grande desafio que uma heurística própria da teoria do imaginário nos coloca é o de assumir a anterioridade ontológica, o imaginário como fundador das produções humanas, primeiro em relação à própria racionalidade, englobante da própria racionalidade” (Barros, 2018, p. 27). As autoras dissertam ainda sobre “a necessidade de uma metodologia sintonizada também com o aspecto arracional do imaginário” (Barros, 2018, p. 27). E, por fim, encerram o artigo com a inspiradora reflexão: “Os estudos do imaginário não serão, portanto, nem interdisciplinares nem transdisciplinares, mas sobretudo indisciplinados” (Barros, 2018, p. 35). Contudo, de maneira alguma as autoras querem dizer que no estudo do imaginário tudo é possível, pelo contrário, cobram um método científico claramente explicado para que as conclusões possam ser analisadas pela academia, mas salientam que cada pesquisador tem seus próprios caminhos e suas próprias interpretações.

Efetivamente, como muito bem apresenta e defende a autora Grada Kilomba (2019) referindo-se ao mito da objetividade e ao mito da neutralidade na pesquisa acadêmica, quanto a posição não subjetiva do pesquisador, dado que nenhuma epistemologia é neutra, e sim, ocupa um lugar de vida. “Sendo assim, demandando uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e um lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas - não há discursos neutros” (Kilomba, 2019, p. 58). Aproveito para situar o meu local de pesquisadora nesta dissertação para esclarecer que minha posição explicita a minha experiência no mercado de eventos corporativos. Trabalho desde o ano de 2002 exercendo as atividades de planejamento, organização e produção de eventos, tendo realizado eventos para órgãos públicos em todas as regiões do país e eventos para empresas privadas, dentre eles, alguns dos maiores eventos da cidade de Curitiba, como o Smart City Expo Curitiba, o Natal Luz dos Pinhais e o Congresso Internacional de Felicidade. Dessa maneira, reforço que olho para minha pesquisa posicionada a partir do meu trabalho e do meu conhecimento de trabalho em todas as etapas da criação, concepção e realização de eventos corporativos. “Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade” (Kilomba, 2019, p. 59).

Temos ainda Silva, autor do livro ‘O Que Pesquisar Quer Dizer’, destacando a Análise Discursiva de Imaginário – ADI – sobre dois vieses. Primeiramente, perante a confirmação de que “todo imaginário é um discurso. Análise Discursiva de Imaginário examina o conteúdo dos discursos” (Silva, 2021, p. 96) seguida por uma simplificada explanação quanto ao imaginário: “Deve-se entender aqui uma narrativa inconsciente ou uma ficção subjetiva vivida como realidade objetiva cuja formação ou cristalização permanece encoberta exigindo um desencobrimento” (Silva, 2021, p. 96). Podemos entender que o imaginário está sempre presente no ambiente cultural da nossa sociedade, estruturando a narrativa, provocando o enredo, necessitando ser desencoberto. Merece destaque o uso do verbo desencobrir, visto que o autor Silva (2021) faz uma extensa diferenciação, em seu livro, quanto ao descobrimento e ao desencobrimento, desvendando o imaginário em camadas, não se permitindo aceitar unicamente a primeira proposta que lhe é apresentada no descobrimento de um imaginário e realizando uma interpretação analítica, camada por camada, deste imaginário. Então, para proceder com o desencobrimento do imaginário descoberto, a proposta metodológica será a revelação

do imaginário por meio de cinco etapas, de cinco camadas, de cinco versões de imaginário. Contudo, desde já assumindo que o imaginário não se limita a cinco camadas, mas se permitindo uma análise metodológica a partir desta quantidade de versões, objetivando aproximar o imaginário de uma realidade na Comunicação e ainda apoiando-se na rica Teoria da Complexidade de Morin.

Desde o início desta proposta de dissertação, houve uma neblina acerca da metodologia de pesquisa. Sabia-se da necessidade de análise teórica e revisão do estado da arte. Então, continuamente, buscou-se uma operacionalização do estudo do imaginário como proposta metodológica. Realizando o exercício de pesquisa do estado da arte, foram realizadas buscas de produções em dois bancos de dados: o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações entre o período de 2000 a 2023. A primeira pesquisa foi realizando a busca simultaneamente das palavras-chave: imaginário e evento corporativo. Nenhum material foi encontrado. Então foi refeita a pesquisa retirando o evento corporativo e substituindo-o somente por evento, tornando mais abrangente o campo de pesquisa e buscando simultaneamente as palavras-chave: imaginário e evento. Poucos materiais foram encontrados, mas é importante destacar:

TÍTULO	AUTOR	PERIÓDICO	ANO
Imagens recortadas, tradições reinventadas. As narrativas da festa junina em Campina Grande - Paraíba	Valdir José Morigi	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/?	2001
O impacto dos jogos olímpicos no turismo das cidades sedes	Arianne C. D. Reis	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/?	2004
Boi-Bumbá de Parintins: arte e significação	Maria H. R. Silva	https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/360265	2005
A aventura, o risco e o lazer na prática da vaquejada: a pegada do boi	Paulo Rogério Cortez Leal	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/?	2007
Vertigem mediática nos megaeventos musicais	Malena Contrera e Marcela Moro	https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/221/262	2008
A festa e as representações culturais do Ticumbi: imagens e tradições da Vila de Itaúna (ES)	Luciana Alvarenga	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/?	2011
A cidade como evento-espetáculo:	Raimundo	https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/144	2012

reflexões sobre turismo e patrimônio nos festejos do centenário de Juazeiro do Norte/Ceará	Freitas Aragão	47	
Imagens e representações sociais da Festa Nacional do Champanha/Garibaldi - RS	Mariana Schwaab Machiavelli	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/	2012
O imaginário pós-moderno inscrito em imagens de chill out em eventos de música eletrônica	Sabrina da Silveira Acquaviva	https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2114	2014
Video mapping / projeção mapeada: espaços e imaginários deslocáveis	Márcio Hoffman Mota	https://repositorio.unb.br/handle/10482/17292	2014
De copa a copa: memórias do estádio de futebol do Maracanã	Rosangela S. Almeida	https://hdl.handle.net/unirio/11563	2014
Os regimes imagéticos das festas do Mucuripe: uma análise compreensiva de paisagens festivas	Lucas Bezerra Gondim	https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/20231	2015
Tomorrowland: imaginações geográficas, corporeidade e a perspectiva experiencial do lugar festivo	Cássio Lopes da Cruz Novo	https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/17115	2019
As Olimpíadas entre mito e realidade: um estudo etnográfico do imaginário da população do Rio de Janeiro sobre o uso do território no âmbito dos jogos olímpicos de 2016	Roberto Paolo Vico	https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31526	2020
A experiência da criança no evento Natal Luz e sua relação com a dinamização dos ritos a partir do imaginário das cidades	Rafaela Bertuzzo	https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10217	2022
A Comic Con Experience: uma perspectiva etnográfica	Leonardo Soares da Silva	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11965463	2022
O acontecimento a iluminação cênica: experiências estéticas e produção de sentidos em shows musicais	Cezar Henrique Galhart	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13670187	2022
O evento como meio de construção de uma imaginário tribalista	Taíla Lopes Quadros	chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/10682/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ta%C3%ADla.pdf	2023

O acontecimento Sorte ou Revés, na Rua Joaquim Silva, Lapa: fabulações, imaginários e experiência artística na cidade	Priscila Rodrigues Bittencourt	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12706520	2023
Cortejo visagento e halloween em Belém: hibridismo cultural no espaço amazônico	Adrianne da Silva Peixoto	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14818972	2023
A paisagem da cidade do Rio de Janeiro na comunicação institucional da Maratona do Rio	Tatiana Cioni Couto	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13003213	2023
Espectáculos culturais amazônicos: a festa como resistência e experiência estética	Nair Santos Lima	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14045334	2023

Quadro 1 - Pesquisa de estado da arte

Fonte: A autora, 2025.

Analisando somente o material publicado relacionado no Quadro 1, chegou-se à conclusão de que a relação do imaginário com os eventos corporativos ainda não foi estudada. E também que, alguns eventos de carácter cultural e regional, já foram pesquisados utilizando o imaginário como base teórica. Percebe-se, contudo, que nos últimos dois anos há um considerável aumento de pesquisas que relacionam eventos e imaginário.

A justificativa deste trabalho se dá devido a uma possível ferramenta metodológica de construção e interpretação do imaginário no evento corporativo, apoiando-se na teoria da complexidade e nas recentes versões de imaginário; aproveitando-se assim, da dinâmica inteligência e sensibilidade humanas a favor da solidificação de marcas por meio de experiência com o público e com o consumidor.

Em decorrência desta problematização, delimitou-se o objetivo geral da dissertação que, de maneira abrangente, propõe uma metodologia de análise do imaginário em eventos corporativos por meio da teoria da complexidade e das cinco versões de imaginário.

Foi escolhida a análise de evento corporativo para exemplificar a proposição metodológica de análise do imaginário devido ao ineditismo da pesquisa e a ampla

experiência profissional de duas décadas desta autora, na construção de conceituação e de planejamento em eventos corporativos públicos e privados, além do foco na experiência do cliente participante, visto que o evento é uma ferramenta de fixação e ativação de marca. Conforme demonstrado em pesquisas realizadas pelo *XM Institute* por meio da *Global Study* (2022 e 2024), o retorno sobre investimento da experiência do cliente tem ligação direta com sua experiência positiva com a marca, indicando o impacto de satisfação nas métricas de lealdade de cultura de consumo. Dessa maneira, quanto mais satisfatória é a experiência que as marcas proporcionam, maior o nível de lealdade dos clientes, o que os mantém fiéis à marca por período mais prolongado de tempo, aumentando os resultados de negócios. Assim, o objetivo de análise é a experiência e, por isso, o cenário escolhido de experiência foi o evento corporativo como meio de reforço de marca e de fidelização de consumo.

Os objetivos desta dissertação são norteados por:

- 1) Teorizar o evento corporativo sob a vertente da utilização teórico-metodológica do imaginário.
- 2) Analisar os pensadores mais relevantes do imaginário para gerar um entendimento que possibilite a interpretação das cinco versões do imaginário.
- 3) Refletir sobre a dificuldade metodológica na pesquisa do imaginário e apontar uma possibilidade de método por meio da teoria da complexidade proposta por Morin e das recentes versões de imaginário propostas por Silva.

Os objetivos dirigem-se à proposta metodológica do imaginário dada a sua impalpabilidade. O imaginário é orgânico, adaptável culturalmente, dependente do consciente e do inconsciente humano. O mito é a ponte de conexão com o imaginário. E o ritual é a ponte de conexão entre a realidade e o mito. O imaginário segue o vivido com memória de sentimentos e sensações. Por isso, ritual e mito estão conectados e, dada esta narrativa, o ritual conecta as pessoas em determinada situação ou determinado ambiente ao imaginário. “O imaginário é uma narrativa mítica, mitificação do trivial ou mitologização do extraordinário” (Silva, 2017, p. 32).

“Em suma, poderíamos dizer que uma parte do imaginário coletivo é estrutural (as raízes dos significados, símbolos e imagens primárias, categorias estruturais), enquanto outra se refere a processos (as construções discursivas, a produção e promoção de significados, imagens e símbolos por atores sociais muitas vezes concorrentes. De outra perspectiva, parece que a primeira parte pertence principalmente à psique (em particular, às emoções), enquanto a segunda atribui grande importância à razão (em particular, à razão política e

instrumental), embora a operação das razões seja sempre influenciada pela psique e pela emoção” (Bouchard, 2017, p. 16, tradução nossa).¹

Esta dissertação utiliza-se do imaginário com objetivo teórico-metodológico na tentativa de sugerir a possibilidade de aproveitar-se do imaginário como ferramenta criativa na esfera do mercado da Comunicação. Além de apresentar amplamente as cinco versões de imaginário para, na sequência da dissertação, aplicar de modo ilustrativo a metodologia em uma análise de evento corporativo com o intuito de apresentar a metodologia de pesquisa, identificando os elementos de imaginário.

Assim, o objeto deste estudo é um exercício analítico que demonstra de maneira determinada, mas não determinante, a aproximação das teorias do imaginário com a complexidade de um evento corporativo como uma conexão específica exemplificativa. “Enquanto as atmosferas formam uma espécie de tecido invisível que nos conecta ao mundo, o imaginário é o terreno simbólico que medeia nossas relações com a realidade circundante” (Felinto, 2024, p. 24).

Finalmente, relativo ao estado da arte, nos capítulos seguintes será apresentada uma abordagem sistêmica acerca do imaginário, seguida de uma análise aprofundada especificamente nas cinco versões de imaginário do autor Silva. Foi delimitado o recorte da pesquisa desta dissertação com base na linha

Posteriormente, é realizada uma apresentação das definições teóricas acerca de evento corporativo e ritualização, utilizado para ilustrar o imaginário nesta dissertação. Por fim, o capítulo de conclusão analisa a possibilidade de utilização das cinco versões de imaginário como metodologia de pesquisa.

¹*In short, we could say that one part of the collective imaginary is structural (the roots of meanings, symbols and primary images, structural categories), while another refers to processes (the discursive constructs, the production and promotion of meanings, images, and symbols by often competing social actors. From another perspective, it appears that the first part belongs mostly to the psyche (in particular, the emotions) while second places great importance on reason (in particular, political and instrumental reason), although reasons operation is always influenced by the psyche and emotion (Bouchard, 2017, p. 16).*

2. ABORDAGEM SISTÊMICA DO IMAGINÁRIO

Muitos são os estudos relativos ao imaginário, sendo analisado em diversas áreas, como: psicologia, antropologia, sociologia, cultura comportamental, etc., e a partir desses estudos percebe-se a necessidade de revisitar constantemente as teorias do imaginário por ele ser um elemento organicamente vivo, principalmente quando se relaciona imaginário e comunicação que são duas partes que se retroalimentam cotidianamente na cultura e na sociedade (Contrera, 2017).

O imaginário se abastece de experiências vividas, sentidas, conhecidas do sujeito. O sonho é a manifestação mais primitiva da imaginação, por se tratar do inconsciente, mas o imaginário consciente surge da correspondência entre natureza e sociedade; cultura e comunicação (Malrieu, 1996).

Ao longo do século XX e até o presente momento no século XXI, variadas são as abordagens que analisam e buscam dar significado na interpretação do imaginário. Esta pesquisa tem seu recorte em uma análise da evolução das teorias do imaginário pela vertente da escola francesa de pensadores do imaginário. Temos a consciência de que observando o imaginário a partir de uma epistemologia francesa, outras epistemologias são desconsideradas, contudo, a relevância dos pensadores franceses no estudo da evolução das teorias acerca do imaginário é indiscutível e se justifica devido a muitos desses pensadores terem sido pioneiros em formular conceitos e abordagens que até hoje influenciam a compreensão do imaginário na cultura, na psicologia, na sociologia, na comunicação e na filosofia. A França se consolidou como um centro de inovação intelectual e seus estudiosos ajudaram a estruturar e aprofundar as discussões sobre o papel das imagens, mitos, símbolos e representações na constituição da realidade social e subjetiva.

Vamos destacar alguns desses pensadores e suas contribuições essenciais a partir de Bachelard com sua visão pioneira, Durand com os mitos e arquétipos na imagem, Morin com a teoria da complexidade e a noosfera, Corbin criando o *mundus imaginalis*, Maffesoli defendendo a propriedade de grupo. Destacamos ainda que esses pensadores não são os únicos franceses relevantes quanto aos seus estudos de imaginário, mas são eles que compõem o recorte desta pesquisa dadas as suas contextualizações acerca do tema. A contribuição desses pensadores franceses no campo do imaginário foi decisiva para a construção de um entendimento mais abrangente e profundo sobre como os

indivíduos e as sociedades interpretam o mundo e criam significados, auxiliando na transformação da visão do imaginário de algo puramente subjetivo e abstrato para um conceito central direcionado a entender as dinâmicas sociais, culturais, comportamentais e psicológicas.

Valorizando a pesquisa brasileira acerca do imaginário e praticando a decolonialidade frente a teorias puramente francesas, analisamos com enorme enfoque nesta dissertação o autor Juremir Machado da Silva com as tecnologias do imaginário e as suas cinco versões. A decolonialidade aqui merece este destaque visto que na área da comunicação “É a própria realidade social que desafia a teoria da comunicação a buscar um pensamento de fronteira, de modo que a ideia de uma comunicação contracolonial é altamente desejável até mesmo para refletir sobre os novos dinamismos sociais que vêm surgindo [...]” (Aguiar, 2023, p. 32). Assim, o enfoque nas versões de imaginário de Silva é fundamental para esta dissertação que revisita as teorias desenvolvidas por todos os autores elencados, relatando-as devido a relevância de seus estudos no desenvolvimento analítico do imaginário na comunicação. Referenciando-se a cultura e a sociedade, o imaginário recebe possibilidades de estudo e de interpretação. “A vida readquire o lúdico quando, em vez de se subordinar a uma coação externa, se refere a si mesma” (Han, 2021, p. 76).

2.1 GASTON BACHELARD

Na obra do filósofo e epistemólogo, a imaginação é explorada em suas múltiplas dimensões, especialmente por meio dos prismas formal e material. Bachelard convida-nos a adentrar no reino do imaginário como uma experiência complexa e dinâmica.

Iniciando no aspecto formal da imaginação, Bachelard destaca como a mente humana organiza e estrutura imagens. Ele examina como formas, símbolos e padrões são interpretados e ganham significado dentro da psique. Ao considerar a imagem de uma casa, Bachelard explora e exemplifica não apenas sua representação física, mas também a carga simbólica e emocional que ela carrega (Bachelard, 1993). Para ele, a imaginação formal é uma tentativa de compreender como conceitos abstratos se manifestam através de formas concretas e como essas formas são percebidas e interpretadas.

No aspecto material da imaginação, Bachelard se concentra nas qualidades tangíveis do mundo que nos rodeia. Ele investiga como os materiais – como madeira, água, fogo – evocam ressonâncias emocionais e simbólicas em nossas mentes. Por

exemplo, a água pode despertar sentimentos de fluidez, movimento e profundidade em nossa imaginação, enquanto o fogo pode sugerir transformação, calor e energia criativa. Bachelard nos encoraja a explorar essas ressonâncias materiais como portas de entrada para uma compreensão mais profunda de nós mesmos e do mundo (Bachelard, 2018).

A imaginação formal e material são como fios entrelaçados que tecem os tecidos da experiência humana e sob esse aspecto, somos convidados a mergulhar nas profundezas do psíquico e do material, revelando a riqueza e a complexidade do universo interior e exterior.

Para Bachelard, a imaginação é uma maneira de transformar a percepção cotidiana e dar profundidade à experiência, enquanto para Corbin, como veremos a seguir, ela é uma realidade espiritual que conecta o mundo humano ao divino.

2.2 HENRY CORBIN

Um dos principais estudiosos da filosofia islâmica e da mística persa, introduziu o conceito de *mundus imaginalis* para descrever um domínio intermediário entre o mundo material e o mundo espiritual. Sob a perspectiva de Corbin, o imaginário não é simplesmente uma criação da mente, mas sim um espaço de realidade autêntica e vital. “O *mundus imaginalis* não é um conceito abstrato. É uma experiência concreta” (Schwarzstein, 2023, p. 10).

O *mundus imaginalis*, segundo Corbin, é um reino de imagens que transcende a percepção ordinária. Não é apenas um espaço de fantasia ou ilusão, mas sim um plano de existência genuíno e acessível à alma humana por meio da imaginação ativa e da contemplação espiritual. Para Corbin, esse reino imaginal é habitado por símbolos arquetípicos, seres espirituais e formas de sabedoria transcendente.

Corbin sugere que o acesso ao *mundus imaginalis* é crucial para a jornada espiritual e o desenvolvimento da consciência. Ele argumenta que a imaginação não é apenas uma faculdade mental, mas um portal para a experiência direta da divindade e da verdade espiritual. Nesse sentido, as imagens e símbolos que emergem na imaginação não são meramente produtos da mente, mas manifestações de uma realidade mais ampla e significativa.

Por meio de suas interpretações da filosofia islâmica, Corbin explora como os místicos persas, como Ibn Arabi, conceberam o *mundus imaginalis* como um espaço intermediário onde a alma pode encontrar-se com seres espirituais, receber revelações e

alcançar um conhecimento transcendente. Essa perspectiva desafia a dicotomia tradicional entre realidade objetiva e subjetiva, propondo uma visão mais integrada da existência.

Corbin oferece uma visão profunda e poética do imaginário humano, conectando-o a um domínio espiritual e metafísico que ele chama de *mundus imaginalis*. Ao explorar esse reino intermediário, Corbin amplia nossa compreensão da imaginação como um veículo para a transcendência e como uma ponte entre os mundos material e espiritual. Estudando o conceito de imaginal, ele distingue imaginário e imaginação. Para Corbin, o imaginal não é simplesmente um produto da mente humana ou uma fantasia. Ele tem uma conotação mais espiritual e ontológica, referindo-se a um mundo intermediário entre o mundo sensível e o mundo divino. Corbin usa o termo *mundus imaginalis* para descrever essa dimensão intermediária, que é real, mas não tangível de maneira convencional. Esse imaginal é um espaço onde as realidades espirituais ou arquetípicas se manifestam.

Diferente do imaginário moderno, que pode ser visto como um conjunto de imagens e fantasias subjetivas, o imaginal em Corbin remete a uma forma de conhecimento ou percepção que acessa realidades mais profundas, associadas ao místico e ao sagrado. Para ele, o imaginal é essencial para a experiência de uma espiritualidade vivida, ligada a práticas como a meditação, nas quais o sujeito entra em contato com um mundo simbólico que é simultaneamente subjetivo e objetivo.

2.3 GILBERT DURAND

A relação entre os estudos do imaginário de Corbin e Durand é fascinante, pois ambos se dedicam a explorar as profundezas da imaginação humana, mas a partir de perspectivas e métodos distintos. Corbin tem seu foco no mundo imaginal e na dimensão espiritual do imaginário. Como veremos a seguir, Durand, segue uma abordagem estruturalista e antropológica. Em sua abordagem simbólica e antropológica, oferece uma visão rica e profunda do imaginário, explorando-o através dos regimes diurno e noturno que representam as duas facetas essenciais da experiência humana e da psique coletiva.

No regime diurno, Durand enxerga a luz, a claridade e a racionalidade. É o mundo da consciência desperta, da atividade prática e do pensamento lógico. Nesse aspecto os símbolos tendem a ser mais ordenados, representando o conhecido e o tangível. O imaginário diurno está associado à vida pública, ao trabalho e aos ritmos regulares da

sociedade. É um imaginário esquizomorfo, heróico, no reino da razão e do conhecimento explícito, onde a mente busca compreender o mundo de forma objetiva (Durand, 2012).

O regime noturno revela-se nas sombras, na obscuridade e nos mistérios do inconsciente. Ele é místico, oposto à finitude, é o domínio dos sonhos, das fantasias e das emoções profundas. Aqui, os símbolos são mais fluidos, carregados de significados ocultos e subjetivos (Durand, 2012). O imaginário noturno está ligado ao mundo íntimo, aos estados de sono e sonho, e às profundezas da psique individual e coletiva. É o território da intuição, do simbólico e do desconhecido.

Durand sugere que o equilíbrio entre esses dois aspectos do imaginário é essencial para a plenitude da experiência humana. O dia e a noite, o claro e o escuro, representam polaridades complementares que se entrelaçam na jornada da alma. O imaginário diurno fornece estrutura e clareza, enquanto o noturno traz mistério e profundidade. Assim, para Durand, explorar o imaginário diurno e noturno é fundamental para uma compreensão mais ampla da condição humana e das diversas camadas da existência. É na intersecção desses dois reinos que encontramos a riqueza simbólica que alimenta nossa imaginação e enriquece nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Por meio deste autor, fica exposto que através da construção dos seres do espírito – tão presentes na estrutura do imaginário para Durand como na relevância da noosfera para Morin – é possível o acionamento do real graças à existência e ativação eficaz do imaginário. A relação entre os estudos do imaginário de Durand e Morin é profunda e complementar. Enquanto Durand oferece uma análise estruturada das imagens arquetípicas e dos mitos que moldam as culturas, Morin fornece uma visão mais ampla e integradora do imaginário como uma ferramenta necessária para lidar com a complexidade da experiência humana. Ambos concordam que o imaginário é central para a construção do significado, mas abordam suas funções e implicações de maneiras distintas, com Durand focando na estruturação cultural e Morin na integração transdisciplinar do saber humano, como veremos a seguir.

2.4 EDGAR MORIN

Renomado sociólogo e filósofo francês, introduz o conceito de noosfera como uma abordagem para compreender o imaginário humano em sua complexidade e profundidade. Ele lida com a imaginação de uma maneira mais focada no campo da cognição e do pensamento complexo. A imaginação não se limita a um simples jogo de

fantasias, mas é uma capacidade cognitiva fundamental do ser humano, ligada à criatividade, à inovação e à construção de sentido; sendo vista como um processo de transição entre o real e o possível, funcionando como uma ponte que permite que os indivíduos pensem de maneira não linear e criem novos mundos e significados.

Morin fala sobre a imaginação como um poder de síntese, capaz de integrar diferentes realidades e criar novas formas de entender o mundo. Em seu pensamento, a imaginação está sempre em diálogo com a realidade concreta, sendo um elemento essencial para a reflexão crítica e a construção de novos saberes.

A noosfera, segundo Morin, não se limita apenas ao estudo do pensamento racional, mas busca explorar os diferentes níveis de conhecimento e consciência que permeiam a experiência humana.

No contexto da noosfera, o imaginário desempenha um papel crucial como um elemento que transcende os domínios estritamente racionais. Para Morin, o imaginário é a expressão simbólica e subjetiva das experiências individuais e coletivas, incorporando memórias, mitos, emoções e aspirações. “O *imprintig* manifesta os seus efeitos mesmo em nossa percepção visual. [...] A alucinação, que faz ver o inexistente, junta-se à cegueira, que oculta o existente” (Morin, 2011, p. 30).

Morin (1973) propõe que a noologia explore o imaginário humano em múltiplas dimensões:

1. Raízes Antropológicas: Sugere que o imaginário tem suas raízes profundas na história e na evolução da espécie humana. Ele examina como mitos, rituais e narrativas ancestrais moldaram nossas percepções do mundo e influenciaram nosso pensamento simbólico.
2. Construção Cultural: Enfatiza que o imaginário é moldado pelas influências culturais, sociais e históricas. Investiga como as narrativas culturais, como obras de arte, literatura e mídia, influenciam a formação do imaginário coletivo e individual.
3. Dimensões Subjetivas: Reconhece o imaginário como uma expressão das dimensões subjetivas da consciência. Explora como nossas experiências emocionais, sonhos e fantasias alimentam e enriquecem o imaginário, oferecendo *insights* sobre nossa complexidade interna.

A abordagem de noosfera visa integrar essas diferentes dimensões do imaginário, reconhecendo sua natureza interdisciplinar. Ele propõe que a compreensão do imaginário seja fundamental para uma visão mais completa da condição humana e para enfrentar os desafios contemporâneos. “A compreensão, mais do que a comunicação, ou em consequência desta, é o grande problema atual da humanidade” (Morin, 2008, p. 12).

Sob a ótica de Morin, a noosfera nos convida a explorar o imaginário como um território fértil para investigar os múltiplos aspectos do conhecimento humano, da criatividade à reflexão, da mitologia à identidade cultural. É por meio dessa lente ampla e integrativa que podemos apreciar a profundidade e a complexidade do imaginário humano em sua plenitude. “No plano das ideias, as possibilidades de luta contra os erros, as buscas e problematizações da verdade estão ligadas aos pluralismos, dialógicas e aberturas culturais” (Morin, 2011, p. 106).

A relação entre os estudos do imaginário de Morin e Maffesoli é marcada pela complementaridade: ambos reconhecem a importância central do imaginário na vida humana e nas sociedades modernas, mas com ênfases diferentes. Juntos, os dois pensadores oferecem uma visão multifacetada do imaginário contemporâneo, destacando tanto sua função integradora quanto sua fluidez nas sociedades pós-modernas. Morin, com seu foco na complexidade e transdisciplinaridade, vê o imaginário como um campo que integra diversas dimensões da experiência humana. Maffesoli, como veremos a seguir, concentra-se nas novas formas de sociabilidade e nas expressões coletivas do imaginário, observando as tribos urbanas como formas emergentes de identidade social.

2.5 MICHEL MAFFESOLI

Sociólogo francês conhecido por suas teorias sobre a pós-modernidade e a sociologia das tribos urbanas, oferece uma perspectiva fascinante do imaginário humano ao explorar o comportamento coletivo das tribos contemporâneas. Para ele, as tribos representam agrupamentos sociais baseados em afinidades emocionais, estéticas e simbólicas, que transcendem as estruturas tradicionais da sociedade moderna. Esses agrupamentos são caracterizados por um forte senso de pertencimento e por formas particulares de expressão cultural, que influenciam profundamente o imaginário coletivo. “A desumanização real da vida urbana produz agrupamentos específicos com a finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos” (Maffesoli, 2018, p. 77).

Para ele, o imaginário não se refere à fantasia ou as aspirações pessoais, mas a um conjunto de imagens, símbolos e mitos compartilhados por uma sociedade. O imaginário para Maffesoli tem uma dimensão social e cultural profunda, sendo uma expressão da coletividade. Ele descreve como as sociedades se constroem através de símbolos, mitos e imagens que constituem uma visão do mundo comum a todos os membros da sociedade e fala ainda de uma estética da vida cotidiana, onde o imaginário se manifesta em rituais, festas, gestos e outras expressões culturais. Ele propõe que a sociedade contemporânea, marcada pela fragmentação e pela pluralidade, cria um imaginário que é múltiplo, instável e constantemente transformado, mas que ainda assim serve como base para a identidade coletiva.

O imaginário, na visão de Maffesoli, é moldado e sustentado pelas dinâmicas das tribos. Cada tribo desenvolve seu próprio repertório simbólico, que inclui rituais, mitos, símbolos e estilos de vida específicos. Esses elementos contribuem para a construção de um universo imaginal compartilhado, onde os membros da tribo encontram significado, identidade e pertencimento. Maffesoli argumenta que o comportamento coletivo das tribos não se limita apenas a uma dimensão racional, mas é impulsionado por emoções, intuições e experiências sensoriais. Esse comportamento é caracterizado por uma estética do cotidiano, marcada por rituais informais, festividades e práticas que reforçam os laços sociais dentro da tribo.

Ao explorar o imaginário por meios das lentes das tribos contemporâneas, Maffesoli nos convida a considerar como os grupos sociais moldam e são moldados por narrativas compartilhadas, símbolos e práticas culturais. Ele sugere que as tribos oferecem um terreno fértil para a emergência de novas formas de criatividade, expressão e solidariedade, que desafiam as estruturas convencionais da sociedade moderna. “A metáfora da tribo permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa é chamada a representar dentro dela” (Maffesoli, 2018, p. 10).

O imaginário é vivenciado e cultivado de maneira intensa e coletiva no contexto das tribos contemporâneas. Esses grupos não apenas refletem as transformações sociais e culturais em curso, mas também desempenham um papel fundamental na configuração das narrativas e significados que permeiam o imaginário coletivo de nossa era pós-moderna.

2.6 JUREMIR MACHADO DA SILVA

A relação entre os estudos do imaginário de Maffesoli e Silva é interessante porque os dois se dedicam a analisar as dinâmicas culturais e sociais contemporâneas, com foco na forma como as sociedades e as subjetividades se expressam por meio de imagens, símbolos e narrativas coletivas, abordando o imaginário como um campo fundamental na construção das identidades coletivas e subjetivas. Maffesoli foca nas formas de sociabilidade contemporâneas e na fluidez das identidades nos ambientes urbanos, enquanto Silva se concentra na mídia e nas representações culturais brasileiras, destacando como essas imagens moldam a sociedade. Importante destacar que ambos reconhecem o caráter dinâmico e emocional do imaginário e oferecem uma visão crítica sobre seu papel na formação das narrativas e nas relações de poder, embora seus enfoques sejam distintos, suas análises se complementam na compreensão de como o imaginário opera na construção da identidade e na dinâmica social contemporânea.

Silva é jornalista, sociólogo e escritor brasileiro, aborda o conceito de tecnologias do imaginário como uma forma de compreender o impacto das mídias e das narrativas contemporâneas na construção das nossas percepções e fantasias coletivas. Essas tecnologias englobam todos os meios e dispositivos que moldam e difundem imagens, ideias e histórias, influenciando diretamente a nossa maneira de pensar e de ver o mundo. “Imaginário e cultura coabitam, justapõem-se e coexistem, mas não se equivalem” (Silva, 2020a, p. 18). Ele destaca como a mídia, o cinema, a televisão, a internet e as redes sociais atuam como agentes poderosos na produção e na disseminação do imaginário coletivo.

“Na linhagem de Durand e Maffesoli, imaginário é um acontecimento cultural feito de símbolos, imagens e afetos [...]. O imaginário não é simbólico da semiótica. Imaginário não é mera representação do vivido por meio da linguagem” (Silva, 2017, p. 45).

No contexto das tecnologias do imaginário, Silva explora como a velocidade e a ubiquidade das comunicações modernas transformaram profundamente nossa relação com o mundo simbólico. As narrativas agora se espalham instantaneamente, criando ecos e reverberações que moldam nossas percepções individuais e sociais. “As tecnologias de controle cristalizam a unidade; as tecnologias do imaginário fluidificam o trajeto antropológico” (Silva, 2020a, p. 66).

Além disso, Silva examina como as tecnologias contemporâneas permitem a manipulação e a construção de imagens e significados. Ele levanta questões sobre a

autenticidade das narrativas e o papel dos meios de comunicação na fabricação de realidades simuladas. Por meio das tecnologias do imaginário, Silva também aborda o fenômeno da cultura participativa, onde o público não apenas consome passivamente conteúdo, mas também contribui ativamente para a produção e a circulação de narrativas. Isso cria novas dinâmicas de interação e transforma a natureza do imaginário coletivo.

O imaginário é uma força, uma energia mobilizadora invisível, um vulcão que pode ser silenciado ou escondido, mas não apagado ou extinto. O imaginário pode ser fantástico no cotidiano, o unicórnio que habita nosso universo mental, ou os laços invisíveis que nos fazem crer na solidez de noções como pátria, amor, justiça. Pode ser também o sentido singularizado que sobrou de experiências vividas (Silva, 2021b, p. 103).

De maneira atual, inteligente e atraente, Silva nos convida a refletir sobre como as tecnologias contemporâneas estão redefinindo e reconfigurando o nosso imaginário. Ele sugere que, ao compreendermos as tecnologias do imaginário, podemos melhor apreciar o poder das mídias e das narrativas na formação da nossa cultura, identidade e visão de mundo. Silva destaca como o imaginário é utilizado para criar e sustentar representações coletivas, como aquelas ligadas ao futebol, ao carnaval e a outras manifestações culturais nacionais. No entanto, ele também critica como o imaginário é frequentemente manipulado para consolidar poder e reforçar estereótipos, muitas vezes promovendo uma visão homogênea e idealizada da identidade brasileira. Assim, para Silva, o imaginário é um espaço de disputas, onde as imagens não são apenas reflexos de uma realidade, mas atuam ativamente na formação e transformação das subjetividades coletivas, influenciando a percepção da identidade e da nação.

2.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Relevante destacar a diferença entre imaginário, imaginação e imaginal devido a complexidade destes conceitos.

O imaginário de Maffesoli refere-se a uma esfera coletiva e social de imagens, símbolos e mitos que moldam a cultura e a identidade de um grupo ou sociedade. Está ligado a um campo coletivo e dinâmico, sendo uma expressão das forças simbólicas que formam a realidade social.

A imaginação de Morin é uma capacidade individual e cognitiva de criar e integrar imagens, que vai além da simples fantasia. Está ligada à criação de sentido e ao pensamento criativo, funcionando como uma ponte entre o real e o possível.

E o imaginal de Corbin refere-se a um domínio intermediário, entre o mundo sensível e o espiritual, onde se manifestam as realidades arquetípicas e místicas. O imaginal é uma dimensão de experiência profunda e simbólica, fundamental para o conhecimento e a espiritualidade.

Bachelard trata o imaginário como o mundo das imagens poéticas que o sujeito constrói a partir da experiência sensível, e a imaginação como uma força criadora e ativa que forma essas imagens. O imaginal é algo que pode se aproximar das imagens poéticas, mas não é uma categoria explicitamente usada por Bachelard da mesma forma que por Durand.

Durand refere-se ao imaginário para se referir ao conjunto de imagens e símbolos que pertencem ao inconsciente coletivo, e a imaginação como um processo que constrói essas imagens. Já o imaginal, para Durand, é uma categoria mais bem definida, um plano intermediário onde as imagens arquetípicas podem ser vividas, representando uma dimensão simbólica e mística que vai além da simples fantasia.

O estudo das teorias do imaginário é fundamental para a compreensão de como as sociedades constroem e organizam seus significados, símbolos, crenças e narrativas sobre o mundo. Essas teorias oferecem uma perspectiva rica sobre a relação entre o indivíduo, a cultura e a sociedade, ajudando-nos a entender como as pessoas interpretam, representam e vivenciam suas realidades, sendo uma ferramenta essencial para entender não apenas como as sociedades criam e compartilham significados, mas também como essas representações influenciam as ações e as transformações no meio em que vivemos. “A socialidade, comunicação em ato, não aflora sem entropia [...] o quanto essa vontade de potência, tão intensa no cotidiano, alimenta-se, ao mesmo tempo que alimenta, de um continuado gozo na comunicação das relações triviais de todos os dias [...]” (Silva, 2024, p. 54).

As teorias do imaginário nos ajudam a compreender a subjetividade humana, a relação entre realidade e representação, as dinâmicas de poder e as potencialidades criativas advindas da interpretação experiencial humana.

Abaixo segue quadro com o resumo da evolução das teorias do imaginário aqui abordadas.

EVOLUÇÃO DAS TEORIAS DO IMAGINÁRIO					
Autores e teorias	Elementos do Imaginário e concepção de autores				
BACHELARD (1884-1962) Imaginação Formal e Material	Ar	Terra	Fogo	Água	
	Movimento	Força	Transformação	Materialização	
CORBIN (1903-1978) <i>Mundus Imaginalis</i>	Mundo Imaginal				
	Consciência imaginativa				
DURAND (1921-2012) Imaginário Diurno e Noturno	Diurno		Noturno		
	Esquizomórficas (ou heroicas)		Sintéticas (ou dramáticas)		Místicas (ou antifráscas)
MORIN (1921) Pensamento Complexo	Entropia		Neguentropia		
	Desorganização		Reorganização		
MAFFESOLI (1944) Imaginário Individual e Coletivo	Individual		Coletivo		
	Identificação pessoal		Compartilhamento de valores		
JUREMIR SILVA (1962) Versões do Imaginário	Ambiente (ou atmosfera)	Ficção compartilhada	Fantástico do cotidiano	Memória afetiva	Excedente de significação
	Aura	Fora do registro da verdade factual	Deslumbramento	Imagens retidas	Transfiguração do real

Quadro 2: Evolução das teorias do imaginário

Fonte: Anaz, 2014. Com complemento desta autora.

Ainda sobre a relevância desta metamorfose da comunicação, destaco: “Tecnologias do imaginário a serviço do emocional. Reduzir a comunicação ao midiático mutila os processos de interação entre as pessoas” (Silva, 2024, p. 57). As teorias do imaginário oferecem uma visão crítica sobre como as ideologias e as imagens sociais podem ser desafiadas, transformadas e recriadas, seja no campo cultural, político, social, tecnológico ou dos eventos corporativos.

Abordaremos a seguir as cinco versões de imaginário que alicerçam esta dissertação.

3. VERSÕES DE IMAGINÁRIO

No início deste século, em entrevista de Maffesoli a Silva (2001), a publicação destaca a recuperação da busca do imaginário na construção da realidade, bem como, do significado do imaginário no campo das Ciências Humanas, pelo esforço que é feito para, se possível, percebermos o destaque que as “narrativas do vivido e do imaginário investigam nas estratégias de comunicação que recobrem o vivido com uma ou mais camadas de imaginário. O imaginário é uma máquina que 'turbina' o real” (Silva, 2021b, p. 67). O desencobrimento destas camadas de imaginário em estratégias de comunicação inicia-se com a ação de identificar a quantidade e os tipos de caminho que tornam reconhecível e acessível o imaginário individual, possibilitando maior fluidez entre a mente humana, sua criatividade, seus afetos e a informação que a comunicação proporcionará. “O real tende a transformar-se em 'real', coberto por sucessivas camadas de imaginário ao longo do tempo. Nada impede que um procedimento de desconstrução retire essas películas até chegar à nudez do real” (Silva, 2017, p. 29).

Dessa maneira, seguiremos com a identificação das cinco versões de imaginário relacionadas por Silva, que atuam como camadas na realidade das estratégias de comunicação, possibilitando o registro de memória de qualidade do vivido, principalmente quanto a experiências na Comunicação. “A radicalidade filosófica é a de uma reflexão sobre o problema do ser, sobre a possibilidade de conhecer inclusive a si mesmo, sobre as relações entre a ideia e o real, o espírito e o mundo, sobre a natureza do vínculo social” (Morin, 2011, p. 108). O real não é algo fixo e absoluto, mas sim uma construção moldada por camadas de percepção e interpretação imaginária.

A primeira versão refere-se a realidade que é envolvida pela aura do imaginário. Através dessa aura identificamos a primeira camada: imaginário como ambiente ou atmosfera. A segunda versão é a ficção compartilhada e pode ser interpretada de maneira a tornar o imaginário passível de ser identificado por meio de estereótipos culturais e sociais. A terceira versão é o fantástico do cotidiano e identifica-se por tornar o ordinário cotidiano em um acontecimento, um momento extraordinário. A quarta versão centra-se no álbum de fotos mental que é a nossa memória afetiva, relacionando-a com o imaginário.

E a quinta e última versão é a mais relevante de todas, o excedente de significação, pois é a junção das versões anteriores incrementada com o plus da purpurina que somente o imaginário é capaz de gerar.

3.1 IMAGINÁRIO COMO AMBIENTE OU ATMOSFERA

Essa concepção do imaginário é entendida como um espaço simbólico e emocional, no qual as imagens e os símbolos circulam e se transformam, criando uma atmosfera sensível que molda a experiência humana. Como Silva demonstra, o imaginário está profundamente relacionado às representações midiáticas e culturais que formam uma atmosfera de sentidos compartilhados. Ele analisa como a mídia cria e perpetua um ambiente simbólico que impacta a identidade coletiva, impondo certas narrativas e estereótipos, mas também gerando uma atmosfera em que indivíduos e grupos sociais se reconhecem e se identificam. “Imaginário seria aquilo que move as pessoas e dá-lhes sentido sem que elas saibam como passaram a ser presas de tais configurações” (Silva, 2017, p. 24).

Para Maffesoli, o imaginário contemporâneo não se limita a grandes ideologias, mas se manifesta como uma espécie de atmosfera emocional e afetiva, compartilhada entre os membros de grupos sociais que se conectam por símbolos, valores e experiências comuns. “A parte do imaginário é importante naquilo que chamamos de minúsculas situações da vida cotidiana” (Maffesoli, 1984, p. 64). Nesse sentido, o imaginário cria um ambiente simbólico em que as pessoas se inserem e constroem seu pertencimento.

Pela visão de Bachelard, por sua vez, há a ideia do imaginário como um espaço mental e sensível, intimamente ligado à imaginação poética, sendo o imaginário uma atmosfera que se cria a partir das imagens evocadas pela poesia, pela memória e pelas sensações. “O poeta não foi buscar muito longe o seu instrumento de sonho. E, no entanto, com que arte ele nuclearizou a paisagem” (Bachelard, 1993, p. 165)! Essa atmosfera do imaginário é o que dá substância aos nossos sonhos, sentimentos e percepções da realidade.

Durand amplia essa visão ao tratar do imaginário como um sistema de imagens que habitam um espaço coletivo e simbólico, ligando tradições mitológicas, arquétipos e representações culturais, criando assim, uma atmosfera que permeia a psique humana e a cultura, sendo moldada tanto pela herança cultural quanto pela experiência individual, formando um ambiente simbólico no qual as emoções, os mitos e as imagens se entrelaçam. “Mas se o objeto da simbologia é por essência pluridimensional e se refrata ao longo de todo o trajeto antropológico, daí resulta que já não podemos concentrar-nos com uma hermenêutica limitada a uma única dimensão” (Durand, 1995, p. 93).

Finalmente, Corbin também adota a ideia de um imaginário como um espaço sensível e transcendente, especificamente no que se refere à sua visão mística e espiritual. Para ele, o imaginário cria um mundo intermediário, um ambiente no qual o sujeito se encontra com o divino e com o arquetípico, estabelecendo uma atmosfera espiritual que interage com a realidade cotidiana e com os símbolos religiosos e místicos.

Portanto, essa visão do imaginário como ambiente ou atmosfera articula uma unificação das ideias dos pensadores sobre como o imaginário não é apenas um conjunto de imagens mentais, mas um espaço simbólico e emocional compartilhado, que se insere nas relações sociais, culturais e espirituais, influenciando profundamente a experiência humana. O imaginário é entendido como uma atmosfera sensível e dinâmica, moldada pelas imagens coletivas, pelas narrativas culturais e pelas expressões individuais, funcionando como um ambiente onde as identidades, as emoções e as percepções podem se formar e se transformar.

Esta versão é da ordem da aura, é uma atmosfera relativa ao ambiente que envolve o cenário vivido. É causa e consequência, é um emaranhado de traços que identifica o cenário compondo-o com o brilho de um momento singular. Mas não é a cultura, visto que a cultura engloba todos os imaginários, são os detalhes que representam o momento cultural, são os aspectos que engendra o cenário do ambiente. Envolvem também os apetrechos que compõem esse cenário, como: roupas, comportamento, linguajar, época, estilo. (Silva, 2020b). “[...] As sociedades só existem e as culturas só se formam, conservam, transmitem e desenvolvem através das interações cerebrais/espirituais entre os indivíduos” (Morin, 2011, p. 19). Como o Método 4 de Morin (2011) nos demonstra, a relação cultura e sociedade que envolve os seres humanos se retroalimenta, sendo os indivíduos o canal que realiza esse trânsito, possibilitando que o cérebro tenha as condições socioculturais necessárias para se manter atualizado, sendo que as mesmas utilizam-se da propensão do espírito para conseguir se dispor. Por isso, o foco desta versão do imaginário não é a cultura, e sim a aura relativa ao ambiente.

Essa aura molda e identifica o cenário, sendo “o imaginário essa iluminação, essa crença na luz, essa aposta na imaginação como método para se alcançar uma realidade mais real e mais completa” (Silva, 2017, p. 56). Esse conceito reflete a ideia de que a percepção e a experiência do ambiente são influenciadas por uma combinação de elementos sensoriais e contextuais que criam uma impressão única.

O imaginário é apresentado como um método para entender e revelar uma realidade mais profunda e autêntica, destacando a importância da imaginação na formação da compreensão da realidade, fornecendo uma visão rica e multifacetada da relação entre imaginário e real, destacando como a percepção e a interpretação moldam a experiência do mundo. Esta versão de imaginário reforça a importância do ambiente, a relevância da aura que envolve o ambiente, a fluidez e a construção dinâmica da realidade, revelando uma visão de que o real é constantemente influenciado e recriado pelo imaginário e pela percepção da atmosfera que o cerca.

3.2 IMAGINÁRIO COMO FICÇÃO COMPARTILHADA

A abordagem deste conceito por Silva, explora como certos estereótipos e representações culturais funcionam como formas de construção coletiva da realidade, distantes das verdades factuais e objetivas, mas que funcionam para cimentar a história da sociedade em paralelo do registro da verdade propriamente dita. A mídia, ao veicular certos estereótipos e imagens, cria uma ficção coletiva que organiza a maneira como os indivíduos se veem e se relacionam uns com os outros. A ideia de ficção compartilhada é fundamental, pois, para Silva, o imaginário é uma construção social que, embora muitas vezes seja baseada em símbolos e imagens coletivas, pode ser manipulada para reforçar ideologias dominantes.

Silva (2020b) utiliza o exemplo do Brasil como um estereótipo representativo do futebol para ilustrar o conceito de imaginário como ficção compartilhada. O estereótipo é descrito como uma forma de imaginário que não está diretamente relacionada à verdade factual, mas sim a uma construção social e cultural que é amplamente aceita e compartilhada. Estereótipo é a palavra que direciona a interpretação dessa versão do imaginário como ficção compartilhada, sendo que “o imaginário coloca-se fora do registro da verdade factual” (Silva, 2020b, p. 10). “O imaginário, nessa perspectiva, remete ao transbordamento da fantasia” (Silva, 2017, p. 15).

Isso sugere que o imaginário não se limita a uma simples criação ficcional, mas se manifesta como um fenômeno que ultrapassa a fantasia individual para se tornar uma construção coletiva e compartilhada. “Não se trata de uma ficção nem de uma mentira, mas justamente de algo que, por sua 'natureza', escapa desse enquadramento funcionando como ideal” (Silva, 2017, p. 60). Por sua própria natureza, não se encaixa em definições

rígidas e funcionais, mas serve como uma espécie de ideal ou construção cultural que ajuda a moldar a percepção e a identidade coletiva.

Para Maffesoli, o imaginário não é uma construção isolada, mas sim um produto de emoções e afetos coletivos, constituindo uma realidade simbólica que é vivida e constantemente reinterpretada por esses grupos. A ficção aqui não se refere a algo falso, mas a uma construção coletiva que organiza a experiência social e dá sentido ao pertencimento. O imaginário, nesta sua versão, se apresenta como uma construção social que se desvia das verdades factuais para se estabelecer como uma ficção compartilhada. “O pensamento é apenas um dos elementos de um sistema simbólico que está na base de toda agregação social. [...] A preeminência do grupo, da tribo, que não se projeta na distância, ou no futuro, mas vive no concreto mais extremo que é o presente” (Maffesoli, 2018, p. 125). Bachelard também propõe que a imaginação humana cria uma ficção que molda a percepção da realidade, ao mesmo tempo em que essa ficção é compartilhada por indivíduos e comunidades que possuem uma relação comum com esses símbolos. Para ele, o imaginário não se limita a algo individual ou privado, mas é parte de um processo coletivo e cultural de criação de sentido. O imaginário como ficção compartilhada é um meio pelo qual culturas e sociedades formam ideais e estereótipos que transcendem a realidade objetiva, operando mais como um reflexo de ideias e percepções coletivas do que como uma representação precisa da realidade.

Mesmo sob a ótica do estereótipo, esta versão de imaginário demanda muito da atuação da criatividade para fazer relações entre o cotidiano e o simbólico mitológico da cultura social. “A cultura é um conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo” (Maffesoli, 2001, p. 75). Assim, o imaginário como ficção compartilhada se torna um conceito que transcende as fronteiras entre o individual e o coletivo, entre o real e o simbólico, criando um espaço de construção contínua e dinâmica de significados. Por fim, a concepção do imaginário como ficção compartilhada está profundamente alinhada com a Teoria da Complexidade de Morin, pois ambas reconhecem a dinâmica e a interconexão das construções simbólicas, culturais e sociais. O imaginário, enquanto ficção coletiva, emerge de uma rede complexa de interações, onde múltiplos elementos e significados se entrelaçam, gerando novas imagens e narrativas que influenciam a construção da identidade coletiva. A teoria de Morin, com sua ênfase na complexidade, proporciona um alicerce para entender como o imaginário

se configura como um processo dinâmico e fluido, no qual as ficções compartilhadas têm o poder de formar e transformar a realidade social e cultural.

3.3 IMAGINÁRIO COMO FANTÁSTICO DO COTIDIANO

O imaginário como fantástico do cotidiano sugere que, no cotidiano, há um potencial para o surgimento do maravilhoso, do surreal, do místico ou do poético, que pode se manifestar por meio de símbolos, metáforas e imagens. Em vez de ser uma dimensão separada ou externa à vida diária, o fantástico se infiltra nas experiências cotidianas, criando momentos de maravilhamento e transformação. “Não menos estranho e especulativo é situar o imaginário no centro da maquinaria social, determinando a 'racionalidade' de nossas escolhas e revelando a medida de ficção que ajuda a constituir a realidade” (Felinto, 2024, p. 25). O conceito de imaginário como apresentado por Silva, envolve a transformação do cotidiano em algo extraordinário, destacando como o imaginário pode reconfigurar a percepção da rotina e do trivial. “Podemos falar do (re)nascimento de um 'mundo imaginal', de uma maneira de ser e de pensar inteiramente perpassadas pela imagem, pelo imaginário, pelo simbólico, pelo imaterial. A imagem como meio vetor, como elemento primordial do vínculo social” (Maffesoli, 1984, p.12).

Além do imaginário cotidiano das pessoas ser infestado de figuras, como exemplificado pela imagem do unicórnio que o próprio Silva (2020b) cita ao referir-se a esta versão de imaginário, a espetacularização espontânea do vivido está em “festas e rituais que transfiguram o cotidiano [...] acontecimentos que ritmam a vida e injetam o extraordinário no ordinário, o incomum no comum, o diferente na banalidade da rotina” (Silva, 2020b, p.11). Bachelard, pela vertente da imaginação poética, sustenta que o fantástico não se limita a um mundo distante e inacessível, mas emerge das coisas mais simples do cotidiano. Ele vê o imaginário como um território onde as imagens poéticas podem transformar a experiência ordinária. Para Bachelard, o imaginário e o fantástico podem ser encontrados nos espaços mais cotidianos, como a casa, o jardim ou o céu, que, quando vividos com a imaginação poética, tornam-se mundos de significados múltiplos e profundos. A transformação do cotidiano em fantástico é mediada pela capacidade de sonhar, imaginar e sentir, algo que ocorre frequentemente na infância, na poesia e na relação com o espaço doméstico, mas que requer atenção e sensibilidade ao cotidiano para ser identificada. “A reflexão filosófica que se exerce sobre um pensamento científico longamente trabalhado deve fazer com que a nova ideia se integre em um corpo de ideias

já aceitas, ainda que a nova ideia obrigue esse corpo de ideias a um remanejamento profundo [...]” (Bachelard, 1993, p. 01). O cotidiano se torna fantástico quando é atravessado por um olhar poético que revela as camadas simbólicas escondidas no real.

“Para Corbin, o ato de imaginar é inerentemente divino. E, a rigor, não há nada que exista que não seja o resultado de um ato de imaginação” (Tom Cheethan In. Schwarzstein, 2023, p. 15). Silva descreve o imaginário como uma irrupção do anormal na rotina normal da vida em sociedade. Essa irrupção é vista como uma diferença na repetição que surpreende e desestabiliza a normalidade, trazendo um elemento de novidade e maravilhamento ao cotidiano (Silva, 2017, p. 14). Aqui, o imaginário é visto como um fenômeno que introduz o fantástico e o extraordinário na rotina diária, transformando o ordinário em algo notável e surpreendente. É importante enfatizar a capacidade do imaginário de transformar o banal em algo extraordinário. Silva menciona a metamorfose do trivial em maravilhoso e o salto inesperado que o imaginário proporciona (Silva, 2017). Essa perspectiva sugere que o imaginário atua como uma força que converte a simplicidade do cotidiano em algo mais grandioso e significativo, evidenciando sua capacidade de transformar a percepção do comum.

Silva também aborda a disseminação do imaginário em contextos de saturação do fantástico e a industrialização do universo mágico como um produto de consumo simbólico (Silva, 2017). Isso indica que o imaginário, ao ser comercializado e amplamente distribuído, passa a fazer parte do consumo simbólico, influenciando a maneira como o fantástico é experimentado e percebido na sociedade contemporânea. Isso sugere que o imaginário não apenas transforma a rotina diária em algo extraordinário, mas também imerge o cotidiano em narrativas e mitos que o revestem de significado e profundidade adicionais.

Em suma, Silva vê o imaginário como uma força que reconfigura e enriquece a experiência cotidiana, transformando o comum em algo extraordinário e maravilhoso. Ele também explora como o imaginário, ao se tornar um produto de consumo simbólico, influencia e é influenciado pelos contextos culturais e sociais contemporâneos. A ideia central é que o imaginário introduz uma dimensão de surpresa e significado ao cotidiano, elevando a banalidade à esfera do fantástico e do maravilhoso.

Morin se relaciona com o conceito de imaginário como fantástico do cotidiano ao entender que o imaginário é um fenômeno complexo e interconectado, que se manifesta por meio de ficções compartilhadas, símbolos e narrativas, e que o fantástico é parte do

cotidiano ao criar novas dimensões de significado e identidade. Ele nos convida a ver o cotidiano como um espaço multifacetado, onde o real e o imaginário se fundem de maneira fluida, complexa e dinâmica, construindo novas realidades e significados a cada momento.

Assim, o imaginário como fantástico do cotidiano não é algo separado ou exterior à vida cotidiana, mas sim uma parte intrínseca dela, que transforma o mundano em mágico, o ordinário em extraordinário, e abre novas dimensões de percepção e significado para os indivíduos e as coletividades.

3.4 IMAGINÁRIO COMO MEMÓRIA AFETIVA

Trata-se de um álbum de fotos mental que cada pessoa tem dos bons e maus momentos vividos, “nessa perspectiva, imaginário é tudo aquilo, positivo ou negativo, que a memória afetiva recorta e armazena” (Silva, 2020b, p. 12). Diferentemente de ser uma simples lembrança, esse imaginário é estruturado não pelo sentimento do que foi vivido, e sim pela seleção involuntária pessoal das imagens que foram gravadas.

Para não ser um sentimento é preciso que esse recorte mental seja uma vivência e essa experiência, dentro da tribo do evento corporativo, permite recortar a memória da relação com o outro. Como os estudos de Durand delineiam: “Nada para o ser humano é insignificante. E dar significado implica entrar no plano do simbólico” (Pitta, 2017, p. 18). Essa versão do imaginário sugere que as memórias afetivas não são apenas registros de acontecimentos passados, mas também imagens, símbolos e narrativas que carregam uma carga emocional e são fundamentais para a identidade e a experiência do presente. Apresenta o imaginário multifacetado da experiência humana de viver, se relacionar e criar memória. O imaginário pode ser visto como uma espécie de memória emocional que se fixa ao longo do tempo. Ele é uma construção que mantém e transforma experiências afetivas, acumulando-se e influenciando nossa percepção do passado e do presente. A validação ou reconhecimento de um imaginário não é apenas um processo racional, mas profundamente emocional. Isso sugere que o valor e a importância que damos ao imaginário são moldados por sentimentos e afetos. (Silva, 2017).

A memória afetiva, para Morin, é complexa e multidimensional, pois envolve uma rede de afetos, símbolos e imagens que são compartilhados coletivamente, mas também reinterpretados individualmente. Morin vê a memória afetiva como uma maneira de os indivíduos e os grupos se reconectarem com suas raízes, reconstruindo identidades

e sentidos a partir da interação entre o passado e o presente, o individual e o coletivo. “O deslocamento que atravessa o imaginário dispõe (reposiciona) a trajetória existencial do homem na sua relação com o vivido” (Silva, 2017, p. 63). O imaginário tem a capacidade de reposicionar a nossa trajetória de vida, alterando como vivenciamos e interpretamos nossas experiências. Ele não é fixo, mas mutável e pode influenciar como compreendemos nosso passado e nosso presente. O imaginário transcende o racional e abrange uma gama mais ampla de experiências e percepções, incluindo o irracional e o fantástico. Ele é uma ferramenta para construir significados e interpretar o mundo, mostrando que a compreensão e o sentido são processos complexos que envolvem mais do que a razão pura. A memória além da própria razão é representada para Durand pela lei da entropia: “[...] Põe em evidência o fato de essa desordem, presente em toda parte, não ser degradação [...]. Em vez de degradar, ela faz existir” (Pitta, 2017, p. 73).

Para Maffesoli, as memórias afetivas são fundamentais no processo de coesão e de pertença, especialmente dentro de grupos que partilham símbolos, mitos e histórias comuns. As emoções e os afetos gerados por essas memórias são transformados em imagens e narrativas que ajudam a formar a base do imaginário coletivo. Nesse sentido, o imaginário não é apenas uma ideia abstrata, mas está ancorado nas experiências afetivas e nas memórias compartilhadas pelos membros de uma comunidade, seja ela tradicional ou contemporânea. O imaginário, portanto, emerge como uma memória afetiva coletiva, que se traduz em rituais, mitos e símbolos que atravessam as culturas e os grupos sociais. “A memória coletiva é, com certeza, uma boa expressão para descrever o sistema simbólico e o mecanismo de participação. [...] Assim como não existe duração individual, não existe tampouco pensamento singular” (Maffesoli, 2018, p. 123).

O imaginário pode ser entendido como um resíduo ou um acúmulo de experiências que não se encaixam perfeitamente em uma narrativa racional ou objetiva. Ele é o que permanece e ganha significado a partir do que foi efêmero e fugaz. Essas ideias sugerem que esta versão de imaginário é uma força poderosa e dinâmica na construção do sentido e na configuração da nossa experiência pessoal e coletiva. Ele é uma forma de memória afetiva que se entrelaça com o racional e o irracional, ajudando a moldar e reinterpretar a nossa realidade e nosso passado.

Enquanto o estudo do imaginário opera em uma dimensão conteudística, em termos dos conjuntos de imagens que atuam nas dinâmicas de uma sociedade, a investigação das atmosferas pode ajudar a entender a forma como tais imagens se encadeiam, os climas invisíveis que as circundam, as

materialidades e sensorialidades que frequentemente as acompanham como 'colas afetivas' (Felinto, 2024, p. 31).

O imaginário, nesse contexto, é uma memória dinâmica, sempre em transformação, que conecta o emocional, o simbólico e o coletivo em uma rede complexa e multifacetada, onde o fantástico, o poético e o espiritual podem se entrelaçar com as experiências cotidianas, criando uma rica tapeçaria de significados que dão sentido à vida humana.

3.5 IMAGINÁRIO COMO EXCEDENTE DE SIGNIFICAÇÃO

Essa versão passa por todas as outras versões do imaginário denotando a “transfiguração do real, do banal ou simplesmente de certos momentos vividos, atribuindo-se a esses fragmentos existenciais um sentido, superior, mágico, transcendental, positivo ou negativo, mais do que uma aura, um *plus* de significado” (Silva, 2020b, p. 12).

O exemplo usado por Silva para explicar o hiper-real com excedente de significação do real que nossos olhos captam, é o reprise do gol e a trilha sonora dos personagens de novela (Silva, 2017). É o que os olhos capturam do momento vivido que não está mais sendo vivido no momento presente, mas que está registrado na nossa mente. “Todo imaginário é hiper-real: uma realidade mais real do que o real. Uma realidade transfigurada pelo sentido. Hiper-real é o real que encontrou significado” (Silva, 2017, p. 44). A versão do imaginário como excedente de significação propõe que o imaginário não se limita a representar ou refletir a realidade, mas que ele vai além, criando excedentes de significados que ultrapassam o que pode ser racionalmente compreendido ou classificado. Essa ideia vê o imaginário como uma produção simbólica que transcende a lógica imediata da utilidade e da razão, oferecendo uma dimensão extra de significado que gera multiplicidade, ambiguidade e transformação. O excedente de significação se refere à capacidade do imaginário de gerar mais significados do que os que inicialmente lhe são atribuídos, criando camadas adicionais de interpretação e emoção, e permitindo uma abertura à complexidade e ao imprevisto.

O excedente de significação pode ser associado ao que Morin apresenta quando se refere a significação da reorganização (neguentropia) depois da organização (entropia) que é o durante da vivência da realidade. “A entropia, num certo sentido, contribui para a organização que tende a arruinar e, como o veremos, a ordem auto-organizada só pode

se complexificar a partir da desordem, ou melhor, já que estamos numa ordem informacional, a partir do ruído” (Morin, 2015, p. 31). Morin vê o imaginário como parte de um sistema complexo em que os significados estão sempre em construção, emaranhados, e que se desdobram em múltiplas camadas. O excedente de significação pode ser entendido aqui como a capacidade do imaginário de criar novos sentidos e novas interpretações à medida que ele interage com os processos sociais, culturais e individuais. Morin sugere que o imaginário humano não é apenas uma resposta a uma realidade externa, mas uma fonte de construção de sentidos que sempre vai além do que é inicialmente dado, gerando um fluxo dinâmico de significações que não se restringe à lógica e à razão.

Esta versão de imaginário amplia a visão do imaginário como uma força fundamental que vai além da realidade empírica e científica, sugerindo que ele é essencial para a construção do sentido e da consciência. O sentido, ou a compreensão significativa das experiências, é gerado no âmbito do imaginário. O excedente de significação se refere a algo que vai além da realidade objetiva, e essa excedência é muitas vezes percebida como uma falta ou lacuna na realidade factual. O imaginário preenche essa lacuna e dá sentido ao que não pode ser totalmente explicado ou compreendido apenas racionalmente, pois vai além do vivido em realidade.

“O imaginário é um excesso, algo que se acrescenta ao real” (Silva, 2017, p. 24). O imaginário não é apenas um reflexo da realidade, mas algo que a expande. Ele adiciona camadas de interpretação, emoção e fantasia à realidade, criando uma dimensão adicional que enriquece a experiência humana. O imaginário é descrito aqui como um excesso porque vai além do que é imediatamente visível ou empiricamente verificável.

“Esse hiper-real surreal é o real do imaginário, esse excedente por trás, por cima, por baixo, por todos os lados do real amputado” (Silva, 2017, p. 53). O hiper-real surreal refere-se a uma realidade que é ampliada e enriquecida pelo imaginário. É uma forma de realidade que inclui não apenas o que é imediatamente observável, mas também o que é oculto ou transcende o real factual. O imaginário fornece um excedente de significação que preenche as lacunas e áreas não abordadas pela realidade empírica, sendo assim, um adicionamento à memória do vivido. Durand sugere que o imaginário não é um campo fixo e definido, mas uma rede de significados em constante mutação, gerando um excedente interpretativo à medida que as imagens míticas e os arquétipos se adaptam a novas realidades culturais e pessoais. O excedente de significação no imaginário, segundo

Durand, é a capacidade dos mitos e dos símbolos de transcender seu significado original, adquirindo novas camadas de sentido em diferentes contextos históricos, culturais e individuais.

O imaginário é descrito como algo que nunca pode ser completamente capturado ou definido, pois sempre escapa à total compreensão. O que é acrescentado inconscientemente ao vivido se torna, uma vez fixado, a única maneira de perceber e entender o que existe. Isso destaca a importância do imaginário na formação da nossa percepção e consciência. O imaginário pode ser visto como uma colagem composta de vários fragmentos da realidade e experiências. Esses fragmentos se combinam para formar uma representação complementar que preenche e dá sentido à realidade de maneira que não seria possível apenas com os dados objetivos e racionais (Silva, 2017).

Esta versão de imaginário enfatiza que o imaginário não apenas complementa, mas também enriquece e expande a realidade. Ele é crucial para a construção do sentido e da consciência, oferecendo uma dimensão de interpretação e significado que vai além dos limites da experiência empírica e racional. Ele não apenas reflete a realidade, mas a transcende, oferecendo uma infinidade de significados possíveis, que são constantemente ressignificados e transformados pelas experiências, pela memória, pelas emoções e pelas culturas. O imaginário se configura como um excedente de significação, sendo fundamental para a construção de novas realidades, identidades e interpretações, ampliando as possibilidades de sentido na vida cotidiana e na experiência humana.

4. EVENTO CORPORATIVO E RITUALIZAÇÃO

Há diversas categorizações e tipos de eventos, sendo a classificação mais abrangente identificá-los em sociais e corporativos (Cesca, 2008). O evento social faz parte da rotina, do cotidiano da vida em sociedade. É caracterizado por celebrar um momento marcante em uma determinada fase da vida, sendo o intuito sempre comemorar um acontecimento como o casamento, enaltecer uma conquista como a formatura, celebrar uma data como o nascimento.

O evento corporativo é caracterizado pelo mercado de negócios (Cesca, 2008), voltado para empresas públicas ou privadas, objetiva a interação entre as pessoas, a exposição de conteúdo empresarial, informação de metas e planejamento, geração de negócios. Conforme dados fornecidos pela Agência Brasil da EBC - Empresa Brasil de Comunicação, o segmento de feiras e eventos corporativos é responsável por 4,32% do Produto Interno Bruto brasileiro. Gera 13 milhões de empregos e movimenta aproximadamente 1 trilhão de reais por ano (Peduzzi, 2021).

Em cada evento corporativo que é realizado, são dedicados meses de trabalho de planejamento e organização e, quando a data de realização do evento se aproxima, são dias de montagem, realização propriamente dita do evento e desmontagem de estrutura. Os profissionais envolvidos na organização e produção de eventos se dedicam por longos períodos de planejamento e execução a cada evento. Por outro lado, para os participantes do evento, a experiência é um caleidoscópio de expectativas, relacionamentos, novidades e conteúdos. O público participa de um evento corporativo com variados objetivos e diversas intenções profissionais a serem concretizadas: novos negócios, relacionamento com *stakeholders*, captação de informação, conteúdo, *networking*, progressão de carreira, entre outros (Zanella, 2006).

O ponto de congruência entre os profissionais que trabalham com eventos corporativos e o público participante é a expectativa em viver uma experiência diferenciada e a certeza de que serão vividos momentos únicos. Aquela data, naquele lugar, com aquelas pessoas, aquele momento profissional, o cargo que ocupa e a representação da empresa em que trabalha - essa formação exata do momento profissional de cada pessoa, no evento corporativo visitado, não se repetirá.

O pertencimento social é uma característica do ser humano que demonstra a sua necessidade de aprovação perante a sua tribo de convivência. As relações de convivência no ambiente profissional desempenham um papel determinante no funcionamento eficaz

de uma empresa. A colaboração e a interação entre os membros da equipe são fundamentais para alcançar objetivos comuns e da empresa, além de promover um ambiente de trabalho saudável e produtivo. As relações profissionais caracterizam um modelo de convivência já que “a identidade dos indivíduos é criada pelo seu trabalho pelo qual se concretiza a satisfação das necessidades humanas” (Duarte, 2010, p. 368). A anulação do individualismo não significa a supressão da individualidade, traz em si os benefícios das competências, perspectivas e experiências de cada indivíduo em favor do valor da convivência e do trabalho em equipe, compondo uma fórmula de sucesso no ambiente organizacional. Inserido nesse contexto, pode-se considerar que “a barreira da intimidade ou da carapaça individual salta, e a emoção ou as paixões tornam-se expressões condensadas do mundo social” (Maffesoli, 2011, p. 183). A partir do evento corporativo como objeto de análise por ser um habitat específico de *networking* e negócios no ambiente profissional, é possível analisar o evento corporativo pela sua característica tribal de pertencimento, estudando a relevância do tribalismo nesse ritual de consumo, transacionando a individuação para o coletivo por meio do consumo desse ritual de corpo presente, visto que “ritual e corpo são indissociáveis” (Camargo, 2020, p. 49), sendo o corpo o instrumento que materializa o ritual de consumo.

“Consumo poderia ser entendido em seu sentido literal ‘com soma’, daí a relação com consumo e conta, gasto e pagamento” (Perez, 2020, p. 09). Precisamos ir além desse sentido literal para pensarmos no ritual de consumo. “Vamos nos centrar no consumo como processo de construção de vínculos de sentido, entre marcas, produtos, serviços (materiais e imateriais) e pessoas, que pode se dar de várias formas” (Perez, 2020, p. 10).

Da mesma maneira, é comum associar ritual a um procedimento religioso, mágico, místico. Nesse texto devemos ultrapassar esse entendimento primário e analisar ritual como gesto, sistema e ato.

O rito é um ato ou um gesto, individual ou coletivo, realizado em vista de um resultado que vai além deste mundo empírico. O rito se situa no cruzamento entre natureza, sociedade, cultura e religião. É um ato simbólico mediante o qual o homem, nos limites de uma realidade pertencente a este mundo, estabelece um contato com uma realidade que transcende este mundo. Todo rito tem um sentido: ele é constituído pela associação entre um gesto e uma crença. Desde os tempos mais antigos até nossos dias atuais, a pessoa que realiza um rito desempenha um gesto que, a seus próprios olhos, comporta um significado. (Ries, 2020, p. 281)

Visto que o foco de objeto em questão é o evento corporativo, importante destacar que o evento desperta e demanda atenção: “Para as relações públicas, evento é execução do projeto devidamente planejado de um acontecimento, com o objetivo de manter, elevar ou recuperar o conceito de uma organização em seu público de interesse” (Cesca, 2008, p. 20).

É única essa vivência e exclusiva essa experiência. O evento acontece materialmente em um tempo definido, com uma narrativa pré-definida. O evento segue rituais de procedimento, com *Key Visual* e o desdobramento das peças de comunicação estudadas e criadas para envolver os participantes, tendo coletivamente uma estrutura totêmica. Todos esses atos ritualísticos que envolvem o evento compõem um momento mágico que acontece com cada uma das pessoas presentes.

Por essa razão, a organização do evento corporativo é profissionalmente trabalhada com esmero e alta complexidade de realização, sendo uma cerimônia ritualística que envolve o imaginário considerando que “o corpo é o lugar primeiro das imagens” (Heilmair; Baitello Junior, 2019, p. 143) delimitando o evento com o recorte da representação e da noção mitológica de magia, ritual e identificação de grupo – tribo. O imagético que abrange toda a imagem técnica do evento corporativo como ritualístico transcende essa experiência para o imaginal, onde esse evento acontece dentro do imaginário de cada pessoa, possibilitando que a magia aconteça ao vivenciar uma experiência que é maior que a realidade.

Portanto, os participantes de um evento corporativo compõem o grupo interessado no tema de realização do evento. Esse grupo tribal tem em comum a pauta abordada no evento durante o seu período de realização e participam do evento consumindo-o e vivenciando-o de maneira ritualística, sendo “sua única função de reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo” (Maffesoli, 2018, p. 90). “É a socialidade do rito que constitui sua própria eficácia” (Rivière, 1996, p. 46). O ritual de consumo relaciona práticas comportamentais na utilização de serviços do cotidiano, no ato de realizar uma compra, na participação em um evento corporativo, configurando e demonstrando evidências da organização social vivenciada. Nesse contexto, há uma dessacralização da interpretação religiosa de ritual e um brilhante destacamento do comportamento social e cultural do consumo como forma de expressão. Dessa maneira, é importante destacar como vertente de definição relativa ao consumo:

É o processo e não apenas um ato, o de comprar. Envolve todas as possibilidades de ações e estratégias de aproximação, busca de informações, formação de opinião, mas também de sedução, compra propriamente dita, uso dos produtos e serviços nos contextos mais variados, guarda, descarte em alguns casos, ressignificação em tantos outros. Assim, consumo é um ritual de construção de vínculos de sentido pela mediação da cultura (i)material que envolve múltiplos processos sógnicos heterárquicos e de natureza complexa, ora pautados em informação e objetividade, ora no mais puro encantamento. (Perez, 2020, p. 12)

Dito assim, é fundamental analisarmos que o processo ritualístico que precede o ato de consumo em si na participação de um evento corporativo, determina o relacionamento do consumidor com a marca sem estampar um rito, mas valorizando uma perspectiva ritual do cotidiano. “O rito coloca o sujeito em relação com a coletividade e o libera do seu isolamento. Cada indivíduo apenas se conhece na dependência simbólica de um outro, caucionada pelo rito” (Rivière, 1996, p. 80).

O consumidor realiza um ritual de consumo ao pesquisar valores, comparar qualidade de produtos ou ao optar pela sua marca favorita sem realizar comparações com outros produtos de marcas similares. E considerando a participação em um evento corporativo, como se dá o ritual de consumo quando se trata de um serviço?

“É possível afirmar que os ritos são portadores de uma chave usada para abrir espaços temporais que, muitas vezes, residem apenas no imaginário das pessoas” (Rossi, 2020, p. 24). O consumo, portanto, leva o indivíduo a optar por determinados rituais de aquisição com base em pertencimento, qualidade e identificação.

[...] Encontrou o centro mesmo do mundo social como um processo perene de buscar a unidade na dualidade (como ocorre nos casamentos quando a sociedade deseja fazer de dois indivíduos uma entidade), a divisão no contínuo (como ocorre nos funerais quando tentamos por meio do rito nos separar de nossos entes queridos que precisam ser colocados fora do nosso mundo), a sociedade no indivíduo (quando procuramos marcar os filhos com as formas e valores que adotamos como críticas na definição daquilo que é verdadeiramente humano e digno), o indivíduo, como símbolo da sociedade (quando investimos uma pessoa num cargo que representa todo o grupo naquilo que ele deve ser de positivo, de forte e de honrado). (Gennep, 2013, p. 18)

O ritual é a experiência vivida pelo indivíduo, o envolvimento que ele sente com a marca por meio do *storytelling* que lhe é apresentado e narrado, são os símbolos que a marca oferece agregando valor ao seu produto. E quando se trata de serviços, é o senso de pertencimento que se destaca no ritual, agregando o indivíduo à tribo da marca, incluindo o indivíduo no centro da experiência. “A ação ritual assim compreendida

consiste em uma manipulação de um objeto-símbolo com o propósito de uma transferência imperativa de suas propriedades para o recipiente” (Peirano, 2022, p. 27).

A ritualização nos eventos corporativos pode ser vista como uma maneira de criar um sentido compartilhado de pertencimento, valor e identidade entre os participantes, além de estabelecer a coesão social e garantir que os objetivos do evento sejam comunicados de forma eficaz. “Rituais não se prestam à interioridade narcísica. [...] Quem se dedica a eles deve renunciar a si mesmo. Rituais produzem uma distância de si, uma transcendência de si. Eles despsicologizam, desinteriorizam seus atores” (Han, 2021, p. 17). Os eventos corporativos são frequentemente momentos de ritualização que permitem às empresas reforçar sua cultura organizacional e seus valores essenciais. Da mesma forma que em rituais tradicionais que marcam transições ou celebrações, os eventos corporativos tornam-se cerimônias simbólicas que reúnem colaboradores, parceiros e clientes com um propósito específico, como, por exemplo, lançamento de produto, reconhecimento de metas atingidas ou comemorações anuais. Os eventos corporativos frequentemente seguem uma estrutura formalizada, muito parecida com a de um ritual, com fases claras: início (abertura cerimonial), meio (palestras ou apresentações) e fim (encerramento com agradecimentos ou anúncios). Cada fase é carregada de simbolismo, desde a entrada dos participantes até as ações e discursos realizados, que reforçam as mensagens institucionais e os objetivos do evento.

O ritual de credenciamento em um evento corporativo é o *storytelling* que a experiência de participação no evento oferece como ferramenta de comunicação. Ao pisar na área de recepção do evento, onde é necessário identificar-se para adentrar e participar do evento, a pessoa chega somente como indivíduo. Ao receber seu crachá no balcão de credenciamento, essa pessoa passa a ter sua apresentação por meio do crachá como objeto-símbolo, passa a agregar o público que participa do evento e, mais ainda, destaca o senso de pertencimento do indivíduo àquela experiência, habilitando-o a viver o momento único que o evento oferece. A pessoa torna-se indivíduo integrante de uma tribo ao vivenciar o ritual de credenciamento na entrada do evento e receber o crachá de sua identificação é uma instrumentalização ritualística que o empodera com credenciais de status social, dando destaque não somente ao seu nome, mas a empresa a que pertence e ao cargo que ocupa. É uma autoafirmação da pessoa que o indivíduo é e, o crachá como objeto-símbolo, declara a tribo que ele passa a pertencer, como membro da comunidade de interesse que o evento corporativo representa.

“Pela imaginação simbólica, a mente emancipa-se do real imediato e confere às coisas e acontecimentos um segundo sentido figurado com uma excepcional profundidade” (Rivière, 1996, p. 92). O uso do crachá no pescoço em um evento corporativo, complementa a ornamentação da pessoa que saiu de seu lar e pôs-se em um traje adequado para apresentar-se social e profissionalmente, objetivando causar a melhor impressão possível (Lindstrom, 2017). Para participar de um evento corporativo, o crachá é o último item da ornamentação pessoal. Confirma a categoria da pessoa dentro do evento e o habilita a pertencer como um espécime da tribo. Em muitos eventos corporativos, a ritualização serve para promover a coesão social e fortalecer o sentimento de pertencimento à organização ou a um determinado grupo. A interação entre os participantes, as formas de cumprimento, os rituais de acolhimento, como as refeições ou intervalos programados, ajudam a criar uma experiência compartilhada que pode aumentar a identificação com a empresa.

A participação em um evento corporativo pode influenciar a percepção do status profissional e social de um indivíduo, explorando a intersecção entre identidade pessoal e afiliação tribal em comunidades de interesses em comum. É importante destacar também a abordagem dessa participação ativa do indivíduo dentro da tribo do evento, ativando e vivenciando experiências que tendem a contribuir para o crescimento profissional da tribo e para o desenvolvimento ou reforço individual de habilidades. “Rituais e cerimônias são ações genuinamente humanas que fazem a vida festiva e encantada. Seu desaparecimento profana a vida em sobrevivência” (Han, 2021, p. 45).

A dinâmica analisada em questão é especificamente a do credenciamento do evento, que habilita e identifica o indivíduo para sua participação no evento. Ninguém entra em um evento corporativo sem identificar-se por meio de um crachá personalizado do evento, pois nesse ambiente se apresentarão dados relevantes das corporações, além da possibilidade de grande rede de *networking*. Vale destacar que, em épocas que tanto se fala e especula sobre atendimento de serviços relacionado a automação e a inteligência artificial, a análise de Kotler referente a automação de mídias digitais pode ser aplicada também para o atendimento na experiência do evento.

O objetivo máximo de toda empresa é levar o cliente da assimilação à apologia, proporcionando interações excepcionais ao longo da jornada. Para realizar isso, as empresas precisam projetar meticulosamente cada ponto de contato e determinar onde usar a automação e onde usar um toque humano pessoal. Em geral, a automação é útil quando o cliente exige apenas rapidez e eficácia, como na hora de fazer uma reserva ou um pagamento. Por outro lado, o ser humano ainda é superior na realização de tarefas que exigem flexibilidade e

compreensão do contexto, como em interações de consulta e hospitalidade.
(Kotler, 2021, p. 147)

A aprovação social na dinâmica de pertencimento tribal pode variar em diferentes culturas ao redor do mundo, mas o contexto organizacional de interesse de destaque individual tem força nessa consideração. O evento corporativo demonstra isso, valorizando o indivíduo que integra a comunidade que lhe interessa pelo período de tempo que o evento acontece, sendo possível até prolongar os relacionamentos criados ou estreitados nesse período para após o término do evento por meio de redes de contatos *on-line*, grupos de discussão, fóruns de trabalho e a manutenção das comunidades de interesse. A tribo criada na experiência ritualística de consumo de Comunicação Social que é o evento corporativo se mantém ou se estende, ampliando a participação das pessoas e cultivando os relacionamentos. “Sejamos sinceros, todos nós somos consumidores” (Lindstrom, 2017, p. 07).

As cerimônias de celebração e reconhecimento, como eventos corporativos de premiação, aniversário de empresa ou comemorações de metas atingidas, são uma forma de ritualizar o sucesso coletivo. Por meio dessas ritualizações, a empresa não só celebra suas conquistas, mas também reforça a importância da colaboração e a valorização do esforço coletivo. Por fim, o evento corporativo e a ritualização estão interligados na medida em que a ritualização confere a esses eventos uma dimensão simbólica e emocional, que vai além da mera formalidade. “O trabalho, que pertence à esfera do profano, separa e isola as pessoas, enquanto a festa as une e reúne” (Han, 2021, p. 66). Os eventos corporativos funcionam como cerimônias simbólicas que reforçam valores organizacionais, criam coesão entre os membros internos e externos da organização, celebram conquistas e marcam transições importantes. “Vivemos hoje em uma cultura do significado que descarta os significantes, a forma como algo exterior. Essa cultura é inimiga do desfrute e da forma. O excesso de significado caracteriza também os rituais” (Han, 2021, p. 103). A ritualização é, assim, um instrumento poderoso para moldar a cultura empresarial, reforçar identidades e valores, e garantir que os objetivos do evento sejam internalizados pelos participantes.

5. APLICAÇÃO METODOLÓGICA DAS VERSÕES DE IMAGINÁRIO

Por definição geral, é possível interpretar o que é o imaginário sob a análise de oposição à realidade, ao verdadeiro. Mas o imaginário é muito mais que um simples conceito, é uma análise cultural que ultrapassa sua delimitação do individual para o coletivo, é o excesso que se esconde e que, como bem define Silva (2021b), precisa ser iluminado para que seu significado seja desvelado.

O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra – estátua, pintura – há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário (Maffesoli, 2011, p. 75).

A utilização metodológica se baseia em análise de método e, como sugere Silva (2021b) ao destacar a aleatoriedade das escolhas metodológicas que, impreterivelmente, precisam ser testadas antes de serem contestadas: “Uma teoria, por exemplo, é uma lente que deforma, conforma, reforma, informa e dá forma ao que se observa. Teoria é pré-conceito. Conceito a priori. Uma metodologia é uma lente de apoio que permite à teoria formatar o vivido” (Silva, 2021b, p. 16).

Ao nos valer do estado da arte para justificar essa busca de pesquisa por uma proposta metodológica, é fundamental demonstrar que a escolha desse caminho foi pavimentada por trabalhos e estudos atuais que analisam o imaginário, como o aqui citado: “[...] propugnar pela relevância do imaginário e da atmosfera nos estudos de comunicação [...] se revela ao pesquisador menos como uma dinâmica racional e linear que como uma experiência afetiva, sensorial e subjetivante” (Felinto, 2022, p. 01-02).

5.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

O trajeto metodológico desta pesquisa partiu de uma análise qualitativa, com observação de análise exploratória pelo viés da observação participante, finalizada com o estudo de caso do evento escolhido como base para esta exploração analítica de aplicação referente à pesquisa do imaginário.

A pesquisa aqui realizada pode ser considerada qualitativa, especialmente devido ao seu foco em compreender e analisar fenômenos sociais em profundidade, considerando as dinâmicas, relações e perspectivas de grupos. A obra de Minayo (2010) é crucial nesse

sentido, enfatizando a importância de se compreender os grupos sociais como atores dinâmicos, que estão em constante interação e transformação, e não apenas como sujeitos isolados ou descontextualizados.

No contexto da pesquisa social, a abordagem qualitativa se configura devido a busca em entender o comportamento, as motivações, as crenças e as relações dos indivíduos ou grupos em um determinado contexto social. Minayo (2010) destaca que a pesquisa social não deve apenas descrever os fenômenos, mas sim compreendê-los a partir das perspectivas dos próprios atores sociais - ou seja, das pessoas envolvidas, permitindo uma análise das relações sociais que atravessam o campo investigado.

A pesquisa qualitativa é, de fato, a mais indicada para estudar fenômenos sociais complexos, pois ela se preocupa com a riqueza de informações e com o entendimento dos contextos e das relações sociais. Ao adotar esse tipo de abordagem, está se propondo a tentativa de compreender o significado que os fenômenos sociais têm para os próprios sujeitos que o vivenciam e como os sujeitos se inserem nas estruturas sociais e nas interações entre os indivíduos. “Uma grande preocupação da análise quantitativa é descrever a situação em questão, para responder à pergunta: O que está acontecendo aqui?” (Gibbs, 2009, p. 19).

Quanto ao caráter social da pesquisa, refere-se ao estudo das relações e interações sociais, que são o foco central da pesquisa qualitativa social. Esse tipo de pesquisa parte do pressuposto de que os grupos sociais estão em constante interação e que esses contextos relacionais influenciam os comportamentos e as percepções dos indivíduos. Minayo (2010), ao tratar da pesquisa social, destaca justamente a importância de analisar os grupos como atores sociais em relação uns com os outros e em diferentes perspectivas, demonstrando como esses atores constroem significados e se posicionam no mundo em que estão inseridos, a partir das suas realidades sociais. Dentro do contexto desta pesquisa, o evento corporativo é o ambiente onde a análise é realizada, sendo importante destacar que o trabalho se dá com relação aos eventos corporativos de forma geral, e, dado esse contexto corporativo, sendo analisado especificamente um evento em caráter de estudo de caso, como será visto adiante. Quanto aos atores em questão são todos os públicos presentes do evento, conforme já citados, os *stakeholders*. Contudo, à parte de palestrantes, patrocinadores e expositores, o foco desta análise se concentra no ator social propriamente dito, que é o visitante do evento, indivíduo que retrata o estereótipo de

pessoa interessada no tema do evento e em geração de negócios dentro deste ambiente específico e controlado.

O estudo de caso envolveu a análise das dinâmicas e interações de um grupo social específico, demonstrando o caráter social da pesquisa com enfoque na compreensão de como os indivíduos se organizam e se relacionam dentro de um determinado contexto, conforme comportamentos tribal e ritualístico. Para Minayo (2010), o trabalho de campo deve ser uma investigação sensível às relações de poder, às interações e aos significados atribuídos pelos participantes. Obviamente, o foco desta análise centra-se no estudo do imaginário como proposição de análise.

Ao destacar o caráter social da pesquisa, busco a reafirmação da ideia de que investigar fenômenos não de forma isolada, mas como parte de uma rede de relações sociais, é uma característica central da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Dado esse destaque, a socialidade é um ponto relevante nesta pesquisa, por determinar o contexto do ator social no evento corporativo.

O indivíduo é livre, ele contrata e se inscreve em relações igualitárias. [...] A pessoa é tributária dos outros, aceita um dado social e se inscreve em um conjunto orgânico. Em suma, podemos dizer que o indivíduo tem uma função, e a pessoa, um papel. Essa distinção é importante porque permite compreender que, seguindo um movimento pendular, as formas de agregação podem privilegiar seja o político, seja o que já há algum tempo proponho chamar de: a socialidade (Maffesoli, 2018, p. 119).

Além disso, a ideia de perspectivas de Minayo (2010) aponta para a necessidade analítica que a pesquisa demanda em captar as diferentes formas de interpretação e percepção que os sujeitos têm de seu ambiente e das relações em que estão inseridos, o que é justamente o objetivo da abordagem qualitativa.

A partir desta abordagem, a utilização do método exploratório neste estudo se justifica pela necessidade de compreender o fenômeno em seus aspectos iniciais e ainda pouco estudados, permitindo uma visão preliminar e flexível do objeto de estudo. Segundo Gibbs (2009), a pesquisa qualitativa, especialmente a exploratória, desempenha um papel crucial ao ajudar os pesquisadores a identificar padrões e questões que podem não ser imediatamente evidentes, mas que se tornam importantes à medida que o estudo avança. Gibbs enfatiza que, ao adotar uma abordagem exploratória, o pesquisador pode usar técnicas de coleta de dados como entrevistas e observação para descobrir e mapear variáveis e dimensões ainda não sistematizadas. No caso desta pesquisa, a observação foi realizada levando-se em conta uma questão analítica preponderante: a participação

profissional desta autora como profissional de eventos responsável pela criação do conceito, desenvolvimento cenográfico e conteúdo das peças de comunicação visual do evento relacionado no estudo de caso.

Além disso, o método exploratório com viés da observação participante se alinha com a perspectiva de Minayo (2010), que reforça a importância de se adotar uma postura flexível e aberta na pesquisa, permitindo que o próprio campo de investigação seja configurado à medida que o trabalho avança. Minayo (2010) destaca que a exploração analítica, especialmente nos primeiros estágios de uma pesquisa qualitativa, é fundamental para a construção de uma base empírica sólida, onde o pesquisador deve se adaptar às circunstâncias e ao contexto observado, ao invés de aplicar modelos preestabelecidos. Isso corrobora a ideia de que a fase exploratória facilita a construção de um olhar atento sobre o campo, com a possibilidade de ajustes.

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. [...] Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente (Minayo, 2010, p. 70).

O estudo de caso foi selecionado como método complementar à fase exploratória devido à sua capacidade de proporcionar uma análise profunda e contextualizada de um fenômeno específico, dentro de seu contexto real. A escolha do estudo de caso está em sintonia com as ideias de Gibbs (2009), que aponta essa abordagem como particularmente eficaz para capturar a complexidade das interações humanas e sociais em um contexto concreto. Para Gibbs (2009), a análise de casos específicos oferece uma forma detalhada e rica de investigar o comportamento e as práticas de grupos ou indivíduos, permitindo *insights* que podem ser generalizados dentro de limites precisos, mas que não se restringem à simplificação dos fenômenos observados.

A autora Minayo (2010) também reconhece o estudo de caso como uma metodologia potente para a compreensão de realidades complexas, especialmente quando se busca observar as relações e os processos vivenciados pelos sujeitos no cotidiano. Segundo Minayo (2010), o estudo de caso, quando bem conduzido, permite ao pesquisador uma imersão no campo, gerando uma análise detalhada que vai além da superficialidade e possibilita a construção de teorias e interpretações contextualizadas. Desta maneira, a metodologia de pesquisa desta pesquisa é inspirada na observação

participante e materializada na análise do estudo de caso, garantindo as indicações tanto de Gibbs (2009) quanto de Minayo (2010) para garantir que as informações fossem ricas e contextualizadas.

Por fim, encerro a justificativa metodológica aqui apresentada, sustentada pelas contribuições de Graham Gibbs (2009) e Maria Minayo (2010), validando a escolha do método exploratório e do estudo de caso como estratégias adequadas para alcançar os objetivos desta pesquisa. A flexibilidade do método exploratório, associada à profundidade analítica do estudo de caso, permitiu que o fenômeno fosse investigado de maneira abrangente, rica e contextualizada. Além disso, as orientações teóricas de ambos os autores ajudaram a guiar as escolhas metodológicas e a estruturação da análise, assegurando que a pesquisa fosse conduzida de forma reflexiva e aberta às complexidades do campo investigado.

5.2 APLICAÇÃO METODOLÓGICA

Para o exercício desta aplicação metodológica, levou-se em consideração o Sistema de Ampulheta de Gallauhe com base em algumas aplicações metodológicas do sistema, como, por exemplo, nos artigos de: Romanholo (2014), Araujo (2017) e Campeão (2002). O Sistema de Ampulheta de Gallahue é um modelo teórico utilizado para entender o desenvolvimento motor ao longo da vida, sendo dividido em quatro fases principais, que são: Reflexa, Rudimentar, Fundamental e Especializada.

Com base na análise dos estudos acima citados, utilizou-se esse Sistema como instrumento de apoio para análise da aplicação metodológica, focando no formato da ampulheta, conforme as figuras abaixo. Esta metodologia integrada oferece uma abordagem holística para entender e aprimorar eventos corporativos, considerando tanto o desenvolvimento motor que é conceitual e se utiliza de referências do imaginário coletivo para o seu desenvolvimento quanto o desenvolvimento da experiência de participação do público, possibilitando a construção do imaginário deste público.

A metodologia de pesquisa aplicada a eventos corporativos pode ser enriquecida ao integrar o Sistema de Ampulheta de Gallahue e as versões de Imaginário dos autores Maffesoli e Silva. Essa combinação oferece uma estrutura compreensiva para entender tanto o desenvolvimento motor da participação no evento quanto a construção do imaginário dos participantes ao longo do evento.

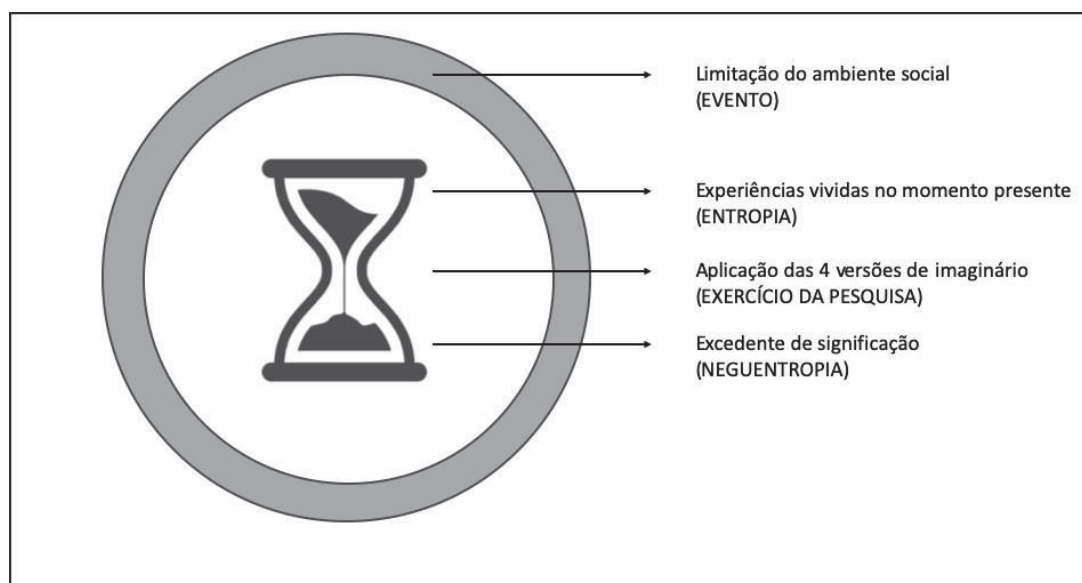
O Sistema de Ampulheta preserva a limitação do ambiente social onde o evento corporativo é realizado, possibilitando a vivência do público na experiência do momento presente, dando significado a essa participação que não tem o objetivo de filtrar ou de transformar o público, e sim, objetiva o respeito a entropia que o cotidiano oferece quanto a quantidade de informações e interações a que as pessoas são submetidas rotineiramente.

Figura 1: Ampulheta como sistema metodológico



Fonte: Imagem de internet com construção desta autora.

Figura 2: Explicação descritiva da Ampulheta como sistema metodológico



Fonte: Imagem de internet com construção desta autora.

A Ampulheta representa o instrumento de explicação metodológico desta pesquisa, demonstrando como as experiências transformam os atores envolvidos em um determinado ambiente social que também influencia a experiência participante. Destaque necessário se dá a utilização das versões de imaginário como ferramentas que conduzem essa experimentação, que são o foco desta pesquisa, possibilitando analisar e, sobretudo e principalmente, interpretar como ocorre essa metamorfose de vivências experimentais.

A seguir, abordamos como esses elementos interagem na formação desta metodologia, sendo quatro análises necessárias para tal entendimento: 1) O evento corporativo como ambiente social delimitado desta pesquisa; 2) A entropia gerada pelas experiências vividas no ambiente social e no momento presente do evento; 3) O exercício da pesquisa utilizando-se das versões de imaginário de Maffesoli e Silva como guias para a instrumentalização da interpretação desta experiência e, por fim; 4) A neguentropia que se dá ao fim da participação do evento, sendo demonstrada nesta pesquisa pelo excedente de significação – que é a última versão de imaginário apresentada por Silva.

5.2.1 Limitação do ambiente social (EVENTO)

No caso desta pesquisa, a limitação do ambiente social é o evento corporativo, local onde a realização do evento se dá, juntamente com o período de tempo que o evento acontece propriamente. Desta maneira, a limitação do ambiente social é qualquer evento

corporativo, servindo como delimitador de tempo e espaço para a análise. A delimitação do ambiente social pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas filosóficas e sociológicas, conforme os conceitos e teorias propostas por autores como Michel Maffesoli, Gaston Bachelard e Edgar Morin. Cada um desses autores oferece uma visão única sobre como o ambiente social é construído e percebido pelos indivíduos, levando em consideração as interações, os afetos, as dinâmicas coletivas e a complexidade das relações humanas.

Para Maffesoli, o ambiente social é fundamentalmente marcado pelas relações emocionais e afetivas que emergem em contextos coletivos e cotidianos. Ele argumenta que, no mundo contemporâneo, as pessoas tendem a formar tribos urbanas ou grupos de afinidade, onde a identidade social não é mais construída apenas a partir de grandes narrativas ou instituições tradicionais, mas a partir de laços emocionais e afetivos mais fluidos e espontâneos. “Enquanto a lógica individualista se apoia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa só existe na relação com o outro” (Maffesoli, 2018, p. 17).

O ambiente social, conforme Maffesoli, pode ser compreendido como uma teia de grupos de afinidade, ou tribos urbanas, que se formam quando indivíduos compartilham interesses, valores e sentimentos comuns. “Nas massas que se difractam em tribos, ou nas tribos que se agregam em massas, esse reencantamento tem como cimento principal uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum” (Maffesoli, 2018, p. 52). Esses grupos não são definidos por estruturas rígidas ou formais, mas sim por uma conexão mais informal e fluida, baseada em afetos e experiências compartilhadas. Para Maffesoli, o ambiente social não é apenas um espaço físico, mas um espaço emocional, onde as relações afetivas são essenciais para a constituição das coletividades. Além disso, o ambiente social se constrói por meio da interação entre os indivíduos, que transcende as relações formais e institucionais. Essa dinâmica reflete a ideia de que as comunidades, ao se estabelecerem no cotidiano das pessoas, são moldadas principalmente pelas relações pessoais e pelo sentimento de pertencimento. “[...] Cria-se uma ‘alma coletiva’ na qual as atitudes, as identidades e as individualidades se apagam. O que, de resto, não impede que essa entidade efervescente possa ser o lugar de uma reapropriação real. Cada um participa desse ‘nós’ global” (Maffesoli, 2018, p. 118). O ambiente social, portanto, surge não apenas a partir das interações racionais ou estruturadas, mas, principalmente, das conexões emocionais e da proximidade humana, que formam a base das relações sociais.

O conceito de ambiente social, quando analisado sob a ótica de Gaston Bachelard, adquire uma profundidade simbólica e emocional. O espaço não é apenas um local físico ou funcional, mas um lugar vivido, impregnado de significados pessoais, memórias e emoções. Bachelard explora como os espaços íntimos – como a casa, o quarto e outros lugares do cotidiano, se tornam fundamentais na formação da identidade social do indivíduo. Para ele, o ambiente social é construído pela relação íntima que o sujeito estabelece com os espaços que habita, influenciando ativamente a maneira como as relações sociais se estruturam e como o sujeito se percebe no mundo. No pensamento de Bachelard, o ambiente social é, essencialmente, o conjunto de espaços de vivência pelos quais as pessoas transitam e transformam ao longo de suas vidas. A casa é o primeiro e mais significativo desses espaços. Ela não é apenas um abrigo físico, mas um espaço de significados profundos, memórias afetivas e experiências pessoais, que molda a maneira como os indivíduos se relacionam entre si e com o mundo. “[...] A casa é, evidentemente, um ser privilegiado, sob a condição, bem entendido, de tomarmos, ao mesmo tempo, a sua unidade e a sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental” (Bachelard, 1993, p. 23).

O ambiente social não é um espaço neutro ou apenas funcional; ele é uma extensão do sujeito, refletindo suas experiências, emoções e memórias. A casa, como o exemplo máximo de espaço vivido, não é apenas um lugar de abrigo, mas um espaço que carrega significados subjetivos e afetivos, influenciando diretamente as relações sociais e as práticas cotidianas. Os espaços que habitamos nos definem tanto quanto nós os transformamos, pois estão impregnados de nossa história pessoal. Eles não servem apenas como abrigos físicos, mas como armazéns de experiências, de emoções passadas que se reativam toda vez que o sujeito interage com esses lugares. “O mundo resistente nos impulsiona para fora do ser estático, para fora do ser. E começam os mistérios da energia” (Bachelard, 2019, p. 16). Assim, o ambiente social, para Bachelard, é uma construção contínua, com a relação entre sujeito e espaço sendo dinâmica e em constante transformação, sendo um espaço vivo, onde as emoções, memórias e imagens simbólicas constantemente interagem, configurando a identidade social e individual.

Essas visões podem ser complementadas com a Teoria da Complexidade de Edgar Morin, que propõe uma abordagem ainda mais abrangente e dinâmica do ambiente social. Morin considera os sistemas sociais como complexos, interdependentes e em constante transformação. “Se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar,

por sua vez o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revelá-lo, e às vezes mesmo a superá-lo” (Morin, 2015, p. 08). Para ele, o ambiente social não pode ser entendido como um conjunto isolado de fenômenos, mas como um sistema dinâmico composto por diversas interações e processos que se influenciam mutuamente. A visão de complexidade sugere que para entender o ambiente social, é preciso adotar uma perspectiva que leve em conta as relações entre os indivíduos, as instituições, os valores culturais, as emoções e outros fatores que atuam simultaneamente e de forma interconectada. A partir dessa abordagem, o ambiente social se configura como uma teia de interações, onde cada elemento se liga aos outros e influencia a dinâmica do todo.

Além disso, Morin destaca a sociabilidade humana como um princípio central na formação do ambiente social. Ele argumenta que o ser humano é, por natureza, sociável, e que a sociedade se constrói a partir da interdependência entre indivíduos, suas ações coletivas e as instituições sociais. Nesse sentido, o ambiente social é uma rede de conexões, que envolve não apenas o indivíduo e os outros seres humanos, mas também as instituições que organizam a vida coletiva e o mundo natural, com o qual o ser humano interage continuamente. “Só existe objeto em relação a um sujeito (que observa, isola, define, pensa) e só há sujeito em relação a um meio ambiente objetivo (que lhe permite reconhecer-se, definir-se, pensar-se etc., mas também existir)”. (Morin, 2015, p. 41). O ambiente social, portanto, não é algo fixo ou estático, mas uma rede viva que evolui a partir das interações complexas e multidimensionais entre seus diversos componentes. Finalmente, Morin amplia a visão do ambiente social ao integrá-lo também ao conhecimento e à comunicação. Para ele, o ambiente social não é apenas físico ou afetivo, mas também cognitivo. “A reforma do pensamento reclama a democracia cognitiva, a qual só é possível a partir de uma reforma do pensamento” (Morin, 2011, p. 125). O compartilhamento de saberes e a troca de experiências influenciam diretamente as relações sociais, contribuindo para a construção de identidades coletivas e para a adaptação das sociedades às mudanças do contexto histórico e cultural. “O paradigma complexo resultará do conjunto de novas descobertas e de novas reflexões que vão se acordar, se reunir. [...] O princípio da complexidade, de todo modo, se fundará sobre a predominância da conjunção complexa” (Morin, 2015, p. 77).

Assim, ao integrar a visão de Bachelard sobre o espaço vivido, a abordagem de Maffesoli sobre as tribos urbanas e a teoria da complexidade de Morin, podemos entender

o ambiente social como um sistema dinâmico e multifacetado, onde as emoções, as relações afetivas, as memórias e as interações sociais são interconectadas e se influenciam mutuamente. O ambiente social é uma construção contínua, que envolve tanto os espaços íntimos e simbólicos, quanto as redes mais amplas de interdependência social, cultural e cognitiva. “O espaço é uma realidade que dura [...]. É sobre o espaço [...] que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças” (Halbwachs, 1990, p. 143). Ao considerar essas diferentes perspectivas, podemos compreender a complexidade do ambiente social e as diversas formas pelas quais ele molda a identidade e as relações dos indivíduos dentro de uma sociedade em constante transformação.

5.2.2 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO MOMENTO PRESENTE (ENTROPIA)

No âmbito desta pesquisa, as experiências vividas e a entropia referem-se especificamente ao que sucede durante a presença do público no período de realização e na área física do evento corporativo. A relevância desta determinação se dá ao campus demarcado de tempo e espaço que é observado com relação ao público visitante. De acordo com as proposições analisadas por autores como Maffesoli e Morin, é percebido o quanto os indivíduos são impactados diária e constantemente por um alto volume de informações e interações, fazendo com que a entropia gerada neste contexto seja necessariamente direcionada quanto ao momento presente.

Maffesoli, em suas obras, propõe uma reflexão sobre as experiências vividas no momento presente, enfatizando a importância de se estar conectado ao agora e aos sentimentos imediatos que ele proporciona. “É a experiência, em suas diversas dimensões, o vivido, em toda a sua concretude, o sentimento ou a paixão que, ao contrário do que se costuma admitir, constituem o essencial de todas as agregações sociais” (Maffesoli, 2018, p. 65). A reflexão sobre o ambiente social e as experiências vividas no momento presente leva-nos a uma análise sobre o impacto da cultura contemporânea na percepção do agora. “O vivido não é sintoma de outra coisa (a verdadeira vida, a sociedade perfeita, o paraíso ou o amanhã que canta); vale por si mesmo e nós temos de apreciar-lhe a força ‘de afirmação’ (mesmo relativa)” (Maffesoli, 1984, p. 07). No mundo moderno, dominado por ritmos acelerados e pela busca constante por produtividade e consumo, o ser humano tem se distanciado da experiência direta e vivencial do presente. Ele defende que a conquista do presente implica em uma nova forma de viver, em que a

ênfase não está no passado ou no futuro, mas na intensidade emocional e nas vivências cotidianas. “[...] O presente nada mais é que a concretização do passado e do futuro. A intensidade vivida agora tem origem naquilo que é anterior e que permite que se desenvolva uma energia futura. Cadeia do tempo. Enraizamento dinâmico” (Maffesoli, 2021, p. 11).

O ambiente social não é apenas o espaço físico em que habitamos, mas é também constituído pelas tribos urbanas ou grupos de afinidade, nos quais os indivíduos buscam, por meio de uma vivência compartilhada e de experiências emocionais intensas, uma reconexão com o agora. Esses grupos não são estruturados de maneira rígida, mas se formam por afinidade, onde os afetos e as experiências do cotidiano são as forças que os mantêm unidos. Neste contexto, as emoções e os sentimentos imediatos tornam-se elementos-chave para a formação do ambiente social e para a maneira como o sujeito se relaciona com o mundo. “A memória como presença do passado. A atenção como presença no presente. A expectativa como presença do futuro. Outra maneira de dizer ‘instante eterno’. Uma eternidade vivida aqui e agora” (Maffesoli, 2021, p.129). Maffesoli nos convida a refletir sobre a importância de experimentar o agora com autenticidade, aproveitando as experiências cotidianas e as relações afetivas, em vez de nos perdermos em ideologias ou em expectativas sobre o futuro.

Porém, a sociedade contemporânea, com a avalanche de informações e estímulos constantes proporcionados pelas redes sociais, pela mídia digital e pela cultura de hiperconectividade, desafia essa vivência direta do presente. É aqui que entra a teoria da complexidade de Edgar Morin, que traz uma contribuição significativa para entender os efeitos desse cenário. “[...] O anel recursivo no qual o conhecimento é produto / produtor de uma realidade sociocultural que comporta intrinsecamente uma dimensão cognitiva” (Morin, 2011, p. 26). A ideia proposta de entropia como um conceito central para compreender os sistemas sociais e a forma como as informações são processadas se refere ao aumento da desordem e da incerteza dentro de um sistema, e a incapacidade de integrar ou organizar informações de maneira eficaz. “A natureza não é desordem, passividade, meio amorfo: é uma totalidade complexa. O homem não é uma entidade isolada em relação a essa totalidade complexa: é um sistema aberto, com relação de autonomia/dependência organizadora no seio de um ecossistema” (Morin, 1973, p. 26). No contexto do ambiente social moderno, o excesso de informações e estímulos, ao invés

de enriquecer a experiência do presente, tende a fragmentar a percepção do agora, criando uma sensação de sobrecarga e desorientação.

A entropia, nesse sentido, pode ser entendida como o resultado da sobrecarga informacional que os indivíduos experimentam na vida cotidiana. “O que caracteriza o sapiens não é uma redução da afetividade em benefício da inteligência, mas, pelo contrário, uma verdadeira erupção psicoafetiva e, inclusivamente, o aparecimento da ubris, isto é, do excesso, do desmedido” (Morin, 1973, p. 106). No mundo atual, estamos constantemente expostos a uma quantidade imensa de informações, muitas vezes desorganizadas, contraditórias e descontextualizadas, que entram em nosso fluxo cognitivo sem um processo adequado de filtragem. Essa saturação de dados cria um ambiente de confusão e desconexão, dificultando a capacidade do sujeito de se concentrar no presente e de viver de forma plena o agora.

A sobrecarga informacional, ao invés de promover uma vivência intensa e autêntica do presente, faz com que o sujeito se perca em um fluxo contínuo de dados e estimulações externas. Isso não só reduz a capacidade de reflexão, mas também gera um aumento da entropia, na medida em que o cérebro se vê obrigado a processar uma quantidade de informações cada vez maior sem ter tempo ou espaço para refletir e organizar adequadamente essas experiências. “Existe menos desordem na natureza do que na humanidade. A ordem natural é muito mais fortemente dominada pela homeostasia, pela regulação, pela programação. É a ordem humana que se desenvolve sob o signo da desordem” (Morin, 1973, p. 108). Em outras palavras, a quantidade de informações que recebemos diariamente acaba gerando um excesso cognitivo que, em vez de ampliar nossa percepção, gera uma desordem informacional que nos distancia da experiência imediata do presente.

Morin, em sua Teoria da Complexidade, argumenta que é necessário adotar uma abordagem integrada e sistêmica para entender os fenômenos sociais e pessoais, e isso inclui a consideração das múltiplas interações e interdependências entre os fatores que influenciam o ambiente social. “Um sistema hipercomplexo é um sistema que diminui as suas restrições ao mesmo tempo que aumenta as suas aptidões organizacionais, designadamente a sua aptidão para a transformação” (Morin, 1973, p. 115). Quando a informação se torna excessiva e desorganizada, o sistema social se torna entropicamente desestruturado, ou seja, os indivíduos perdem a capacidade de conectar suas experiências de maneira coesa e contínua, o que dificulta a vivência plena do momento presente.

Assim, o ambiente social, saturado de informações dispersas e muitas vezes contraditórias, acaba gerando um efeito oposto ao que Maffesoli propõe: em vez de vivermos o presente com intensidade e clareza, nos vemos imersos em uma realidade fragmentada, onde o excesso de dados se torna um obstáculo para a construção de sentido e para a experiência direta.

É nesse ponto que a relação entre os conceitos de entropia e as experiências vividas no presente se torna clara. A quantidade de informações que recebemos diariamente, sem a devida organização ou reflexão, provoca uma sensação de desorientação e distanciamento do agora. Em vez de estarmos conectados ao momento presente, experimentamos uma sensação de perda e fragmentação. Para Maffesoli, isso significa um afastamento da intensidade emocional que poderia ser vivida no agora, enquanto, para Morin, representa um aumento da desordem cognitiva, da entropia no processo de organização das informações. A consonância entre entropia e a quantidade de informações é, portanto, uma realidade crescente na sociedade contemporânea. O excesso de dados e estímulos, sem uma filtragem ou organização adequada, cria um ambiente informacional saturado, o que gera uma desconexão com o momento presente, tornando difícil para os indivíduos viverem de forma plena suas experiências. A teoria de Morin sobre a entropia e a proposta de Maffesoli sobre a conquista do presente apontam para um dilema contemporâneo: em um mundo saturado de informações, a capacidade de se conectar com o agora e de experimentar o presente com intensidade está sendo constantemente desafiada pela sobrecarga informacional que desorganiza a mente e a percepção social. O desafio, portanto, é como equilibrar o fluxo de informações e recuperar a vivência autêntica do presente, sem que a entropia e a fragmentação da experiência dominem nossa realidade.

5.2.3 APLICAÇÃO DAS QUATRO VERSÕES DE IMAGINÁRIO (EXERCÍCIO DA PESQUISA)

A pesquisa se utiliza fundamentalmente das versões de imaginário propostas por Maffesoli e Silva. A sua aplicação concentra-se na utilização das primeiras quatro versões no âmbito da demarcação e da interpretação das experiências vividas pelo público em um evento corporativo. Utilizando-se do Sistema da Ampulheta inserido em um ambiente social limitado - que é o evento corporativo, o participante é livre para viver e conceber todas as oportunidades e vivências propostas, disponíveis e interligadas culturalmente no

momento presente da realização do evento. As quatro versões de imaginário servem, então, para alinhar as experiências e suas interpretações utilizando a teoria da complexidade e o imaginário como ferramenta para este alinhamento. Essa é a grande oportunidade e o brilhantismo que a utilização do imaginário oferece: identificar o vivido segundo o contexto cultural da humanidade, mas perante o histórico de vida de cada participante, possibilitando que os signos do imaginário sejam elencados de acordo com cada pessoa. “Não adianta fazer esforço para apagar essa sociedade local, para ater-me aos sentimentos que experimentei ou reflexões que formulei [...]. Acontecimentos devem realmente se recolocar num lugar onde residi ou pelo qual passei neste momento, e que existe sempre” (Halbwachs, 1990, p. 160).

As quatro versões do imaginário propostas por Silva e Maffesoli – ambiente, ficção compartilhada, fantástico do cotidiano e memória afetiva – desempenham um papel fundamental na organização das experiências vividas no ambiente social e podem ser compreendidas como estratégias de redução da entropia (desordem informacional e emocional) na vida cotidiana. Cada uma dessas versões oferece uma forma de lidar com a sobrecarga informacional, a fragmentação das experiências e a perda de sentido que muitas vezes caracteriza o mundo contemporâneo.

A entropia, conforme abordado por Morin, pode ser entendida como a desordem que surge quando a quantidade de informações ou estímulos se torna excessiva e os indivíduos não conseguem processá-los adequadamente. Em um mundo marcado pela hiperconectividade, o excesso de dados e a falta de filtros podem gerar confusão e desorientação. Nesse contexto, as versões do imaginário propostas por Silva e Maffesoli oferecem formas de organizar as experiências, reduzir a desordem e dar significado ao caos informacional e emocional vivido nas interações sociais.

5.2.3.1 Ambiente: O Espaço Como Organizador das Experiências

O ambiente é a primeira versão do imaginário e está relacionado ao conceito de espaço vivido. Silva e Maffesoli consideram o ambiente social não apenas como um espaço físico, mas como um espaço emocional e simbólico que organiza as relações sociais. O ambiente é o local onde o indivíduo e o grupo constroem suas experiências e sentidos. Ele é o contexto social onde as interações, as trocas e os afetos se dão, e serve como um ponto de ancoragem para as experiências vividas.

Em termos de entropia, o ambiente atua como um fator estabilizador, proporcionando uma estrutura física e simbólica que ajuda a organizar o fluxo de experiências. Por exemplo, a casa ou o bairro não são apenas espaços físicos, mas carregam significados e valores culturais que orientam o comportamento dos indivíduos. O mesmo se aplica para o evento corporativo. O ambiente social, ao ser reconhecido como um espaço estruturante, diminui a desorganização que pode ser causada pelo excesso de estímulos, permitindo que as experiências diárias sejam mais facilmente assimiladas e processadas.

5.2.3.2 Ficção Compartilhada: As Narrativas Coletivas que Criam Coesão

A ficção compartilhada refere-se à criação de narrativas coletivas e mitos que ajudam os indivíduos a se conectarem e a organizarem as suas experiências no mundo. As ficções compartilhadas são essenciais para a construção do imaginário coletivo e da coesão social, permitindo que as pessoas se sintam parte de algo maior, que vai além das suas experiências individuais.

Essa versão do imaginário atua como uma rede de significados que organiza o caos do cotidiano, fornecendo ao grupo um sentido comum. Importante destacar a relevância desta configuração coletiva. A ficção compartilhada, como uma construção simbólica que transcende o indivíduo, oferece um padrão coletivo de interpretação dos eventos corporativos. Ao dar sentido e coesão à experiência coletiva, a ficção compartilhada contribui para a redução da entropia social, ajudando ainda a organizar o fluxo de informações e a reduzir as contradições e confusões que surgem da multiplicidade de pontos de vista e dados disponíveis.

Eventos, de maneira geral e cultural, são fenômenos sociais frequentemente explicados e organizados por meio de narrativas mitológicas, histórias populares ou mitos urbanos. Essas ficções, embora muitas vezes distantes da realidade factual, desempenham um papel essencial na construção da identidade social e no fortalecimento das relações coletivas, proporcionando um sentido compartilhado que organiza o caos informacional da vida em sociedade, reforçando o sentido da experiência e a sensação de pertencimento.

5.2.3.3 Fantástico do Cotidiano: A Imaginação Como Forma de Organização da Realidade

O fantástico do cotidiano é uma versão do imaginário que explora o poder da

imaginação e da fantasia para dar sentido e coesão à vida cotidiana. No mundo contemporâneo, a fantasia e o imaginário têm um papel central na construção da realidade social, especialmente porque as fronteiras entre o real e o imaginário se tornaram mais fluídas. As pessoas buscam no cotidiano momentos de encantamento e maravilhamento, muitas vezes encontrando um sentido simbólico ou extraordinário nas situações mais comuns.

O fantástico do cotidiano permite que o sujeito lide com a entropia emocional e cognitiva ao transformar o mundano em algo extraordinário, ao conferir significados simbólicos a acontecimentos triviais ou cotidianos. Essa forma de imersão na fantasia ajuda a reduzir a sobrecarga emocional, proporcionando uma organização subjetiva da experiência que, de outra forma, poderia ser desordenada e sem sentido.

As experiências vividas em um evento corporativo podem ser vistas como experiências fantásticas que, apesar de cotidianas, se transformam em momentos de reflexão ou de encanto pessoal, reorganizando as percepções e proporcionando uma sensação de harmonia e equilíbrio.

5.2.3.4 Memória Afetiva: A Construção do Passado e o Sentido das Experiências

A memória afetiva refere-se à maneira como o passado é resgatado e vivido no presente, sendo fundamental na organização das experiências sociais. Para Silva e Maffesoli, a memória afetiva não se refere apenas a eventos do passado, mas à reinterpretação e reconstrução emocional de experiências vividas. A memória afetiva permite que o indivíduo dê sentido ao que já aconteceu e traga à tona elementos que ajudam a organizar o presente, reduzindo a entropia temporal.

A ideia que representamos mais facilmente, composta de elementos tão pessoais e particulares quanto o quisermos, é a ideia que os outros fazem de nós; e os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também os mais gravados na memória dos grupos mais chegados a nós. Assim, os fatos e as noções que temos mais facilidade em lembrar são do domínio comum, pelo menos para um ou alguns meios (Halbwachs, 1990, p. 49).

Quando as pessoas revivem suas memórias afetivas, elas não apenas recordam momentos, mas reconstróem e reorganizam essas experiências, dotando-as de um novo significado. Essas lembranças, muitas vezes associadas a sentimentos e afetos, atuam como âncoras emocionais que ajudam a estruturar a percepção do presente, tornando-o mais coeso e menos fragmentado. Em tempos de entropia, a memória afetiva funciona

como um refúgio que organiza a experiência emocional, oferecendo um sentido e coerência ao fluxo de informações e estímulos.

5.2.3.5 Conclusão da Aplicação das Quatro Versões de Imaginário

Referente às quatro versões de imaginário propostas por Silva e Maffesoli – ambiente, ficção compartilhada, fantástico do cotidiano e memória afetiva – pode ser enriquecida quando incorporamos as perspectivas de Bachelard e Durand, que também refletiram sobre o papel do imaginário na organização das experiências humanas, especialmente em um contexto de entropia.

Bachelard destaca a relação profunda entre o sujeito e o espaço vivido. Ele propõe que os espaços íntimos como a casa, o quarto e outros locais significativos são, para o indivíduo, espaços do imaginário que abrigam não apenas sua experiência física, mas também suas memórias, emoções e até suas fantasias. Em relação ao conceito de entropia, Bachelard oferece uma visão que complementa a proposta de Silva e Maffesoli: os espaços, ao serem vividos e significados, reduzem a desordem e organizam as experiências, criando refúgios simbólicos que estabilizam o indivíduo em meio ao caos informacional do mundo contemporâneo. A casa, por exemplo, não é apenas um abrigo físico, mas um universo simbólico que organiza o fluxo de informações emocionais e psicológicas. O mesmo se dá no que concerne ao ambiente social limitado que é o evento corporativo.

Durand, por sua vez, aborda a estrutura do imaginário a partir da analogia e do mito, destacando como os símbolos e arquétipos operam na organização da experiência e da cultura. A ficção compartilhada e o fantástico do cotidiano, tal como discutido por Maffesoli e Silva, podem ser interpretados à luz da teoria de Durand como formas de mitificação da realidade. O imaginário coletivo e social, através da criação de mitos e narrativas simbólicas, ajuda a organizar a realidade social e oferece uma estrutura de sentido que resiste à entropia. Os mitos, com seus símbolos arquetípicos, são formas de reduzir a desordem do cotidiano, ao proporcionar uma linguagem e uma interpretação coletiva que trazem coesão ao caos da experiência social, devido a quantidade de informação que é transmitida aos sentidos e ao cérebro. “Esse mecanismo de duplicidade serve, portanto, para introduzir o imaginário no prosaísmo da vida diária, onde a acentuação do ‘surreal’ confere uma outra dimensão aos objetos, situações e pessoas, sendo apreendidos de uma maneira segunda ‘perversa’” (Maffesoli, 1984, p. 69). Ao integrar as ideias de Bachelard e Durand, a conclusão ganha uma dimensão

mais profunda: as versões de imaginário são não apenas mecanismos de organização simbólica, mas também estruturas cognitivas e emocionais que atuam como defesas psíquicas contra o excesso de estímulos e a fragmentação da realidade. O imaginário não só organiza as experiências individuais e coletivas, mas também proporciona sentidos e narrativas que ajudam os sujeitos a viverem em um ambiente carregado de informações e de complexidade, permitindo-lhes reduzir a entropia e construir uma realidade mais coesa e significativa. “O comer, o vestir, a apropriação do espaço são compostos de sonhos, estetismo, de instrumentalidade, prosaísmo e magia. É o que permite a Morin dizer que ‘o cotidiano e o fantástico são as duas faces de uma mesma moeda’” (Maffesoli, 1984, p. 72).

Essas versões de imaginário – ambiente, ficção compartilhada, fantástico do cotidiano e memória afetiva – ajudam a construir um equilíbrio simbólico entre o sujeito e o ambiente mundano, proporcionando estruturas de sentido que reduzem a desordem emocional e cognitiva, enquanto permitem ao indivíduo e à sociedade lidar com as complexidades da vida cotidiana. Nesse contexto, o imaginário, em suas diversas manifestações, atua como um princípio de organização, permitindo que o sujeito encontre significado e coerência no caos da experiência social, reduzindo a entropia e promovendo uma experiência de pertencimento e continuidade. Assim, o imaginário emerge como uma ferramenta fundamental para a organização simbólica do espaço social e para a manutenção da ordem emocional e cognitiva diante da complexidade e da sobrecarga informacional do mundo contemporâneo.

5.2.4 EXCEDENTE DE SIGNIFICAÇÃO (NEGUENTROPIA)

A relação entre o excedente de significação proposto por Silva e o conceito de neguentropia de Morin, incluindo a vertente da perspectiva de Maffesoli quanto as outras versões de imaginário e as tribos urbanas, pode ser entendida como uma estratégia fundamental de organização e coesão frente à complexidade e ao caos das experiências sociais, oferecendo uma interessante aproximação entre a organização do conhecimento e das experiências vividas com relação a redução da desordem nos sistemas sociais e individuais. Os três pensadores oferecem lentes distintas, mas complementares, visando a compreensão de como os indivíduos e os grupos sociais lidam com a abundância de significados e informações que permeiam o ambiente social contemporâneo. Os conceitos abordam a maneira como os significados e as informações são gerenciados no contexto

da vida social, e como sua organização pode contribuir para reduzir a entropia existente nas experiências humanas e sociais.

5.2.4.1 *Excedente de Significação*

O excedente de significação, conforme proposto por Silva, refere-se à ideia de que as experiências humanas e os fenômenos sociais nunca podem ser totalmente explicados e/ou compreendidos por uma única interpretação ou explicação. Isso implica que, para além dos significados imediatos e aparentes, há sempre um excedente de sentidos e potencialidades simbólicas que permanecem não totalmente captados ou explorados, e sim positivamente contaminados pela vivência e pelo efeito da memória. Esse excedente, ao transbordar das significações convencionais e das explicações formais, é a matéria-prima que alimenta o imaginário coletivo, permitindo a criação de novas narrativas, símbolos e sentidos, os quais são constantemente ressignificados nas interações sociais com base nas vivências pessoais e cotidianas que servem como um terreno fértil para a captação e interpretação de sentidos. O excedente de significação é algo que permite e incentiva a constante atualização das narrativas e dos símbolos que estruturam as relações sociais.

E, ainda, é importante manter-se atento a absorção de estereótipos para a definição de imaginários. “O trabalho de desconstrução crítica, por razões científicas ou ideológicas, ou ambas, pode converter imaginário em estereótipo” (Silva, 2020b, p. 10). O imaginário fundamentalmente deve ser acrítico e, sob esta análise, precisa-se considerar que o imaginário proposto por Silva não deve ser encarado como algo fixo ou imutável, mas como um campo dinâmico e aberto, no qual os significados e interpretações não podem ser consumidos passivamente. Ao contrário, ele exige uma interrogação constante sobre suas origens e funções dentro do tecido social. Isso implica uma abordagem crítica que busque questionar e desconstruir os sentidos dominantes e os mecanismos de poder que moldam o imaginário coletivo independentemente da sua vivência individual. O imaginário não é apenas uma reprodução passiva de significados compartilhados, mas uma atividade criativa e transformadora. Isso exige que as experiências e as representações sociais sejam abordadas com uma postura que não aceite as versões dominantes sem uma avaliação crítica.

Esse movimento de desconstrução crítica do imaginário busca romper com as formas pré-concebidas que limitam a compreensão do social. O imaginário precisa ser

entendido como algo mutável, onde as narrativas sociais não se repetem de forma monolítica ou rígida. Ao invés de aceitar o que é imposto, é preciso constantemente questionar e reorganizar os sentidos que são produzidos e compartilhados coletivamente. Isso implica um processo reflexivo e transformador, no qual as experiências e as memórias sociais são revistas e ressignificadas de forma que se contraponham a uma visão simplista e dogmática do mundo. Estes estereótipos são frequentemente gerados e sustentados por lógicas de poder que visam consolidar determinados valores, credibilidades ou hierarquias sociais. O imaginário, nesse contexto, pode ser usado como uma ferramenta ideológica para legitimar e manter certas relações de poder, perpetuando visões simplistas e estigmatizantes de grupos sociais, comportamentos ou realidades. Silva, ao propor uma abordagem mais livre e flexível do imaginário por meio do excedente de significação, recusa a ideia de uma visão social estática e imutável, apontando a necessidade de desconstruir as construções tradicionais e ideológicas que limitam o olhar sobre o mundo. O imaginário não deve ser simplesmente aceito como uma verdade fixa, mas deve ser constantemente desafiado, através da reflexão crítica que revele as suas contradições e fragmentações. Referente aos estudos que concernem o *mundus imaginalis* de Corbin, objetivamente: “Amplia nossa noção do real. Gera uma transparência e uma penetrabilidade [...]” (Schwarzstein, 2023, p. 10). Desta maneira, é importante manter-se atento para contornar estereótipos e focar na dialética da alteridade primordial. “Em sua dimensão mortal, o homem carrega em si uma alteridade insuperável, e as soluções que elabora só fazem criar novas fontes de alteridade” (Augras, 2009, p. 227).

O excedente de significação é, portanto, potencialmente redutor de entropia porque, ao oferecer uma pluralidade de significados, ele proporciona ao sujeito uma flexibilidade interpretativa que organiza e dá coesão à experiência social. Em um mundo saturado de informações e estímulos, o excesso de significação funciona como uma estratégia simbólica que ajuda a processar e a dar sentido a esse caos informacional. Ele cria espaço para que os indivíduos e as coletividades possam narrar suas experiências, transformando a sobrecarga de dados em histórias e interpretações que tornam o mundo mais compreensível e organizável.

Esse excedente tem uma função crucial na organização do caos social, pois transcende a ordem imediata dos acontecimentos e das informações, oferecendo ao sujeito a capacidade de recompor o sentido da sua realidade a partir de uma pluralidade de

significados. O imaginário, interpretado pelo funil da Ampulheta por meio das quatro versões anteriores de imaginário, ao passar pelo funil é alimentado por esse excedente, transforma o fluxo ininterrupto de estímulos e informações em narrativas e representações que proporcionam coerência e compreensão.

5.2.4.2 *Neguentropia*

O conceito desenvolvido por Morin dentro da teoria da complexidade, refere-se à capacidade dos sistemas de gerar ordem a partir da desordem, ou de reduzir a entropia.

Isso não mostra só a diferença de natureza, de lógica entre os sistemas auto-organizadores e os outros, mostra também que há um elo consubstancial entre desorganização e organização complexa, já que o fenômeno de desorganização (entropia) segue seu percurso no ser vivo, mais rapidamente ainda do que na máquina artificial; mas, de modo inseparável, há o fenômeno da reorganização (neguentropia). Aí está o elo fundamental entre entropia e neguentropia, que não tem nada de oposição maniqueísta entre duas entidades contrárias (Morin, 2015, p. 31).

Em um mundo complexo e caótico, o realinhamento da entropia é essencial para a manutenção da ordem e da coerência dentro dos sistemas. Em sua obra, Morin propõe que os sistemas sociais, e particularmente as sociedades humanas, são sistemas complexos que exigem uma abordagem multidimensional para entender suas dinâmicas e organizar as informações que fluem por esses sistemas.

É o paradoxo da organização viva, cuja ordem informacional que se constrói no tempo parece contradizer um princípio de desordem que se difunde no tempo; este paradoxo só pode ser abordado a partir duma concepção que liga estreitamente ordem e desordem, isto é, que faz da vida um sistema de reorganização permanente baseado numa lógica da complexidade (Morin, 1973, p. 22).

A neguentropia é, portanto, a capacidade de dar sentido ao caos. Isso se dá por meio de processos cognitivos, sociais e culturais. O conhecimento e a comunicação dentro desses sistemas complexos atuam como fatores de organização da entropia, proporcionando não apenas compreensão, mas também a coesão social necessária para o funcionamento contínuo da sociedade.

5.2.4.3 *Relação entre Excedente de Significação e Neguentropia*

O excedente de significação de Silva e a neguentropia de Morin se encontram no ponto onde a organização simbólica e a criação de sentido funcionam como estratégias

para lidar com a desordem e a complexidade das experiências humanas e sociais. O excedente de significação, ao propiciar a criação constante de novos significados, expandindo o repertório interpretativo, ajuda a reduzir a entropia das interações sociais e da experiência individual, tornando as experiências mais compreensíveis e coerentes.

De maneira análoga, a neguentropia envolve a organização das informações dentro de um sistema complexo. Ao oferecer uma infinidade de significados e interpretações, o excedente de significação gera novos processos de organização simbólica que ajudam a reduzir a entropia social e cognitiva, permitindo que a vida social se estruture em um campo contínuo de interpretação e ressignificação. O excedente de significação age como uma força de organização mental e social da entropia na medida em que facilita o fluxo de sentidos e estímulos simbólicos que podem ser constantemente reorganizados, adaptados e atualizados conforme as circunstâncias sociais e históricas, com base nas experiências e seus subjacentes cotidianos. Em um ambiente social como o evento corporativo, sobrecarregado de informações, o excedente de significação permite que as pessoas criem narrativas e ficções compartilhadas que organizam a experiência de forma mais coesa e significativa, reduzindo o caos cognitivo e ajudando os indivíduos a dar sentido à complexidade social da convivência, das experiências e da memória afetiva. Essas narrativas simbólicas, criadas e compartilhadas coletivamente, podem atuar como estruturas cognitivas que auxiliam a organização das vivências.

A relação entre o excedente de significação e a neguentropia pode ser compreendida como uma interação simbólica que visa organizar e reduzir o caos das experiências psicossociais. “A imaginação simbólica é um fator de equilíbrio psicossocial” (Durand, 1995, p. 102). Excedente de significação e neguentropia mostram como, em um mundo saturado de informações e estímulos, a capacidade humana de criar significado e de dar sentido à vida cotidiana age como um princípio de organização que reduz a desordem e proporciona coesão ao sujeito e à sociedade. Nesse sentido, a neguentropia encontra eco no excedente de significação, pois ambos demonstram como a organização simbólica das experiências pode ser uma estratégia fundamental para reduzir a entropia social e emocional, tornando o mundo mais compreensível, coerente e narrável.

6. ESTUDO DE CASO

De acordo com Gibbs (2009), um estudo de caso é uma abordagem de pesquisa qualitativa que envolve uma análise aprofundada e detalhada de um fenômeno específico, geralmente dentro de um contexto real e natural. Gibbs define o estudo de caso como uma investigação que busca compreender o significado e as causas de um fenômeno, situando-o em seu contexto específico, com o objetivo de explorar dinâmicas complexas e relações causais.

Como estudo de caso da metodologia de aplicação desta pesquisa e para materializar a relação do estudo do imaginário sob a vertente do evento corporativo, foram aplicadas as cinco versões de imaginário na análise do evento corporativo Smart City Expo Curitiba 2022.

6.1 FIRA BARCELONA E O SMART CITY EXPO CURITIBA

A Fira Barcelona é uma das maiores e mais influentes instituições de feiras e eventos da Europa. Com sede em Barcelona, ela organiza uma grande variedade de feiras internacionais, congressos e exposições, abrangendo setores como tecnologia, saúde, moda, alimentos e automóveis, promovendo inovação, conhecimento e negócios entre empresas e profissionais de todo o mundo. A Fira Barcelona tem uma forte presença internacional e é uma das principais instituições responsáveis pela organização de eventos focados em inovação tecnológica, cidades inteligentes e sustentabilidade urbana. Entre seus principais eventos globais, destaca-se o Smart City Expo World Congress, realizado anualmente em Barcelona, que é considerado um dos maiores e mais importantes encontros mundiais de cidades inteligentes. Esse evento reúne líderes, especialistas e empresas do mundo inteiro para discutir soluções inovadoras para o desenvolvimento de cidades mais sustentáveis, inteligentes e resilientes.

O evento Smart City Expo Curitiba é uma extensão do Smart City Expo World Congress e segue a mesma filosofia e abordagem de promover a troca de conhecimento e experiências sobre o futuro das cidades inteligentes. O evento em Curitiba, que é realizado anualmente, ocorre sob a coordenação da Fira Barcelona, trazendo o conceito e o espírito do evento original de Barcelona para o contexto brasileiro e latino-americano. A Fira Barcelona, como uma instituição internacional de renome, traz sua expertise e sua rede global de empresas, governos e especialistas para Curitiba, criando uma plataforma para intercâmbio de ideias, tecnologias e boas práticas entre cidades, autoridades públicas

e o setor privado. Isso facilita a internacionalização do evento em Curitiba, alinhando-o aos mais altos padrões globais. Tanto o evento em Barcelona quanto o evento em Curitiba têm como objetivo central discutir como as tecnologias emergentes podem ser aplicadas para resolver problemas urbanos e transformar as cidades em lugares mais sustentáveis, inclusivos e eficientes. O evento de Curitiba, assim como o de Barcelona, foca em soluções inovadoras para temas como mobilidade urbana, energia sustentável, gestão inteligente da água, cidadania digital e urbanismo inteligente. A relação entre os dois eventos permite que Curitiba se beneficie das tendências globais e das inovações apresentadas em Barcelona.

O Smart City Expo Curitiba é um evento de grande relevância para o desenvolvimento das cidades inteligentes no Brasil e na América Latina. Ao reunir governos, empresas, pesquisadores e cidadãos, o evento fortalece a rede global de cidades inteligentes e coloca Curitiba como um exemplo de transformação urbana e sustentabilidade no continente. O evento foi realizado pela primeira vez em Curitiba no ano de 2018 e desde então se tornou um dos maiores eventos do Brasil voltados à discussão sobre cidades inteligentes. O evento foi idealizado a partir da crescente necessidade de discutir os desafios urbanos e as soluções tecnológicas que pudessem tornar as cidades mais sustentáveis, inteligentes e inclusivas. Curitiba, uma cidade reconhecida por suas práticas inovadoras em mobilidade urbana e planejamento urbano, foi escolhida como sede devido à sua experiência em implementar políticas públicas que focam no desenvolvimento sustentável.

Já em sua primeira edição contou com diversos painéis e palestras ministradas por especialistas internacionais e nacionais, reunindo milhares visitantes, incluindo representantes de empresas de tecnologia, governos municipais, pesquisadores, estudantes e profissionais da área de urbanismo, infraestrutura e sustentabilidade. O evento focou principalmente em temas como mobilidade, energia, infraestrutura urbana inteligente e governança digital.

Em 2019, o evento continuou a crescer, com a expansão de sua programação e o aumento das parcerias. Foram apresentados novos temas como tecnologia e inovação aplicadas à gestão urbana, eficiência energética, cidades resilientes e o uso de novas tecnologias, como internet das coisas (IoT), big data, inteligência artificial e cidades conectadas.

A pandemia de COVID-19, que afetou o mundo em 2020, também impactou o Smart City Expo Curitiba. O evento, que antes era exclusivamente presencial, se adaptou para o formato digital, oferecendo palestras e painéis *on-line*. Esse formato não só permitiu a continuidade do evento, mas também ampliou seu alcance, tornando-o mais acessível para um público mais amplo, principalmente os profissionais de tecnologia e urbanismo que estavam distantes fisicamente devido às restrições da pandemia.

6.2 SMART CITY EXPO CURITIBA 2022

O evento foi realizado nos dias 24 e 25 de março de 2022 no Centro de Eventos Positivo, localizado no Parque Barigui, um dos principais espaços de eventos em Curitiba. O tema central da edição de 2022 foi “*Society Leading the Urban Futures*”. O foco deste tema foi discutir o impacto das conexões globais e das tecnologias inteligentes na retomada da vida urbana e da economia no contexto pós-pandêmico. A proposta era repensar as cidades como espaços mais sustentáveis, inclusivos e resilientes, capazes de atender às novas demandas da sociedade contemporânea. O evento reuniu cerca de 10 mil pessoas. Entre os presentes estavam representantes de municípios de várias partes do Brasil e do mundo, pesquisadores, empreendedores, autoridades governamentais e o público geral interessado em inovação urbana. Este amplo espectro de participantes contribuiu para um ambiente de troca de conhecimentos e experiências enriquecedoras. Na área Smart Plaza Vale do Pinhão, espaço central do evento Smart City Expo Curitiba 2022, foram apresentadas diversas inovações de startups, universidades, hubs de inovação e entidades de fomento. Esse espaço foi dedicado a mostrar soluções pioneiras que poderiam ser aplicadas para melhorar a vida nas cidades, destacando-se pela criatividade e pelo potencial de impacto positivo em contextos urbanos. Entre as palestras e painéis de discussão realizados durante o evento Smart City Expo Curitiba 2022, destacaram-se temas cruciais para o futuro das cidades inteligentes. Debates sobre novas soluções para melhorar a eficiência dos transportes públicos, reduzir congestionamentos e promover o uso de veículos elétricos e outras alternativas sustentáveis. Discussões sobre práticas e tecnologias que contribuem para a preservação ambiental, a gestão eficiente de recursos e a mitigação das mudanças climáticas. Exploração de novos modelos de governança que envolvem a participação cidadã, a transparência e a eficiência administrativa. Análise das oportunidades e desafios da digitalização das cidades, incluindo o uso de big data, inteligência artificial e Internet das

Coisas (IoT) para melhorar os serviços urbanos. Abordagem sobre políticas e iniciativas que promovem a equidade e a inclusão de todos os cidadãos, garantindo acesso a serviços básicos e oportunidades iguais. Investigação sobre como novas tecnologias podem ser integradas nas cidades para criar ambientes mais inteligentes e conectados. Especialistas renomados compartilharam suas visões e experiências, promovendo debates aprofundados sobre os desafios e as oportunidades para as cidades inteligentes. Essas discussões forneceram *insights* valiosos para os participantes, permitindo a troca de conhecimentos e a colaboração entre diferentes setores.

Algumas das inovações destacadas no evento Smart City Expo Curitiba 2022 incluíram o Aplicativo Saúde Já que é uma plataforma de saúde digital que permite agendamentos e consultas médicas online, facilitando o acesso aos serviços de saúde para a população. Essa solução é especialmente importante para melhorar a eficiência do sistema de saúde e garantir que mais pessoas recebam atendimento de forma rápida e prática. Também foi destacado o Serviço de Telemedicina, iniciativa pioneira que proporcionou atendimento médico à distância, particularmente relevante durante o período da pandemia. O serviço de telemedicina ampliou o acesso aos cuidados de saúde, permitindo consultas e acompanhamentos sem a necessidade de deslocamento físico. Outro destaque foi o projeto Fazenda Urbana, projeto inovador de agricultura urbana que promove a produção local de alimentos, incentivando a sustentabilidade e a segurança alimentar. A Fazenda Urbana não só melhora o acesso a alimentos frescos e saudáveis, como também educa a comunidade sobre práticas agrícolas sustentáveis. Essas inovações demonstraram o compromisso de Curitiba com a promoção de cidades inteligentes, sustentáveis e inclusivas. O Smart City Expo Curitiba 2022 serviu como uma plataforma essencial para a apresentação e discussão dessas ideias, fomentando o desenvolvimento de soluções que podem ser replicadas em outras cidades ao redor do mundo.

O Smart City Expo Curitiba 2022 consolidou a cidade como um polo internacional de inovação, tecnologia e sustentabilidade. O evento gerou negócios, parcerias e oportunidades de emprego, além de promover a imagem de Curitiba como uma cidade que está na vanguarda das soluções urbanas inteligentes. O impacto do evento foi significativo, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas e iniciativas privadas que visam transformar as cidades em ambientes mais eficientes, inclusivos e sustentáveis. A troca de conhecimentos e experiências durante o evento também

fomentou a criação de novas ideias e projetos que podem ser replicados em outras cidades ao redor do mundo.

6.3 ANÁLISE DOCUMENTAL DO EVENTO

A fotografia de um evento, como o Smart City Expo Curitiba 2022, pode ser vista como um processo de análise que vai além de apenas registrar imagens. As fotos capturam momentos, emoções, interações e detalhes que ajudam a entender o que aconteceu no evento e como as pessoas se relacionaram com os temas discutidos, como tecnologia, sustentabilidade e mobilidade inteligente. As imagens se tornam documentos que podem ser analisados para revelar aspectos mais profundos sobre o comportamento social e cultural do evento.

Nesse sentido, funciona como uma ferramenta para documentação e também para análise etnográfica, que é um método de pesquisa baseado na observação e imersão em determinado ambiente para entender as relações sociais e culturais de um grupo. No caso do evento, a etnografia pode ser realizada ao observar as interações entre os participantes, como eles se engajam com as novas tecnologias e como o ambiente do evento impacta suas ações e pensamentos. Esses registros ajudam o pesquisador a reconstruir o evento e entender melhor os discursos e as práticas que ocorreram, como, por exemplo, como a tecnologia foi vista como uma solução para os desafios das cidades do futuro. A fotografia no evento é mais do que uma simples forma de registrar o que acontece. Ela se torna um instrumento de análise que permite compreender, de maneira mais profunda, as dinâmicas sociais, as relações entre as pessoas e a tecnologia, além de oferecer uma visão sobre os aspectos emocionais e culturais do evento. Assim, as fotos, juntamente com a etnografia e o referencial teórico, ajudam a entender as transformações por meio da análise das versões de imaginário que acontecem em grandes eventos como o Smart City Expo Curitiba 2022.

6.4 VERSÃO: IMAGINÁRIO COMO AMBIENTE OU ATMOSFERA

A materialização do imaginário como ambiente ou atmosfera no contexto do evento corporativo se concretiza, sobretudo, no espaço físico onde o evento ocorre, que se torna, ele próprio, um revestimento simbólico carregado de significados. No caso do Smart City Expo Curitiba 2022, essa materialização não é apenas uma questão de locação de um espaço físico, mas de transformação de um vazio estrutural - como uma construção

de cimento sem uso imediato - em um ambiente ritualizado, onde cada elemento cenográfico e arquitetônico se conecta a uma narrativa específica. Esse processo envolve a construção de uma atmosfera única, onde o espaço deixa de ser apenas um local físico para se tornar um lugar com atribuição de sentido, que se entrelaça com as ideias e mensagens que o evento deseja comunicar.

Ao montar a estrutura do evento em um espaço físico previamente desocupado, passa-se por uma ritualização do espaço, similar aos rituais simbólicos encontrados em diversas tradições culturais, onde o ambiente é preparado e transformado para refletir um contexto ou situação específica. No caso do Smart City Expo Curitiba 2022, a montagem do evento foi pensada para representar a ideia de cidades inteligentes em construção – uma concepção que envolve tempo, evolução e adaptação. O conceito de cidade em construção foi amplamente materializado através de elementos cenográficos como andaimes iluminados, simbolizando tanto o processo de construção constante quanto a ideia de transição e desenvolvimento.

Figura 3: Cenografia do evento



Fonte: Site do evento Smart City Expo Curitiba.

A escolha de plantas verdes naturais foi um ponto fundamental dessa construção simbólica, remetendo à natureza, à sustentabilidade e à ideia de que a cidadania inteligente deve ser respeitosa ao ambiente. A presença das pessoas dentro da cenografia também faz parte desse processo de ritualização do espaço. O ambiente se torna vivo, não apenas por sua composição física, mas também pela participação ativa do público e dos colaboradores, que não são meros observadores, mas sim elementos que contribuem para dar vida à atmosfera do evento. A interação humana e o movimento de pessoas dentro

desse espaço ritualizado transmitem a ideia de uma comunidade em formação, que colabora para a construção e o desenvolvimento da cidade inteligente. Essa conexão do ser humano com a natureza e com o processo de transformação e evolução das cidades propicia uma atmosfera carregada de significados múltiplos e significativos para cada pessoa presente no evento.

Figura 4: Cenografia do evento



Fonte: Site do evento Smart City Expo Curitiba.

Considerando ainda a Teoria da Complexidade de Morin, o evento nesta versão de imaginário como ambiente ou atmosfera, se torna um exemplo prático de um sistema complexo e dinâmico, onde múltiplos elementos interagem e se entrelaçam gerando experiências individuais e coletivas. A ritualização do espaço na análise deste evento pode ser vista como a criação de um sistema aberto, onde as ações humanas, as interações sociais e os símbolos do ambiente se combinam para gerar significados que vão além da mera aparência. Como no conceito de complexidade, o evento não pode ser entendido isoladamente. Ele é interdependente de múltiplos fatores, incluindo o histórico da pandemia que impôs a não realização do evento presencial nos anos de 2020 e 2021, além do contexto das cidades inteligentes e, principalmente, as respostas emocionais e culturais dos participantes. O ambiente cenográfico, portanto, não é apenas um reflexo da temática do evento, mas um espaço vivo, com flutuações e transformações contínuas, em que as percepções e interações dos participantes contribuem para a construção do significado.

coletivo das tribos sociais que se formam durante o seu período de realização.

A leveza da cenografia com andaimes vazados e da natureza por meio de plantas verdes e vivas, além da humanização do evento, também foram concebidas como uma resposta ao contexto social e cultural pós-pandemia. O evento, ao se reencontrar com seu público após um hiato de dois anos, não buscou uma cenografia pesada ou opressiva, mas uma construção que fosse leve, acolhedora e que, ao mesmo tempo, transmitisse a esperança e o otimismo relacionados ao processo de construção das cidades do futuro. Por isso a relevância de trabalhar o imaginário conceitual do ambiente físico com a proposta de criar um ambiente cenográfico que dialoga com as temáticas da evolução, da natureza e da humanização, permitindo que o evento não apenas se torne um espaço de interação e aprendizado, mas um rito de passagem que simboliza a superação de desafios coletivos e a construção de um futuro compartilhado. Pudemos voltar a nos encontrar! O evento corporativo como ritualização de um espaço se configura como uma verdadeira experiência complexa, onde cada elemento simbólico, cada interação humana e cada elemento estrutural no ambiente contribuem para a construção de um imaginário coletivo, que transcende a simples realização de uma feira ou congresso, e se transforma em um momento simbólico e significativo para todos os envolvidos. Abaixo, imagens da cenografia do evento Smart City Expo Curitiba 2022.

6.5 VERSÃO: IMAGINÁRIO COMO FICÇÃO COMPARTILHADA

Fez-se o questionamento dentro do contexto do evento analisado - No Smart City Expo Curitiba 2022, o participante está em uma cidade inteligente ou é parte de uma cidade inteligente? — coloca em evidência um relevante aspecto da ficção compartilhada no imaginário, que se manifesta no próprio formato do evento e em seus elementos simbólicos. O *Key Visual* (KV) do evento, elemento central na construção comunicacional de conceito de um evento e dessa narrativa visual, é composto por contornos simbólicos de uma cidade inteligente, a proximidade com a natureza, representada pelas árvores e espaços verdes, e pelo perfil das pessoas que se vêem dentro deste ambiente. A imagem de fundo do KV, que está exposta abaixo na figura 5, é uma fotografia de uma cidade inteligente real, amplamente reconhecida como modelo de qualidade de vida para seus habitantes. Nessa foto, uma família passeia de bicicleta em um parque urbano, em meio a uma cidade que integra tecnologia, bem-estar e natureza de forma harmônica. A representação transmite a sensação de que a família está

usufruindo dos benefícios proporcionados por uma cidade inteligente – um espaço onde o avanço tecnológico e o cuidado ambiental se alinham para oferecer uma melhoria na qualidade de vida de seus habitantes.

Figura 5: *Key visual* do evento



Fonte: Site do evento Smart City Expo Curitiba.

Este tipo de representação evidencia como o imaginário, como ficção compartilhada, é aplicado no evento corporativo. A ficção compartilhada, conforme descrita, é uma “verdade não demonstrável, passível de descrição e vivida socialmente” (Silva, 2020b, p. 10), um conjunto de imagens e símbolos que formam uma narrativa comum entre os participantes de um evento, criando um sentido coletivo e uma identidade compartilhada. Ao usar a imagem de uma cidade inteligente real como pano de fundo, o evento não apenas cria um ambiente esteticamente agradável, mas também constrói uma narrativa simbólica de como poderia ser a vida em uma cidade idealizada, caracterizada pela integração entre tecnologia, natureza e bem-estar social.

A Teoria da Complexidade de Morin pode ser observada no processo de construção dessa ficção compartilhada. O evento, com sua arquitetura simbólica e suas representações visuais, é uma manifestação de um sistema complexo, onde os múltiplos elementos, como o ambiente, as imagens, os discursos e as interações sociais, se interconectam e se influenciam mutuamente. O imaginário presente no evento não é estático, mas se revela por meio da interação constante entre os participantes, o espaço

cenográfico e as ideias sobre o futuro das cidades. Cada pessoa que se encontra imersa nesse evento se torna parte ativa de uma rede simbólica, onde seu entendimento sobre o que é uma cidade inteligente vai sendo modelado por meio da experiência vivida no evento, da ficção compartilhada que é construída e alimentada pelo ambiente ritualizado do evento que é revestido do KV e do desdobramento do seu conceito criativo.

Ao analisar esse processo como uma ritualização do evento, é possível perceber que o Smart City Expo Curitiba 2022 ultrapassa o contexto de um simples evento comercial; ele se configura como um rito social, no qual os participantes são convidados a vivenciar uma narrativa coletiva sobre as possibilidades futuras das cidades em que se encontram imersos. A construção do espaço físico e a narrativa visual criam um ambiente simbólico que ultrapassa o objetivo de espaço para socialização e transmissão de informações: ele ritualiza o conceito de cidade inteligente, levando os participantes a experimentarem essa realidade por meio de ambientação e tecnologia de forma emocional e sensorial, internalizando a ideia de que estão, de fato, vivendo e interagindo em uma cidade inteligente.

A utilização do KV do evento cumpre seu objetivo dentro da comunicação criativa que visa estabelecer uma imagem visualmente apropriada de conceito e, principalmente, atraente. Mas também é um ponto de entrada para uma ficção compartilhada que convida os participantes a se apropriarem dessa narrativa, transformando a cidade inteligente de uma abstração conceitual em uma experiência vivida e interativa. Nesse processo, a ritualização do evento promove uma experiência coletiva, em que todos os envolvidos, ao compartilharem da mesma visão e da mesma representação simbólica, se tornam parte ativa da construção de uma nova realidade imaginária sobre o futuro das cidades.

A realidade é de dois tipos: primeiro, o mundo significa a totalidade dos objetos materiais existentes ou a soma das condições do mundo exterior. A realidade é pública, objetiva, social e, normalmente, física; segundo, existe uma realidade psíquica não avaliada em espaço - o reino da experiência particular, que é interior, desejosa, imaginativa (Hillman, 1993, p. 11).

O imaginário como ficção compartilhada, portanto, pode ser entendido como um espaço de mobilização simbólica, no qual se alimentam e se perpetuam ideais e valores coletivos, por meio da ritualização do evento e da complexidade das interações sociais, criando um espaço onde os participantes não são apenas espectadores passivos, mas onde

o estereótipo explorado de cidade inteligente é acentuado, possibilitando que se tornem atores que co-criam a narrativa do evento e, por extensão, da cidade inteligente.

6.6 VERSÃO: IMAGINÁRIO COMO FANTÁSTICO DO COTIDIANO

No contexto do evento Smart City Expo Curitiba 2022, a presença do imaginário como fantástico do cotidiano oferece uma oportunidade única para compreender como o extraordinário pode ser integrado ao ordinário, trazendo o futuro para o presente e permitindo que os participantes vivenciem tecnologias inovadoras como parte de sua experiência diária. Esse fenômeno remete diretamente ao conceito de ficção futurista que, muitas vezes, permeia o imaginário popular. Um exemplo claro dessa conexão pode ser visto na referência ao desenho Os Jetsons, cuja visão de um futuro repleto de carros voadores, robôs empregados e reuniões *on-line* se torna uma metáfora às tecnologias avançadas que, de maneira encantadora, já começam a se materializar no presente. A ritualização do evento corporativo, nesse contexto, se configura como um processo no qual o futuro, por meio do fantástico, é apresentado e vivenciado no presente, criando um espaço em que as tecnologias emergentes não são mais vistas como abstrações ou conceitos distantes, mas como realidades tangíveis que podem ser experimentadas diretamente pelo público. No caso do Smart City Expo Curitiba 2022, o evento se torna um ritual simbólico em que os participantes são imersos em uma atmosfera de inovação tecnológica. A cenografia e a estrutura do evento tornam-se uma espécie de templo moderno, onde a tecnologia de ponta se manifesta por meio de veículos elétricos, viaturas da Guarda Municipal de Curitiba movidas por energia elétrica, experiências de realidade aumentada e robôs interativos que reagem ao identificarem a presença física de seres humanos.

Figura 6: Viatura elétrica da Guarda Municipal de Curitiba em exposição no evento



Fonte: Site do evento Smart City Expo Curitiba.

Figura 7: Robô que reage à presença humana.



Fonte: Acervo pessoal.

Esse processo de ritualização pode ser compreendido à luz da Teoria da Complexidade de Morin, que argumenta que os sistemas complexos não podem ser compreendidos isoladamente, mas devem ser analisados em suas múltiplas interações e interdependências. O evento, ao colocar essas tecnologias no centro da experiência, torna-se uma manifestação de um sistema complexo, onde os diversos elementos — tecnologias, interações humanas, expectativas do público e elementos simbólicos — se combinam para gerar um impacto coletivo que ultrapassa a simples exibição de inovações tecnológicas. Os participantes do evento não são apenas observadores passivos, mas sim atores ativos nesse espaço de experimentação, interagindo com as tecnologias, projetando suas próprias visões de futuro e participando da criação de novos imaginários coletivos. As pessoas vivem, enquanto presentes no evento, o fantástico no cotidiano e têm suas memórias povoadas por essa vivência.

A relação entre o fantástico do cotidiano e a ritualização do evento corporativo no contexto do Smart City Expo Curitiba 2022 pode ser vista como uma transformação do ordinário em extraordinário. As tecnologias de ponta, que ainda parecem futuristas em muitos contextos, são apresentadas como partes integrantes da vida cotidiana, quebrando as fronteiras entre o futuro idealizado e o presente possível. O evento funciona, portanto, como uma espécie de ritual de passagem, onde os participantes são convidados a atravessar as barreiras da realidade convencional e experimentar o extraordinário de maneira tangível, fazendo com que o fantástico do cotidiano se torne uma experiência vivida e partilhada por todos.

Ao integrar tecnologias avançadas com o contexto da cidade inteligente, o evento torna-se um campo fértil para a criação de ficções compartilhadas que ajudam a moldar o imaginário coletivo sobre o futuro das cidades e das relações sociais dentro delas. Esse processo de criação de um imaginário coletivo é alimentado pela experiência concreta do evento, onde as tecnologias não são apenas apresentadas como conceitos teóricos, mas são vividas e experienciadas de maneira direta pelos participantes. Como resultado, o evento se transforma em uma experiência simbólica e ritualizada, onde as tecnologias do futuro são experienciadas no presente, criando um ciclo de interações que contribuem para a construção de uma nova realidade imaginária sobre o papel da tecnologia na sociedade.

O evento Smart City Expo Curitiba 2022 oferece uma experiência única em que

o imaginário do fantástico, representado pela visão futurista de cidades inteligentes, se encontra com o cotidiano das tecnologias que já são parte da realidade atual. Essa fusão do extraordinário com o ordinário, possibilitada pela ritualização do evento, cria um espaço onde o futuro tecnológico não é apenas uma projeção distante, mas uma realidade imediata, acessível e interativa, permitindo aos participantes não apenas vislumbrar, mas viver o futuro, transformando o fantástico do cotidiano em uma experiência compartilhada de transformação social e tecnológica.

6.7 VERSÃO: IMAGINÁRIO COMO MEMÓRIA AFETIVA

Ao adentrar o evento Smart City Expo Curitiba 2022, o participante é imediatamente imerso em um processo de ritualização que o conecta a uma memória afetiva coletiva, moldada pelo próprio imaginário da cidade inteligente e pela experiência que se oferece a ser vivida dentro do evento. O primeiro passo nesse processo ocorre ao passar pela secretaria de credenciamento, onde é entregue ao participante um crachá que não apenas o habilita a acessar o evento, mas também o identifica como parte de uma comunidade ritualizada. O crachá, que traz seu nome, cargo e a empresa com a qual ele se relaciona, simboliza sua identidade dentro desse novo espaço social. Ao colocá-lo no pescoço, o participante é, de certo modo, iniciado em um rito de passagem que o insere em uma tribo moderna, a tribo das cidades inteligentes. Esse momento de credenciamento é mais do que um simples processo administrativo: ele marca o momento de integração de um indivíduo a um grupo maior, no qual ele deixa de ser apenas um espectador para se tornar parte ativa do evento.

Essa memória afetiva do participante começa a se moldar a partir dessa ritualização inicial. Ao vestir o crachá, ele internaliza sua entrada em um espaço onde o imaginário das cidades inteligentes se materializa em ações coletivas, interações sociais e experiências compartilhadas. Esse momento, aparentemente simples, carrega um profundo simbolismo: ele não é mais um indivíduo isolado, mas passa a ser parte de um sistema maior, um ambiente coletivo que compartilha de uma mesma visão e de assuntos do mesmo interesse. Ao realizar esse gesto, ele se conecta não apenas com os outros participantes, mas com a narrativa coletiva que o evento propõe. O crachá é o marcador físico e simbólico de sua identidade coletiva dentro do evento, iniciando o ritual de pertencimento.

Ao adentrar o espaço do evento, o participante se vê rodeado por uma tribo maior,

formada pelos diversos grupos que compartilham o imaginário das cidades inteligentes. Cada estande de empresa na área da feira, representa uma tribo menor, com seus próprios valores, ideias e produtos. Cada empresa é um representante de um ponto de vista, seja sobre tecnologia, inovação ou sustentabilidade, oferecendo aos participantes uma oportunidade de se identificar com diferentes aspectos da cidade inteligente. O Governo e suas municipalidades formam outra tribo no evento, trazendo suas visões e ações políticas sobre o desenvolvimento urbano e a integração tecnológica nas cidades. Os palestrantes também formam uma tribo distinta, composta por especialistas e pensadores que compartilham conhecimentos e reflexões, atuando como guardiões do saber sobre a evolução das cidades e os novos paradigmas urbanos.

Figura 8: Equipe de trabalho de um estande expositor, com destaque para o uso do crachá do evento em todos os participantes



Fonte: Site do evento Smart City Expo Curitiba.

Esses grupos interagem de maneira fluida, gerando um sistema complexo de relações e troca de saberes, tal como propõe a Teoria da Complexidade de Morin. O evento, em sua totalidade, é uma manifestação de um sistema aberto e dinâmico, onde os

indivíduos, representando as diferentes tribos, se conectam e se influenciam mutuamente. As interações entre as tribos e os participantes não são lineares, mas se entrelaçam em redes de significados, formando uma complexa rede de saberes, práticas e representações que ajudam a moldar o imaginário coletivo sobre as cidades inteligentes. O evento corporativo não é apenas uma exibição de produtos e ideias, mas um ritual de construção coletiva, onde o futuro das cidades é negociado e reinventado por meio das interações entre seus participantes. “No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos” (Halbwachs, 1990, p. 45).

Cada interação, desde as conversas informais até as palestras e apresentações, contribui para a construção de uma memória afetiva compartilhada. Ao se conectarem com diferentes tribos, os participantes não apenas vivenciam a experiência do evento, mas também se envolvem em um processo de troca de conhecimentos e vivências afetivas. Esse processo é essencial para o desenvolvimento de um imaginário coletivo sobre a cidade do futuro, uma cidade inteligente que é, ao mesmo tempo, tecnológica e humana, eficiente e sustentável, inovadora e acessível.

Dessa maneira, o evento se torna uma experiência ritualizada onde cada participante, ao ser inserido nessa rede complexa de interações, se torna parte de uma memória afetiva coletiva, compartilhada entre tribos e indivíduos, e que reflete o imaginário social em torno das cidades inteligentes. O evento não apenas apresenta tecnologias e inovações, mas também constrói, por meio da interação e da ritualização do espaço e das ações, um novo imaginário sobre o futuro das cidades, um imaginário que será lembrado, revivido e reconfigurado por aqueles que dele participaram.

6.8 VERSÃO: IMAGINÁRIO COMO EXCEDENTE DE SIGNIFICAÇÃO

O Smart City Expo Curitiba 2022, como evento corporativo de grande porte, não se limita a ser uma simples feira ou congresso. Ele se configura, na verdade, como um campo simbólico de significação, um espaço onde múltiplos processos de significação acontecem simultaneamente e em interação. O conceito de excedente de significação, desenvolvido por Silva, ajuda a entender a profundidade simbólica e o impacto emocional que um evento como esse pode ter naqueles que participam dele. A significação do evento vai além da tecnologia exposta ou das discussões formais sobre o futuro das cidades inteligentes. Ela se estende ao ambiente criado, às experiências vividas, ao ritual coletivo

que marca a participação dos indivíduos, criando um imaginário compartilhado que se perpetua por meio das memórias afetivas.

A principal característica do imaginário na perspectiva da hipótese do excedente significativo é a sua posição aquém ou além da verdade por se tratar de uma sobreposição que não postula um caráter realista primário. O imaginário apresenta-se como uma colagem de fragmentos a partir de uma realidade qualquer, que se formula como uma representação complementar. Encaixa-se facilmente nas operações identitárias que articulam pedaços de fatos históricos com as chamadas ‘tradições inventadas’. Nesse sentido, o imaginário é uma super-realidade que suga o passado, sem grandes considerações pelo futuro, em nome de uma vibração no presente. Não seria descabido dizer que o imaginário é presenteísta (Silva, 2017, p. 60).

A noção de excedente de significação proposta por Silva sugere que, além dos significados racionais e utilitários que uma experiência ou evento possa carregar, há sempre um *plus* simbólico, uma camada de encantamento e magia que transcende a lógica direta do vivido. Em seu entendimento, o excedente de significação não é uma simples adição, mas uma purpurina do vivido — ou seja, é o elemento extra, o brilho, o efeito encantado que transforma o cotidiano ou a experiência rotineira em algo que excede a realidade imediata.

Ao relativizarmos a importância desse excedente, é fundamental reconhecer que, embora ele agregue valor emocional e simbólico, ele não deve ser visto como algo que se sobrepõe ou mascara a realidade concreta do vivido. O excedente de significação, enquanto uma camada de encantamento ou magia, não pode ser interpretado como uma fuga ou um escapismo da realidade. Ao contrário, ele está profundamente imbricado nela, sendo uma forma de intensificar, de ampliar e de significar a experiência de modo mais complexo e profundo, mas sem desconsiderar o que é real.

No contexto de eventos como o Smart City Expo Curitiba 2022, o excedente de significação não é simplesmente a purpurina que ofusca ou distorce a percepção dos participantes sobre as tecnologias e inovações apresentadas. Ele é, na verdade, uma maneira de ressignificar a experiência do futuro e de integrar emocionalmente o público a conceitos abstratos e muitas vezes distantes da realidade cotidiana. Mas é relevante ressaltar que essa magia não pode apagar o fato de que as tecnologias, as cidades inteligentes, as inovações apresentadas são muito mais do que fantasias; elas têm um impacto concreto no mundo, na vida das pessoas, e no futuro das sociedades.

O excedente de significação, como purpurina do vivido, pode ser interpretado de forma ambígua: ele é, ao mesmo tempo, o que encanta e atrai, mas também o que pode

obscurecer ou até mesmo disfarçar o peso das questões reais e dos desafios que as tecnologias de cidades inteligentes trazem consigo. Por isso a relevância de se manter atento e cuidadoso quanto aos estereótipos. Ele pode criar uma experiência imersiva e emocionalmente rica, mas ao mesmo tempo, se não for perspicaz, pode gerar uma idealização excessiva, afastando a percepção crítica que precisa acompanhar o uso das novas tecnologias.

O excedente de significação, como purpurina do vivido, não deve ser visto como algo intrinsecamente negativo, mas como um elemento ambivalente que simultaneamente adiciona uma camada de encantamento e beleza à experiência, mas que também pode obscurecer a realidade concreta que precisa ser vivida e enfrentada. Para Silva, esse excesso de brilho e cor não deve se sobrepor ao que é essencial, mas ser entendido como parte de uma experiência simbólica complexa, que inclui tanto o fascínio quanto a crítica, tanto a mágica quanto o realismo.

Ao analisarmos o excedente de significação como um elemento ritualizado, devemos também reconhecer que ele deve ser contextualizado dentro de um processo de reflexão crítica e realista sobre o que as experiências e as inovações tecnológicas realmente significam. A purpurina do vivido, nesse sentido, é um aditivo emocional, mas não pode encobrir as implicações práticas e sociais das tecnologias que se propõem a moldar o futuro das cidades. Ao celebrar o imaginário, é necessário também reconhecer a complexidade dos processos sociais, políticos e ambientais envolvidos, não reduzindo a experiência do evento Smart City Expo Curitiba 2022 a um brilho superficial.

Ao entrar no espaço do evento, o participante é envolvido não apenas pelos conteúdos técnicos apresentados, mas pela atmosfera criada pelo ambiente físico e pela interação com outros participantes. Esse ambiente, composto por estandes interativos, apresentações tecnológicas de ponta e palestras de especialistas, é, na verdade, um ritual de socialização e imersão, um processo simbólico no qual o indivíduo se torna parte de uma tribo urbana moderna. Essa tribo está reunida não só pela temática das cidades inteligentes, mas pela experiência compartilhada do evento, onde cada ação, cada interação, ganha um excedente de significação.

Maffesoli, em seu estudo sobre as tribos urbanas e a sociedade pós-moderna, reforça a magnetização dos sentimentos e das experiências cotidianas em momentos coletivos como criadores de um excedente simbólico, que amplifica a experiência individual. Nesse sentido, no Smart City Expo Curitiba 2022, a significação de estar ali

vai além do ato racional de simplesmente estar presente em um evento de negócios ou tecnologia. Ao se envolver emocionalmente com a proposta das cidades inteligentes e ao vivenciar as tecnologias que moldam esse futuro, o participante começa a atribuir camadas simbólicas e emocionais à sua participação.

Essas camadas não são instantâneas; elas se constroem ao longo da experiência, à medida que o participante entra em contato com a cenografia, os interagentes tecnológicos, as palestras e as discussões sobre o futuro das cidades e se consolidaram posteriormente como excedente de significação. Como Silva aponta, o imaginário não se restringe ao pensamento racional, mas se expande para o subconsciente coletivo, uma realidade simbólica construída socialmente, que é emotiva, fluida e complexa. O evento cria esse campo simbólico ao fornecer elementos que alimentam o imaginário coletivo das cidades inteligentes, de forma que cada participante vivencia uma narrativa única, teatralizada no imaginário, e ao mesmo tempo compartilha dessa experiência com os outros, criando um imaginário coletivo vivo e dinâmico.

Nesse sentido, o evento se torna um ritual coletivo, um rito de passagem, onde as interações entre os participantes, com o ambiente e com as tecnologias expostas, são intensificadas e ritualizadas. O evento ritualiza a experiência do futuro, representando o que virá de forma simbólica, mas também materializando-o na vivência do presente. O futuro das cidades inteligentes não é apenas discutido, mas experimentado, com o participante sendo convidado a vivenciar as tecnologias, mas que, no contexto do evento, são apresentadas como um vislumbre de um futuro possível. Isso cria um excedente de significação que vai além do que é racionalmente entendido: é o fascínio, a magia do futuro que se apresenta de forma tangível.

A relação com a Teoria da Complexidade de Morin é particularmente relevante aqui, visto que os sistemas complexos são aqueles nos quais as interações entre os elementos do sistema geram novas propriedades e resultados imprevistos. O evento corporativo se configura como um sistema aberto e dinâmico, no qual os participantes, os organizadores e os objetos expostos (tecnologias, discussões, cenografias) interagem de forma não linear, criando um espaço de significação emergente. O que cada participante leva consigo ao sair do evento não é uma simples informação ou uma memória isolada, mas um conjunto complexo e interconectado de experiências e significados que vão se entrelaçar e expandir à medida que as pessoas rememoram o vivido ou compartilham suas impressões e percepções com os outros.

O ambiente do evento expande o significado da cidade inteligente, porque ao vivenciar a proposta de uma cidade do futuro, cada participante projeta suas próprias esperanças, medos e desejos sobre essa ideia, criando um excedente de significação que vai além da realização do evento. Esse excedente é gerado pelo ritual de participação no evento e pelas emoções compartilhadas. Em outras palavras, o evento se transforma em um campo simbólico onde o futuro das cidades inteligentes é experimentado não apenas intelectualmente, mas também de maneira afetiva, por meio da emoção, da percepção sensorial e da interação com o outro.

Qualquer sistema de pensamento é aberto e comporta uma brecha, uma lacuna em sua própria abertura. Mas temos a possibilidade de ter metapontos de vista. O metaponto de vista só é possível se o observador-conceptor se integrar na observação e na concepção. Eis por que o pensamento da complexidade tem necessidade da integração do observador e do conceptor em sua observação e em sua concepção (Morin, 2015, p. 76).

O evento corporativo Smart City Expo Curitiba 2022 pode ser compreendido como uma grande teia de significados, onde o excedente de significação não é apenas um reflexo do conteúdo transmitido, mas uma experiência coletiva e ritualizada, em que cada interação contribui para a criação de uma memória afetiva expandida sobre o imaginário das cidades inteligentes. Ao participar desse evento, o indivíduo internaliza a experiência vivida com uma carga simbólica profunda, que se perpetuará não só em sua memória individual, mas também na memória coletiva daquele evento, se entrelaçando com as experiências e significados de todos os outros participantes.

A lembrança da vivência no evento, de acordo com essa versão do imaginário, é recordada com o encantamento que o participante quiser valorizar devido ao *plus* de magia e significação da sua experiência. É a transformação encantada do evento na lembrança teatralizada no imaginário. O evento se torna uma metáfora do processo de construção coletiva do futuro, no qual as tecnologias, as experiências compartilhadas e as interações humanas geram um excedente de significação que transcende o evento em si e se torna parte do imaginário individual do vivido e do imaginário coletivo sobre a cidade inteligente.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente os seres humanos evoluíram de acordo com sua necessidade e realidade ambiental. “Doença é usada para definir bem-estar. A anormalidade marca as fronteiras da normalidade. O desvio marca os limites da conformidade” (Mukherjee, 2016, p. 389). Diferentemente das relações e do convívio social, a “socialidade” (Maffesoli, 2018) é uma estrutura complexa ou orgânica, caracterizada por tribos afetuais organizadas em massas de seres humanos que exercem o papel de pessoas de acordo com os domínios: cultural, produtivo, cultural, sexual, ideológico. Dada a quantidade de interações que o ser humano realiza diariamente na atualidade, principalmente devido a grande quantidade de redes sociais existentes, “o individualismo (tornou-se) um *bunker* obsoleto, e como tal merece ser abandonado” (Maffesoli, 2018, p. 17). Os individualismos, de maneira geral, foram sendo deixados de lado para que os indivíduos participem de grupos com os quais se identificam, prioritariamente devido aos interesses e afinidades que possuem em comum.

Vivemos em uma era marcada por uma ressurgência de formas de sociabilidade baseadas em afinidade, afetividade e pertencimento a comunidades de interesse. Essas tribos contemporâneas representam uma resposta à individualização e à racionalização da sociedade moderna, oferecendo uma fonte de significado e pertencimento para muitos. Maffesoli introduz o conceito de tribalismo para descrever padrões de comportamento social que são característicos da sociedade contemporânea (Maffesoli, 2018). Mesmo que outros autores considerem que essas tribos possam ser efêmeras, ele introduz o conceito de tribos como unidades sociais fundamentais na sociedade contemporânea. O raciocínio dele melhor se desenvolve e melhor se sustenta perante a efemeridade citada por outros autores, visto que essas tribos da socialidade não são necessariamente grupos étnicos ou culturais, mas sim comunidades de afinidade que se formam em torno de interesses, estilos de vida ou valores compartilhados (Maffesoli, 2018).

E, para tanto, este trabalho aponta o imaginário como veículo que proporciona a experiência individual e coletiva, por abranger os mitos e o *imprinting* cultural.

O imaginário é uma aura, uma atmosfera, um 'plus', um excedente, uma interpretação, uma significação, um sentido relevante individual ou socialmente atribuído a um acontecimento. O imaginário é o fato que passou a ter sentido para alguém. Todo imaginário é um revestimento, uma cobertura, uma sequência de camadas aplicadas sobre um acontecimento, uma obra, um fenômeno, um evento, um trauma, um feito. Só há imaginário na medida em

que existe real. O imaginário funciona como acréscimo ao real, não podendo, portanto, prescindir dele. O que é o real? O existente sem a significação atribuída pelo imaginário (Silva, 2017, p. 25).

A proposta metodológica do imaginário, quando aplicada em eventos corporativos, oferece uma ferramenta poderosa para entender e criar experiências significativas para os participantes. A utilização do imaginário permite que as empresas não apenas promovam a marca, mas que conectem seus valores, mitos e rituais aos indivíduos, gerando uma experiência que é tanto pessoal quanto coletiva.

Conforme abordado no texto, o imaginário pode ser visto como uma paleta de cores, em contraste com a realidade cinza e cotidiana. “Existe um imaginário da imaginação e uma imaginação do imaginário. Se a realidade é cinza, o imaginário é uma paleta de cores com infinitos tons vivos” (Silva, 2020b, p. 12). Os eventos corporativos, por sua natureza, lidam com pessoas e suas expectativas, e a proposta do imaginário oferece uma compreensão mais profunda sobre o que habita o inconsciente coletivo. Ao compreender as versões do imaginário dos participantes, os organizadores podem estruturar o evento de forma a atender às suas necessidades emocionais, afetivas e cognitivas, tornando a experiência mais significativa.

Por meio da sugestão metodológica apresentada e do referencial teórico estudado, rito e mito são integrados, sendo o ritual a ferramenta meio à prática do mito. O ritual corporativo favorece o mito contemporâneo que é a marca. A marca tem sua personalidade jurídica, tem sua humanidade, sua antropomorfização, da mesma maneira que, comparativamente, os Deuses; sendo tanto eles quanto as marcas, personas na sociedade cultural. A marca tem sua persona, seu arquétipo e sua personalidade em características como o tom de voz, por exemplo. A marca tem um lado humano com sua personalidade e um outro lado divino que é mítico, subjetivo e imaginário.

Como aqui demonstrado, há o ritual no consumo da marca e também no mercado corporativo. Perante a sociedade, o mito é a marca, é a personificação e a identidade. O ritual corporativo como apresentado no consumo e na geração de experiência de eventos, faz parte de uma construção mítica desse elemento que chamamos marca, dessa personalidade que chamamos marca, dessa entidade que denominamos marca. Essa entidade invisível e imaginária é essa força que a marca tem e que os rituais corporativos procuram agregar para essa marca.

No evento Smart City Expo Curitiba 2022, a análise das versões de imaginário mostrou que a chave para um evento bem-sucedido vai além da simples organização logística, envolvendo a construção de uma experiência que considere o vínculo entre o eu e o outro, o individual e o coletivo. O imaginário pode ser um guia essencial para organizar essa experiência, pois ele proporciona um entendimento mais profundo dos valores e das narrativas culturais que moldam a percepção do público. Ao aplicar a metodologia do imaginário, pode-se estruturar o evento de maneira a facilitar esse encontro simbólico, fazendo com que o participante se sinta parte de uma narrativa maior, onde sua vivência tem um papel relevante.

O conceito de tribos contemporâneas de Maffesoli é crucial para este embasamento, pois ele nos ajuda a entender que as pessoas estão cada vez mais conectadas por afinidades e interesses comuns. No contexto de eventos corporativos, isso significa que, para alcançar um impacto real, a organização deve considerar as comunidades de interesse às quais seus participantes pertencem, promovendo experiências que atendam a esses grupos específicos. O uso do imaginário, ao lidar com os mitos e rituais que compõem a identidade da marca e a vivência do evento, facilita essa conexão, transformando o evento em uma vivência coletiva que transcende o simples consumo de produtos ou serviços.

A metodologia apresentada no texto oferece uma maneira eficaz de entender e aplicar, interpretar e aplicar esses conceitos no contexto de eventos corporativos. Essa abordagem ajuda a transformar a complexidade da comunicação em algo organizado e significativo, permitindo que os organizadores sintam as experiências dos participantes e interpretem o que elas significam no contexto cultural e social mais amplo.

A proposta metodológica do imaginário pode ser utilizada em eventos corporativos para criar experiências mais profundas e impactantes. Ao compreender as versões de imaginário, as empresas podem projetar eventos que não apenas atendem às expectativas do público, mas que também criam uma narrativa poderosa, capaz de fortalecer a conexão entre a marca e os participantes, proporcionando um senso de pertencimento e significado. Isso é particularmente relevante em um mundo cada vez mais afetado pela entropia das interações diárias, onde a experiência vivida no evento oferece a possibilidade de neguentropia – a organização e o excesso de significação que tornam o evento verdadeiramente transformador.

O evento sempre se refere às pessoas, suas expectativas, do consumo da marca e da experiência do público. A organização do evento busca entender, durante o planejamento, o que habita realmente no imaginário das pessoas que participarão do evento, para poder atendê-las e satisfazê-las com a construção de um evento e a vivência de uma experiência com valor e significado.

A complexidade está na quantidade de interações que recebemos diariamente e que são recebidas desordenadamente (entropia). Contudo, com a aplicação das versões de imaginário em um ambiente controlado como o evento corporativo, as experiências vividas se organizam (neguentropia) e resultam no excedente de significação apresentado por meio da metodologia de análise da Ampulheta que utiliza as versões de imaginário. Assim, a metodologia se mostra possível, visto que a quantidade de informações é ampla e, posteriormente, se afunila sob o funil para depois se ampliar novamente a partir da complexidade do excedente de significação.

“É preciso reconhecer fenômenos, como liberdade ou criatividade, inexplicáveis fora do quadro complexo que é o único a permitir sua presença” (Morin, 2015, p. 36). Por meio desta dissertação e a parte da complexidade do imaginário, estamos justificando uma classificação de imaginário que apesar de ser grande e incomensurável, estamos exercendo um exercício pedagógico, um exercício didático, um exercício analítico para capturar o imaginário que é tão abstrato e dar consistência a ele pelo caminho das cinco versões de imaginário que percebemos como determinada possibilidade de análise metodológica, mas nunca determinante, por ser uma pontinha de conexão e de aplicabilidade a aqui apresentada.

O que aqui pesquisamos se demonstra possível como opção de resposta, sendo importante ressaltar que a pesquisa precisa ser aplicada em campo em uma sequência maior de estudo, podendo ser o doutorado um caminho para o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Carlos Eduardo Souza; SILVA, Dayane K. Melo. Decolonialidade e comunicação contracolonial no tempo das catástrofes. **Extraprensa**, São Paulo, v. 17, n. 1, jul./dez. 2023. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/219380>>. Acesso em: 11 jan 2025.
- ANAZ, Sílvio; AGUIAR, Grazyella; LEMOS, Lúcia; FREIRE, Norma; COSTA, Edwaldo. Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. **Revista Nexi**. n. 3, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/nexi/issue/view/1324>>. Acesso em: 20 fev 2024.
- ARAUJO, Douglas; MATHEUS, Felipe; BRUNO, Marlon. **O desenvolvimento da criança nas perspectivas de Gallahue, Vygotsky e Wallon**. 2017. 18 p. Projeto de Pesquisa (Graduação de Licenciatura em Educação Física) - Universidade Católica de Brasília, Pró-Reitoria de Graduação, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/123456789/10904/1/DouglasAraujoTCCGraduacao2017.pdf>>. Acesso em 02 jan 2025.
- AUGRAS, Monique. **Imaginário da magia: magia do imaginário**. Petrópolis: Vozes; Editora PUC, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário - uma proposta metodológica. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.33, n.2, p. 125-143, jul./dez. 2010.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova; CONTRERA, Malena Segura. Estudos do Imaginário: a iniciação como método. In: Denize Araujo; Ana Taís Martins Portanova Barros; Malena Contrera; Rose de Melo Rocha. (Org.). **IMAG(EM)INÁRIO. Imagens e imaginário na Comunicação**. Porto Alegre/Curitiba: Imaginalis, 2018, v. 1, p. 22-36.
- BOUCHARD, Gerard. **Social myths and collective imaginaries**. Toronto: University of Toronto Press, 2017.
- CAMARGO, Hertz Wendel de. **Mito e filme publicitário: estruturas de significação**. Londrina: Edue, 2013.
- CAMARGO, Hertz Wendel de. **Mitologia de marca: as seis dimensões da mitologia estratégica**. Londrina: Syntagma Editores, 2020.
- CAMPEÃO, Márcia da Silva. **Proposta de Ensino de Bocha para Pessoas com Paralisia Cerebral**. 2002. 132 p. Dissertação. (Mestrado da Faculdade de Educação Física) -

Universidade Estadual de Campinas. Pós-Graduação, Campinas, 2022. Disponível em: <<https://1library.org/document/yjk30v6q-proposta-ensino-bocha-para-pessoas-com-paralisia-cerebral.html>>. Acesso em 02 jan 2025.

CESCA, Cleuza G. Gimenes. **Organização de eventos: manual para planejamento e execução**. São Paulo, SP: Summus, 2008.

CONTRERA, Malena S. **Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo**. 2 ed. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.

DUARTE, Alice. A antropologia e o estudo do consumo: revisão crítica das suas relações e possibilidades. **Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, volume 14 (2), 2010. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/etnografica/329>>. Acesso em: 14 jun 2022.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução: Hélder Godinho. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução: Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1995.

FELINTO, Erick. “O Mito é o Nada que é Tudo”: Imaginário, Atmosfera e a Mídiosfera. In: **Anais do 31º Encontro Anual da COMPÓS, 2022, Imperatriz. Anais eletrônicos**. - Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/o-mito-e-o-nada-que-e-tudo-imaginario-atmosfera-e-a-midiosfera?lang=pt-br>> Acesso em: 14 Jul. 2024.

FELINTO, Erick. Imaginário e atmosfera: noções para a pesquisa em comunicação. In: FELINTO, Erick; FERNANDES, Cíntia Sanmartín (org.). **Veredas da imaginação, territórios do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2024. cap. 01, p. 12 - 35.

FIRA BARCELONA. **FIRA**. Disponível em: <<https://www.firabarcelona.com/en/>>. Acesso em 27 jul 2024.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc**. Tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GLOBAL STUDY: ROI of Customer Experience, 2022. **Qualtrics XM Institute**. Disponível em: <<https://www.xminstitute.com/research/global-roi-customer-experience-2022/>>. Acesso em 20 abr 2022.

GLOBAL STUDY: The State of Customer Experience Management, 2024. **Qualtrics XM Institute**. Disponível em: <<https://www.xminstitute.com/research/state-cx-management-2024/>>. Acesso em 10 mai 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Tradução:

Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HEILMAIR, Alex Florian; BAITELLO JUNIOR, Norval. A imagem como outro do corpo: considerações acerca da antropologia da imagem em Hans Belting e Dietmar Kamper. **Matrizes/USP**, vol. 13, n. 3, p. 139-159. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1430/143066289011/html/>. Acesso em: 04 jun 2022.

HILLMAN, James. **Cidade & alma**. Tradução: Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 5.0**: tecnologia para a humanidade. Tradução: André Fontenelle. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

LINDSTROM, Martin. **A lógica do consumo**: verdades e mentiras sobre por que compramos. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. Revista **FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Tradução: Juremir Machado da Silva. - 4ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia**: uma ecologia para nosso tempo. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021.

MALRIEU, Philippe. **A construção do imaginário**. Tradução: Susana Sousa e Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**: a natureza humana. Tradução: Hermano Neves. Paris: Editions du Seuil, 1973.

MORIN, Edgar. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). In: Francisco Menezes Martins; Juremir Machado da Silva. (Org.). **A genealogia do virtual**: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias**: habitat, vida, costumes, organização. Tradução: Juremir Machado da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose e necrose. Tradução de Neurose de Maura Ribeiro Sardinha; Tradução de Necrose de Agenor Soares Santos. 11 ed. Rio de Janeiro:

Forense, 2018.

MUKHERJEE, Siddhartha. **O gene: uma história íntima**. Tradução: Laura Teixeira Motta. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PEDUZZI, Pedro. Setor de eventos vê sinais positivos de retomada das atividades. **Agência Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-11/setor-de-eventos-ve-sinais-positivos-de-retomada-das-atividades>>. Acesso em: 04 jun 2022.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

PEREZ, Clotilde. **Há limites para o consumo?** Coordenadora: Lucia Santaella. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2020.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. 2 ed. Curitiba: CRV, 2017.

RIENO, Lucas Santiago Arraes; BUENO, Thaís Cristina; GEHLEN, Marco Antônio; ARAUJO, Ed Wilson Ferreira. Um olhar da Comunicação sobre o imaginário e a pós-modernidade: entrevista com Juremir Machado. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 41, p. 04-13, jan./abr. 2018.

RIES, Julien. **Mito e rito: as constantes do sagrado**. Tradução: Silvana Cobucci Leite. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.

RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ROMANHOLO, Rafael Ayres; BAIA, Fernando Costa; PEREIRA, Joeliton Elias; COELHO, Eduarda; CARVALHAL, Maria Isabel Mourão. Estudo do desenvolvimento motor: análise teórica do modelo de desenvolvimento motor Gallahue. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, Gale Academic OneFile, v. 8, n. 45, p. 313+, 2014. Disponível em: <<https://link.gale.com/apps/doc/A390188182/AONE?u=anon~bebde5c3&sid=googleScholar&xid=1192714d>>. Acesso em 19 jun 2024.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; PERONDI, Ildo. **Rito, mito e símbolo como fenômenos religiosos e sociológicos**. Curitiba: InterSaberes, 2020.

ZANELLA, Luiz Carlos. **Manual de organização de eventos: planejamento e operacionalização**. São Paulo, SP: Atlas, 2006.

SCHWARZSTEIN, Marco André. (Org.). **Mundos imaginais: segundo Corbin, Hillman e Jung**. 1 ed. Brasília: Academia Imaginal, 2023.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento. O que é o imaginário?** A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2020a.

SILVA, Juremir Machado da. Cinco versões de imaginário. **Memorare**, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 08-14, set./dez. 2020b.

SILVA, Juremir Machado da. **Aura e Imaginário**: produção em revista. Porto Alegre: Sulina, 2021a.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer**: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2021b.

SILVA, Juremir Machado da (et al.). **Dicionário Michel Maffesoli**. Porto Alegre: Sulina, 2024.

SMART CITY EXPO CURITIBA, 2022. **Smart City Expo Curitiba**. Disponível em:
<<https://smartcityexpocuritiba.com/scecwb2022/>>. Acesso em 27 jul 2024.